



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

CARLOS MAYCON ALMEIDA SANTOS

**DESORDEM INFORMACIONAL COMO SISTEMA ADAPTATIVO COMPLEXO:
modos visuais na desinformação sobre universidades**

SÃO LUÍS
2025

CARLOS MAYCON ALMEIDA SANTOS

**DESORDEM INFORMACIONAL COMO SISTEMA ADAPTATIVO COMPLEXO:
modos visuais na desinformação sobre universidades**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Estudos da Linguagem.

Linha de Pesquisa: Estudos de Linguagem e Práticas Discursivas.

Orientador: Prof. Dr. João da Silva Araújo Júnior.

SÃO LUÍS
2025

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Santos, Carlos Maycon Almeida.

DESORDEM INFORMACIONAL COMO SISTEMA ADAPTATIVO COMPLEXO
: modos visuais na desinformação sobre universidades /
Carlos Maycon Almeida Santos. - 2026.

110 p.

Orientador(a): João da Silva Araújo Júnior.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em
Letras/cch, Universidade Federal do Maranhão, São Luís,
2026.

1. Desinformação. 2. Sistemas Adaptativos Complexos.
3. Semiótica Social. 4. Gramática do Design Visual. I.
Araújo Júnior, João da Silva. II. Título.

CARLOS MAYCON ALMEIDA SANTOS

**DESORDEM INFORMACIONAL COMO SISTEMA ADAPTATIVO COMPLEXO:
modos visuais na desinformação sobre universidades**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. João da Silva Araújo Júnior

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. João da Silva Araújo Júnior (Orientador)
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Prof. Dr. Júlio Araújo (Avaliador externo)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profª. Dra. Ana Lucia Rocha Silva (Avaliadora interna)
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Prof. Dr. Alex Alves Egido (Avaliador suplente)
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

À minha mãe, Maria da Conceição (in memoriam), que, antes de partir, me pediu que não deixasse de estudar. Essas palavras foram perturbações no sistema adaptativo complexo chamado minha vida, que a moveram para outro estado e me levaram de feirante a professor. A ela, que foi a condição inicial de toda a minha trajetória acadêmica, dedico cada conquista, pois tudo o que sou e tudo o que serei devo a ela.

AGRADECIMENTOS

À Senhora das Águas Doces, Nochê Oxum, e ao Orixá da Justiça, Babá Xangô, obrigado por terem escolhido meu Ori e iluminado o meu caminhar. Ao guardião dos mundos, senhor das encruzilhadas, das minhas costas, da minha casa e dos meus caminhos: Exu. À família de Légua, minha gratidão pela presença em minha caminhada. Sei que não basta ter caminho, é necessário caminhar bonito e, nessa caminhada, sou grato ao meu povo, aos encantados e aos encarnados.

À minha mãe, Maria da Conceição (in memoriam), agradeço por me ensinar a enfrentar os problemas com coragem. Foi a senhora que, desde sempre, me ofereceu amor e me ensinou a amar. Nos momentos em que pensei em desistir, foram as recordações de sua doce voz que me fizeram lembrar de onde vim e por que continuo.

Ao meu pai, Carlos Magno, que esteve ao meu lado nos primeiros passos da minha trajetória escolar. Foi durante o ensino fundamental que o senhor me guiou. Infelizmente, a vida impôs limites ao seu corpo. Ainda assim, creio, com a mais pura certeza, que, se a saúde não lhe tivesse sido arrancada, teríamos caminhado lado a lado até este ponto. Dedico, portanto, este momento ao que poderíamos ter vivido.

À minha irmã, minha parceira de vida, que, quando a ausência de nossos pais nos exigiu maturidade precoce, caminhou ao meu lado. Nossa adolescência, marcada por lutas, foi também o terreno onde floresceu nossa amizade. Como escreveu Cora Coralina: “Fiz a escalada da montanha da vida, removendo pedras e plantando flores”.

Ao meu querido professor e excepcional orientador, João da Silva Araújo Júnior, minha profunda gratidão. Desde o segundo período da graduação, sua presença é de grande importância. Agradeço pelas broncas, pela atenção e pela dedicação que não se restringiu aos limites da sala de aula. Sua orientação me ensinou que crescer também é confrontar-se.

A Edson, meu querido amigo, com quem compartilho os sonhos. Obrigado por permanecer depois de ter visto o pior lado de quem sou. Por estar mesmo após ter vislumbrado o que há de mais difícil em mim.

Aos meus maiores presentes do mestrado, Kathy, Talliandra e Carlos Bruno: sem a companhia de vocês, concluir esta jornada não teria sido possível. Agradeço pelas inúmeras conversas, longas e enriquecedoras, que suavizaram o peso dos prazos e contribuíram para que eu chegasse até aqui.

Às minhas irmãs de orientação, Lívia e Vera, pela companhia nas tardes de café e pesquisa. Agradeço também àqueles que me concederam a primeira oportunidade quando eu

ainda não possuía experiência em sala de aula. Jamais esquecerei de quem abriu as primeiras portas: os coordenadores Dona Rosa (in memoriam), Celiomar e Cláudia, bem como a diretora Hosana, que, em diversas ocasiões, me liberou para participar de eventos acadêmicos. Além disso, agradeço àquela que começou como colega de profissão e se tornou uma grande amiga: Aline. Obrigado pelas dicas e pelo apoio até aqui.

À Sunshine, que foi a luz do sol em momentos escuros, minha eterna gratidão.

Aos professores da banca, Júlio Araújo, Alex Egido e Ana Lucia Silva, minha gratidão pelas contribuições valiosas.

À FAPEMA, pelo financiamento desta pesquisa.

Aos amigos de fora do meio acadêmico, que estiveram presentes ao longo dessa jornada. Não menciono nomes aqui, mas cada um tem um lugar especial no meu coração.

“Uma mentira pode dar a volta ao mundo no mesmo tempo que a verdade leva para calçar seus sapatos”

Mark Twain

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo geral analisar os modos visuais presentes na desinformação sobre universidades, juntamente com os comentários relacionados, com o intuito de compreender de que forma o imagético contribui para o processo de vinculação da ideia de verdade, bem como as implicações do seu uso. A partir disso, estabeleceram-se quatro objetivos específicos, a saber: I) Identificar os modos visuais utilizados na elaboração de desinformação sobre as universidades; II) Examinar como os modos visuais são organizados na desinformação para a construção de sentido, com base na análise proposta pela Gramática do Design Visual (GDV); III) Compreender de que maneira os modos visuais presentes na desinformação interagem com o modo escrito para construir sentidos; e IV) Investigar as implicações do uso de modos visuais na desinformação, considerando a sensibilidade às condições iniciais, com base na análise dos comentários de usuários em postagens contendo desinformação. Para isso, apoiamos-nos em Wardle e Derakhshan (2023), para discorrer sobre a desordem informacional e a desinformação; em Morin (2011) e Larsen-Freeman e Cameron (2008), para tratar dos Sistemas Adaptativos Complexos (SACs); e em Hodge e Kress (1988), para discutir a Semiótica Social (SS). O material empírico foi composto por três textos de desinformação sobre universidades, verificadas pelas agências AFP, E-farsas e Lupa, bem como pelos comentários de usuários relacionados a essas postagens. Como ferramenta analítica, utilizou-se a GDV (Kress; van Leeuwen, 2006). Na análise dos comentários, considerou-se a sensibilidade às condições iniciais, característica fundamental dos SACs. Os resultados sugerem que as imagens desempenham um papel significativo na criação de sentido nas composições multimodais da desinformação, favorecendo a construção de uma aparência de verdade. Assim, essas imagens mobilizam emoções e podem reforçar crenças, intensificando a fluência cognitiva do leitor e favorecendo a adesão ao conteúdo.

Palavras-chave: Desinformação. Sistemas Adaptativos Complexos. Semiótica Social. Gramática do Design Visual.

ABSTRACT

This study aimed to analyze the visual modes present in disinformation about universities, along with the related comments, in order to understand how imagery contributes to the process of associating information with the idea of truth, as well as the implications of its use. Based on this objective, four specific goals were established: (I) to identify the visual modes used in the construction of disinformation about universities; (II) to examine how visual modes are organized within disinformation to construct meaning, based on the analytical framework proposed by the Grammar of Visual Design (GVD); (III) to understand how the visual modes present in disinformation interact with the written mode to produce meaning; and (IV) to investigate the implications of the use of visual modes in disinformation, considering sensitivity to initial conditions, based on the analysis of users' comments on posts containing disinformation. For this purpose, the study draws on Wardle and Derakhshan (2023) to discuss information disorder and disinformation; on Morin (2011) and Larsen-Freeman and Cameron (2008) to address Complex Adaptive Systems (CAS); and on Hodge and Kress (1988) to discuss Social Semiotics (SS). The empirical material consisted of three disinformation posts about universities that were fact-checked by the agencies AFP, E-farsas, and Lupa, as well as users' comments related to these posts. The Grammar of Visual Design (Kress & van Leeuwen, 2006) was used as an analytical tool. The analysis of the comments took into account sensitivity to initial conditions, an essential feature of Complex Adaptive Systems. The results suggest that images play a significant role in meaning-making within multimodal disinformation compositions, contributing to the construction of an appearance of truth. Thus, these images mobilize emotions and may reinforce beliefs, increasing readers' cognitive fluency and favoring their acceptance of the content.

Keywords: Disinformation. Complex Adaptive Systems. Social Semiotics. Grammar of Visual Design

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Imagem de protesto de universitários nus não é de Minas Gerais	14
Figura 2 - Influenciadores de marketing digital ensinam como criar notícias falsas para vender produtos	16
Figura 3 - Efeito borboleta	24
Figura 4 - Design dos signos	29
Figura 5 - Representacional: narrativo processo de ação transacional	40
Figura 6 - Representacional: narrativo processo de ação não transacional	41
Figura 7 - Representacional: narrativo processo de ação bidirecional	41
Figura 8 - Representacional: narrativo processo reacional de ação transacional	42
Figura 9 - Representacional: narrativo processo reacional não-transacional	43
Figura 10 - Representacional: narrativo processo verbal	44
Figura 11 - Representacional: narrativo processo mental	44
Figura 12 - Representacional: conceitual processo classificacional	45
Figura 13 - Representacional: conceitual processo analítico	46
Figura 14 - Representacional: conceitual processo simbólico atributivo	47
Figura 15 - Representacional: conceitual processo simbólico sugestivo	47
Figura 16 - Contato - Demanda	49
Figura 17 - Contato - Oferta	50
Figura 18 - Plano fechado	51
Figura 19 - Plano médio	51
Figura 20 - Plano aberto	52
Figura 21 - Ângulo Frontal	53
Figura 22 - Ângulo Oblíquo	53
Figura 23 - Ângulo vertical inferior	54
Figura 24 - Modalidade-Tecnológico	55
Figura 25 -Modalidade - sensorial	55
Figura 26 - Modalidade - abstrato	56
Figura 27 - Modalidade - naturalístico	56
Figura 28 - Valor de Informação Dado/Novo	58
Figura 29 - Saliência	59
Figura 30 - Enquadre/estrutura	60
Figura 31 - Publicação de Donald Trump no Twitter acusando a mídia de produzir “fake news”	61
Figura 32 - Tweet de Jair Bolsonaro acusando a Folha de S.Paulo de divulgar “fake news”	62
Figura 33 - Desordem informacional	63
Figura 34 - Layout página inicial do site AFP	74
Figura 35 - Layout página inicial do site E-farsas	75
Figura 36 - Layout da página inicial do site Agência Lupa	75
Figura 37 - Desinformação 1	80
Figura 38 - Comentários na desinformação 1	84
Figura 39 - Comentários na desinformação 1	84
Figura 40 - Desinformação 2	85
Figura 41 - Comentários na desinformação 2	88
Figura 42 - Desinformação 3	89
Figura 43 - Comentários na desinformação 3	93

LISTA DE SIGLAS

AFP - Agence France-Presse

GDV - Gramática do Design Visual

SACs - Sistemas Adaptativos Complexos

SS - Semiótica Social

LA - Linguística Aplicada

PC - Paradigma da Complexidade

PI - Participante Interativo

PL - Partido Liberal

PQ - Pesquisa Qualitativa

PR - Participante Representado

STF - Supremo Tribunal Federal

USP - Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	PARADIGMA DA COMPLEXIDADE E OS SISTEMAS ADAPTATIVOS COMPLEXOS	18
2.1	Características dos sistemas adaptativos complexos	20
2.1.1	Dinamicidade e Não linearidade	21
2.1.2	Emergência, Auto-organização e Adaptabilidade	22
2.1.3	Abertura, Sensibilidade às Condições Iniciais e Atratores	22
3	SEMIÓTICA SOCIAL, MULTIMODALIDADE E GRAMÁTICA DO DESIGN VISUAL	26
3.1	A Semiótica Social	26
3.2	Multimodalidade: a construção de sentido a partir de diversos modos semióticos	33
3.3	A Gramática do Design Visual	35
3.3.1	A Metafunção Representacional	37
3.3.2	A Metafunção Interacional	47
3.3.3	A Metafunção Composicional	56
4	DESORDEM INFORMACIONAL E SISTEMAS ADAPTATIVOS COMPLEXOS	60
4.1	A desinformação como subsistema complexo da desordem informacional	65
5	PERCURSO METODOLÓGICO	70
5.1	Questões, suposições e objetivos de pesquisa	70
5.2	Caracterização da pesquisa	72
5.3	Lócus da pesquisa	72
5.4	Material empírico da pesquisa	75
5.5	Procedimentos de análise	76
6	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	78
6.1	Análise da desinformação 1	79

6.2	Análise da desinformação 2	84
6.3	Análise da desinformação 3	88
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
	Referências	97

1 INTRODUÇÃO

Figura 1 - Imagem de protesto de universitários nus não é de Minas Gerais



Fonte: Página da web Lupa (2019).

A figura acima se refere a uma desinformação que viralizou em 2018, nela afirma-se que estudantes e professores da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) teriam realizado um protesto contra o ex-presidente Jair Bolsonaro. A desinformação, acompanhada de fotos de pessoas que estavam nuas em um ambiente universitário, circulou com milhares de compartilhamentos e comentários indignados. Contudo, a imagem foi tirada em 2001 e mostra pessoas nuas posando para um ensaio na cidade de Melbourne, na Austrália, não tendo qualquer vínculo com a UFMG, como verificou a agência Lupa (2019). Nesse sentido, ao ser deslocada de seu contexto original e associada à universidade brasileira, a imagem passa a operar como “prova visual” de uma suposta degradação do ambiente acadêmico.

Casos como esse revelam que a desinformação não apenas distorce fatos, mas é um problema sociodiscursivo capaz de explorar crenças prévias, produzir percepções, afetos e reações coletivas. No Brasil, a desinformação ganhou grande visibilidade durante as eleições presidenciais de 2018. Desde então, passou a ser tema recorrente em diversos espaços, como na academia, na escola, na universidade, em casa, entre outros. Embora o termo tenha se popularizado recentemente, a prática não é inédita: ela atravessa diferentes momentos históricos (Santaella, 2018). O que a diferencia, no entanto, é que, atualmente, a desinformação consegue atingir um público muito maior devido às plataformas digitais.

Neste trabalho, compreendemos a desinformação como um fenômeno que se reorganiza conforme o contexto e as condições de circulação, assim, não há uma única forma que esse fenômeno possa assumir. Há conteúdos que, embora pareçam informativos, baseiam-se em contextos falsos. Em outros casos, a desinformação se apresenta por meio de conteúdos fraudulentos. Além disso, há conteúdos manipulados, que distorcem informações

verdadeiras, bem como conteúdos fabricados, inteiramente inventados (Wardle; Derakhshan, 2023).

Esses diferentes formatos reforçam a complexidade do fenômeno e a necessidade de compreendê-lo de forma crítica e contextualizada. Desse modo, compreendemos que uma análise adequada da desinformação deve considerar tanto sua complexidade quanto sua dimensão multimodal.

Nesse sentido, a Teoria da Complexidade tem sido amplamente adotada como fundamento teórico-epistemológico em diversas pesquisas no campo das ciências humanas. Muitas dessas pesquisas têm se concentrado na análise dos Sistemas Adaptativos Complexos (SACs), os quais são caracterizados pela presença de múltiplos agentes e elementos que interagem de diversas maneiras ao longo do tempo (Larsen-Freeman; Cameron, 2008). A desinformação, que consideramos como um SAC, escapa a explicações reducionistas e demanda um olhar que considere as relações dinâmicas desse fenômeno. Diante disso, optamos por tratá-la como um sistema em constante transformação, em que diversos agentes se influenciam mutuamente.

Assim, a proposta de analisar esse fenômeno sob a perspectiva da complexidade dialoga com o caráter mestiço e nômade da Linguística Aplicada Crítica (LAC), que busca tornar-se transmutável, podendo, dessa forma, responder rapidamente às mudanças do nosso tempo (Veiga; Araújo Júnior, 2022). É considerando essa abordagem da Linguística Aplicada, voltada para questões sociais marcadas por desigualdades e para o papel central da linguagem nesse processo (Silva, 2020), que buscamos compreender o fenômeno da desinformação como SAC.

Nesse viés, busca-se romper com respostas genéricas, permitindo um olhar atento ao caráter dinâmico da desinformação. Não podemos compreender esse fenômeno apenas como um conjunto de informações falsas, mas como um fenômeno em constante mudança, influenciado pelas interações entre os seus agentes e por outros sistemas igualmente complexos. Essas interações produzem ajustes contínuos nas estratégias desinformativas, permitindo que produtores de desinformação se adaptem a mecanismos de checagem, por exemplo.

Nesse cenário, é relevante observar como elementos visuais contribuem para a “validação” de determinada desinformação. Partimos da hipótese de que imagens não ilustram apenas, elas convencem. O imagético pode funcionar como atalhos de credibilidade, especialmente quando simulam ambientes universitários ou marcas jornalísticas. Portanto, o uso estratégico de imagens para reforçar a aparência de veracidade atua como um importante

recurso na construção de sentido, como é possível observar na figura abaixo:

Figura 2 - Influenciadores de marketing digital ensinam como criar notícias falsas para vender produtos¹



Fonte: Soares (2024)

De acordo com Soares (2024), o imagético na desinformação é tão relevante para a persuasão que, atualmente, existem empresas especializadas que ensinam e comercializam ferramentas que replicam visualmente portais como G1 ou CNN Brasil. Essa simulação gráfica atua como um recurso persuasivo, pois mobiliza a confiança do público-alvo. Dito de outro modo, a desinformação opera para além do modo escrito, pois pode mobilizar elementos visuais capazes de produzir sensação de autenticidade. Portanto, imitar o design de portais jornalísticos consagrados pretende conferir autoridade ao conteúdo falso. O imagético, então, pode funcionar como marcador de confiabilidade à desinformação.

Ao observar tais práticas, notamos a importância do imagético na construção de efeitos de verdade, aspecto que será explorado a partir da perspectiva da Semiótica Social (SS). Consideramos a SS relevante para nosso objetivo, pois ela passou a considerar todos os modos semióticos que acompanham a linguagem verbal. Em outras palavras, não somente o modo escrito será levado em consideração, mas também os efeitos visuais. Estão, portanto, no mesmo nível de importância, quaisquer que sejam os modos de comunicação (fala, escrita, imagem e outros), bem como os recursos semióticos (gestos, tom de voz, cores, texturas, tamanhos, entre outros) presentes no texto (Hodge; Kress, 1988).

¹ Neste trabalho, escolhemos não usar o termo "notícias falsas", por entendermos que ele não dá conta da complexidade do fenômeno. Ainda assim, essa expressão poderá aparecer em citações de outros autores, já que muitos ainda a utilizam em suas abordagens.

Frente a isso, a SS nos leva à multimodalidade, que é uma característica presente em qualquer texto. Para a SS, a investigação da multimodalidade procura entender como os modos semióticos são empregados em contextos sociais com o propósito de comunicação. A multimodalidade consiste no uso de dois ou mais modos semióticos na transmissão de informações e está evidente tanto em textos predominantemente escritos quanto em textos visuais, sonoros ou cinematográficos (Kress; van Leeuwen, 2001).

À face do exposto, diversos métodos foram desenvolvidos a fim de estudar modos semióticos, como a tipografia (van Leeuwen, 2006), as cores (Kress; van Leeuwen, 2002), entre outros. Neste estudo, utilizamos as categorias elaboradas por Kress e Van Leeuwen (2006), descritas na Gramática do Design Visual (GDV), que visa a analisar imagens a fim de revelar os significados presentes em textos multimodais. Tendo isso em conta, a GDV visa a descrever como os mais variados recursos utilizados nas imagens contribuem para formar o significado, ou seja, a mensagem a ser transmitida. Silva e Barbosa (2021) destacam que a análise das imagens por meio da GDV contribui para desmistificar a ideia de que o visual é apenas um adereço do texto linguístico, demonstrando que ele possui um significado ideológico. Por isso, trabalhamos com a hipótese de que esses elementos visuais são escolhidos de modo estratégico, para reforçar uma ideia de verdade e reforçar visões negativas sobre as universidades.

Nesse viés, torna-se pertinente explicitar a pergunta que buscamos responder. Assim, temos como questão central: de que forma os modos visuais presentes na desinformação sobre universidades contribuem para a vinculação da ideia de verdade, e quais são as implicações do seu uso? Para responder a tal questão, partimos da suposição de que os modos visuais utilizados na desinformação são estrategicamente selecionados para simular características de veracidade e que, como implicação, o uso de certas imagens pode reforçar visões preconcebidas sobre o ambiente universitário. Diante disso, o objetivo geral desta pesquisa consiste em analisar os modos visuais presentes na desinformação sobre universidades, juntamente com os comentários relacionados, com o intuito de compreender de que forma o imagético contribui para o processo de vinculação da ideia de verdade, bem como as implicações do seu uso.

Dessa forma, estabelecemos quatro objetivos específicos: I) Identificar os modos visuais utilizados na elaboração de desinformação sobre as universidades; II) Examinar como os modos visuais são organizados na desinformação para a construção de sentido, com base na análise proposta pela GDV; III) Compreender de que maneira os modos visuais presentes na desinformação interagem com o modo escrito para construir sentidos; e IV) Investigar as

implicações do uso de modos visuais na desinformação, considerando a sensibilidade às condições iniciais, com base na análise dos comentários de usuários em postagens contendo desinformação.

No que diz respeito aos procedimentos metodológicos, esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de natureza descritiva e documental. O material empírico é composto por desinformação sobre universidades, verificadas pelas agências AFP, E-farsas e Lupa, bem como pelos comentários de usuários relacionados a essas postagens. Como ferramenta analítica, utilizamos a GDV, de Kress e Van Leeuwen (2006). Na análise dos comentários, considera-se a sensibilidade às condições iniciais, característica fundamental dos SACs.

Dado o exposto, este estudo justifica-se pela necessidade de compreender a complexidade da desinformação, na qual múltiplos agentes interagem de forma não linear e imprevisível. Essa abordagem permite ampliar o olhar sobre esse fenômeno, considerando suas dinâmicas, seus efeitos e suas implicações sociais. Observamos que as universidades têm se tornado alvos preferenciais de campanhas de desinformação, já que estão inseridas em um cenário marcado por ataques à produção científica. Em outras palavras, a circulação de conteúdos falsos sobre esses espaços busca desacreditar a pesquisa e o ensino. Dessa forma, compreender como elementos imagéticos contribuem para validar e disseminar essas narrativas é de grande importância para identificar os mecanismos persuasivos da desinformação.

Para cumprir os objetivos desta pesquisa, o primeiro capítulo é dedicado ao Paradigma da Complexidade e aos Sistemas Adaptativos Complexos. Nele, discutimos a origem do pensamento complexo, sua incorporação no campo da Linguística Aplicada e as principais características que definem um SAC. O segundo capítulo aborda a Semiótica Social: a partir de um panorama histórico dessa abordagem, aprofundamos os estudos sobre multimodalidade e gramática do design visual, elementos fundamentais para compreender os modos visuais na desinformação em ambientes digitais.

O terceiro capítulo apresenta o fenômeno da desinformação, buscando compreendê-lo sob a perspectiva da complexidade. A quarta parte do trabalho é dedicada à descrição dos procedimentos metodológicos adotados na pesquisa. Em seguida, o quinto capítulo traz a análise dos dados coletados, e o sexto reúne as principais considerações.

2 PARADIGMA DA COMPLEXIDADE E OS SISTEMAS ADAPTATIVOS COMPLEXOS

Neste capítulo, propomo-nos a discutir o Paradigma da Complexidade como uma abordagem que rompe com o pensamento reducionista². Buscamos, primeiramente, apresentar as bases conceituais desse paradigma, conforme formulado por Edgar Morin e outros autores, destacando como ele oferece uma nova forma de compreender os fenômenos da realidade. Em seguida, abordaremos o conceito de SACs, discutindo suas principais características, princípios e implicações para a análise de fenômenos, especialmente a desinformação. Assim, este capítulo cumpre a função de fundamentar teoricamente o olhar complexo adotado nesta pesquisa, esclarecendo os conceitos que servirão de base para as análises posteriores.

Durante muito tempo, o pensamento reducionista buscou defender uma posição epistemológica de que era possível explicar os objetos reduzindo-os a suas partes mais simples. Esse princípio é entendido por Morin (2011) como paradigma simplificador, que busca unificar o que é diverso. Tal visão, contudo, fragmentava o conhecimento, assim, os cientistas passaram a perceber que os fenômenos não eram plenamente compreendidos por essa abordagem, visto que ela parecia limitar o entendimento do objeto de estudo.

Consideramos pertinente uma discussão sobre a fragmentação do conhecimento, pois ela ajuda a compreender as bases do pressuposto epistemológico que a complexidade vem problematizar. Em outras palavras, esse debate é de grande relevância, sobretudo porque os estudos contemporâneos da linguagem foram, em grande parte, construídos com base em um método de caráter extracionista. Inclusive, ainda é possível perceber essa fragmentação em diversas vertentes da própria LA³, o que reforça a necessidade de abordagens que contemplem a interconexão e a não linearidade dos fenômenos.

Em vista desse paradigma simplificador, Morin (2011) defende a necessidade de uma nova concepção científica, o que, conseqüentemente, faz emergir o Paradigma da Complexidade como uma nova visão epistemológica. A emergência dessa nova perspectiva está diretamente relacionada ao próprio significado do termo "complexidade", que remete à interconexão entre os elementos de um sistema.

O vocábulo vem do Latim *complecti*, significando entrelaçar, cercar, circundar,

² Para Morin (2002), o pensamento reducionista é limitado por sua incapacidade de perceber o contexto em que os fenômenos ocorrem. Ao desconsiderar as interações entre as partes e o todo, esse tipo de abordagem compromete a compreensão de diversos fenômenos. "O pensamento reducionista continua a procurar de modo míope a causa e o efeito, a determinar o bem e o mal, a nomear o culpado e o salvador. Continua a eliminar toda a ambigüidade, toda incerteza." (Morin, 2002, p. 112).

³ Para um aprofundamento dessa discussão, sugerimos o trabalho de Nascimento e Silva (2015): "A propósito de Linguística Aplicada" 30 anos depois: quatro truismos correntes e quatro desafios.

composto de com, junto. A origem lexical reforça a ideia que buscamos destacar neste trabalho, ou seja, compreender a complexidade implica reconhecer as relações e interdependências que constituem os fenômenos. No caso da desinformação, isso significa entendê-la não como uma simples notícia falsa, mas como o resultado de interações entre atores humanos, algoritmos, entre outros. Assim, tais elementos não atuam de maneira isolada, mas se influenciam mutuamente, produzindo efeitos emergentes, como a amplificação acelerada de determinados conteúdos e a formação de bolhas informacionais.

No senso comum, o termo “complexidade” geralmente é associado a algo difícil ou complicado. É comum ouvirmos expressões como “essa prova está muito complexa” ou “matemática é complexa demais para mim”. Nesses usos, o termo funciona como sinônimo de dificuldade, contudo, neste estudo, complexidade é utilizado com um significado distinto, baseado na perspectiva de Morin (2015, p. 15):

O que é complexidade? A um primeiro olhar, a complexidade é um tecido (complexus: o que é tecido junto) de constituintes heterogêneos inseparavelmente associadas: ela coloca o paradoxo do uno no múltiplo. Num segundo momento, a complexidade é efetivamente o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos que constituem nosso mundo fenomênico. Mas então a complexidade se apresenta com os traços inquietantes do emaranhado, do inextricável, da desordem, da ambiguidade, da incerteza.

Ressalta-se, entretanto, que não existe uma única ciência da complexidade, isto é, o Paradigma da Complexidade representa uma integração teórica de várias abordagens científicas que compartilham a ideia de complexidade como modelo epistemológico (Araújo Júnior, 2013). Isso porque, como explica Kuhn (2013), um paradigma científico é um conjunto de princípios teóricos e epistemológicos que são aceitos e compartilhados pelos membros de uma comunidade científica.

Um dos motivos dessa variedade terminológica é que a ideia de complexidade surgiu de maneira simultânea, nas décadas de 1940 e 1950, em diversas áreas do conhecimento (Pickering, 2012). Como consequência, o pensamento complexo está presente em muitos campos do saber, como resposta aos desafios específicos de cada área, como na botânica, em que as aplicações da complexidade às Ciências Vegetais são evidentes (Souza; Buckeridge, 2004); na saúde, a Enfermagem pode ser vista como um sistema adaptativo complexo, interagindo constantemente com outros sistemas também complexos, como os serviços médicos, odontológicos e psicológicos (Vieira *et al.*, 2009).

Entendemos que a complexidade é uma característica intrínseca do mundo, podendo ser reconhecida por quem nunca ouviu falar, pois torna-se inegável a sensibilidade das interconexões que moldam a vida. Nas relações cotidianas, por exemplo, são nítidas as

diversas características da complexidade. Até mesmo situações aparentemente simples estão conectadas por uma rede complexa que compõe a nossa existência, como o ato de enviar uma mensagem pelo celular ou deslocar-se até o trabalho. Enviar uma mensagem envolve ferramentas tecnológicas, servidores, algoritmos de transmissão, redes de telecomunicação, entre outros; deslocar-se até o trabalho pressupõe sistemas de mobilidade, políticas públicas, condições climáticas, infraestrutura viária, entre outros. Essas ações corriqueiras estão conectadas a múltiplos elementos que interagem entre si, compondo uma rede dinâmica que sustenta a nossa existência.

Segundo Leffa (2006), diversos fenômenos estão interligados no tempo e no espaço, mesmo que essas conexões possam parecer distantes. Na LA, além da expressão sistema complexo, usa-se o termo sistemas adaptativos complexos (Paiva, 2011; Costa, 2020; Leffa, 2016, entre outros). Dessa forma, com base no pensamento de Morin (2005), Braga (2011) define o SAC como compostos por agentes e elementos interconectados, estes estão em constante interação com o ambiente e ajustam-se continuamente para garantir sua sobrevivência. Esses elementos, por sua vez, também podem ser outros sistemas complexos que interagem continuamente entre si.

Nesse sentido, entendemos que essa visão dialoga diretamente com o objeto deste estudo, pois as dinâmicas da desinformação também se estruturam por interações e interdependências. A estrutura de um SAC está relacionada ao comportamento que nasce a partir das interações entre seus elementos e à constante ação e reação deles. Essas interações geram mudanças que não podem ser explicadas por apenas uma regra, bem como reduzidas a um único nível de análise. Além disso, nos SACs, cada agente se encontra em um ambiente que é resultado de suas interações com os demais agentes do sistema, agindo e reagindo de forma constante ao que os outros agentes fazem (Braga, 2007).

Com base nas discussões sobre o conceito de complexidade, percebe-se que inúmeros fenômenos podem ser compreendidos à luz dessa teoria. Dessa forma, emerge a questão de como fenômenos aparentemente distintos podem ser compreendidos como SAC. Para compreender essa questão, torna-se essencial aprofundar a compreensão das características dos SACs, aspecto que será explorado a seguir.

2.1 Características dos sistemas adaptativos complexos

Nesta subseção, abordaremos as principais características que compõem um SAC. Entre elas, destacam-se a dinamicidade, a não linearidade, a emergência, a auto-organização, a adaptabilidade, a abertura, a sensibilidade às condições iniciais e a presença de atratores.

2.1.1 Dinamicidade e Não linearidade

A dinamicidade se destaca por ser uma das propriedades fundamentais para entender o funcionamento desses sistemas, pois resulta das interações contínuas entre seus agentes (Nascimento, 2011). Em um SAC, essas interações provocam mudanças constantes, visto que os elementos estão sempre buscando por adaptação e equilíbrio. Em virtude dessa natureza dinâmica, um SAC nunca estará totalmente estabilizado, mas sim em um estado permanente de mudança e adaptação. Dessa forma, a organização de um SAC, segundo Nascimento (2011, p. 62), “traduz-se na dinâmica, no fluxo contínuo de desequilíbrio → organização/reorganização → equilíbrio, etc., mudando sempre, mas mantendo sua identidade em estados de equilíbrio”.

A partir disso, entendemos que a dinamicidade dos SACs não deve ser interpretada como simples instabilidade, mas como um princípio organizador do próprio sistema. A variação constante não destrói o fenômeno, mas o renova constantemente. Dado que a dinamicidade implica mudanças constantes, emerge a questão de como um sistema pode alcançar estabilidade sem perder sua natureza dinâmica. Nesse sentido, Larsen-Freeman e Cameron (2008, p. 44) afirmam que:

o estado de um sistema em um determinado tempo é seu comportamento corrente, os padrões de atividade de seus elementos e agentes. A palavra estado aqui difere do uso corrente, que implica falta de dinamicidade, e o leitor é encorajado a pensar em estado de um sistema dinâmico em termos de movimento ou atividade.

Tendo em vista o exposto, por entendemos que a mudança e a estabilidade são traços caracterizadores de um SAC, destacamos a dinamicidade da desinformação enquanto tal sistema. As estratégias utilizadas por criadores de desinformação não permanecem fixas ao longo do tempo, pois evoluem a partir das perturbações sofridas pelo sistema. Entre essas perturbações, destacam-se a atuação de agências de checagem de fatos. Quando uma informação é desmentida por checadores, sua circulação pode ser reduzida. Em resposta a esse cenário, produtores de desinformação adaptam suas estratégias, passando, por exemplo, a reformular narrativas. Em outras palavras, essas estratégias se modificam em resposta à checagem de fatos, às novas ferramentas digitais, às mudanças de comportamento dos usuários, entre outros fatores.

Com relação a não linearidade, entende-se que ela é resultado da dinâmica das interações entre os agentes de um SAC. Em um sistema considerado não linear, observamos que a relação entre causa e efeito é desproporcional, mesmo que apresente características lineares em alguns momentos (Larsen-Freeman, 1997). Em nossa leitura, essa característica é essencial para pensar a desinformação, já que uma única mensagem pode gerar repercussões

desmedidas, a depender dos contextos e das interpretações produzidas pelos agentes envolvidos. Além disso, ela explica o surgimento de novos padrões, tema que discutimos a seguir.

2.1.2 Emergência, Auto-organização e Adaptabilidade

A emergência, segundo Larsen-Freeman e Cameron (2008), é o surgimento em um SAC de um novo estado em um nível de organização superior ao anterior, resultante das interações entre os elementos do sistema. A desinformação, dessa forma, não pode ser entendida somente como o resultado da ação intencional de certos sujeitos, mas emerge das múltiplas interações entre humanos, algoritmos, mídias, entre outros.

A auto-organização, por sua vez, surge a partir das adaptações realizadas ao longo do tempo. Essa característica está relacionada à capacidade dos SACs de se ajustarem naturalmente ao seu contexto, permitindo a formação de novas estruturas essenciais para a dinâmica dos sistemas complexos. Nascimento (2011, p. 66) afirma que “um SAC caracteriza-se pela sua auto-organização dinâmica que o mantém longe-de-equilíbrio, mudando, adaptando-se e, ao mesmo tempo, mantendo a estabilidade de sua identidade”. Essa afirmação reforça a ideia de que o equilíbrio, nos SACs, é sempre provisório e autorregulado.

Além disso, os SACs também se destacam por sua adaptabilidade. Essa característica os diferencia de outros sistemas, visto que as mudanças e a adaptação visam à melhora do próprio sistema. Convém ressaltar que, segundo Holland (1955), a adaptação está ocorrendo o tempo todo, assim, os SACs estão constantemente evoluindo. Consideramos que essa adaptabilidade é o que garante a sobrevivência e a relevância de tais sistemas em contextos “instáveis”. No caso da desinformação, por exemplo, ela pode se manifestar na habilidade do sistema de ajustar suas estratégias frente às tentativas de controle e checagem.

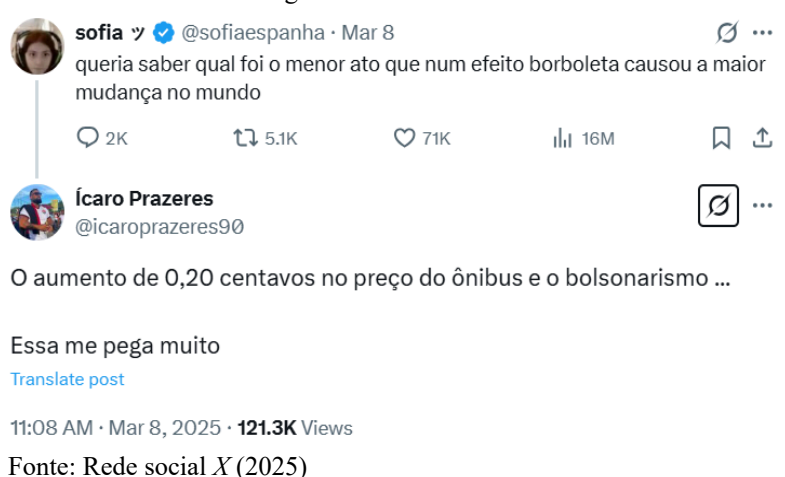
2.1.3 Abertura, Sensibilidade às Condições Iniciais e Atratores

A abertura é uma das propriedades essenciais dos SACs, pois é ela que permite a entrada de energia e matéria externa. Em tais sistemas, a abertura é o que impulsiona as mudanças, pois esses sistemas não oferecem resistência a perturbações externas. Compreendemos, portanto, que a abertura é o que mantém o sistema vivo e responsivo às perturbações. Em vez de resistirem às influências do meio, os SACs reagem e se modificam diante delas, tornando-se, assim, sensíveis a qualquer influência do ambiente externo (Leffa, 2006, 2009). Por ser aberto, um SAC é sensível a fatores externos capazes de reestruturá-lo integralmente. Essa característica é fundamental para entender o comportamento da desinformação, já que esse fenômeno permanece aberto, apropriando-se de novos discursos, ferramentas e eventos sociais.

A sensibilidade às condições iniciais é amplamente discutida, não apenas por pesquisadores, mas também em outros contextos. Essa propriedade merece muita atenção, pois “uma variação mínima no início pode levar a grandes mudanças no sistema” (Leffa, 2006, p. 34). No contexto da desinformação, isso significa que uma postagem aparentemente irrelevante, publicada em um perfil de baixa visibilidade, pode, alcançar grande projeção e produzir impactos sociais significativos. Lorenz (1993) utilizou a metáfora do Efeito Borboleta⁴ para ilustrar a noção da dependência sensível às condições iniciais, ou seja, a ideia de que pequenas mudanças no sistema podem provocar grandes consequências.

Considere-se, a título de ilustração, o seguinte exemplo retirado da rede social X (antigo Twitter):

Figura 3 - Efeito borboleta



Fonte: Rede social X (2025)

O post em questão recebeu milhares de comentários e compartilhamentos, com relatos que evidenciam a sensibilidade às condições iniciais em diversos âmbitos, como cultura pop, ciência e futebol. Uma das interações dessa publicação aponta o aumento da passagem de ônibus como um dos fatores que favoreceram a ascensão do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro.

Esse argumento faz referência ao protesto em São Paulo contra o reajuste de R\$ 0,20 na tarifa, que entrou em vigor em 2 de Junho de 2013. De acordo com o G1 (2023), esse movimento ganhou adesão e enfrentou repressão, repercutindo no estado e em todo o Brasil. A partir desse momento, o país passou por grandes mudanças, como a projeção nacional de

⁴ Larsen-Freeman (1997, p. 144) afirma que: O efeito borboleta é a noção de que uma borboleta que bate suas asas em uma parte distante do mundo de hoje pode transformar o padrão climático local no próximo mês. Pequenas diferenças no insumo poderiam rapidamente tornar-se diferenças significativas na produção. Assim, a metáfora do efeito borboleta ilustra como a mínima alteração em um determinado ponto do sistema pode gerar consequências imprevisíveis e significativas no futuro.

Jair Bolsonaro, além do aumento da polarização política no país (G1, 2023).

No contexto da desinformação, buscamos discutir de que modo essa metáfora ajuda a compreender como uma publicação aparentemente irrelevante, um meme por exemplo, pode desencadear processos virais capazes de impactar períodos eleitorais e influenciar percepções sociais. Pequenas ações iniciais, como o compartilhamento por um influenciador ou a recomendação algorítmica em um momento oportuno, funcionam como o “bater de asas”, que, em questão de horas ou dias, pode gerar uma “tempestade” de desinformação.

A nosso ver, um caso ocorrido no período eleitoral de 2018 ilustra perfeitamente o efeito borboleta. Trata-se de uma desinformação em que um homem mostra uma mamadeira com o bico em formato de pênis, afirmando que o item foi distribuído em creches pelo Partido dos Trabalhadores a mando de Fernando Haddad (candidato à presidência) e que seria implementado em todo o país caso o candidato vencesse as eleições. Esse conteúdo viralizou e muitos acharam o material cômico devido ao teor absurdo, contudo inúmeras pessoas acreditaram na desinformação, o que gerou comoção e indignação. O post foi publicado no Facebook em 25 de Setembro de 2018 e, em apenas três dias, alcançou quase quatro milhões de visualizações e cerca de cem mil compartilhamentos. Nesse viés, essa desinformação se aproveitou da lógica algorítmica para sua proliferação, ainda que o vídeo tenha sido removido, o rápido compartilhamento durante a corrida eleitoral de 2018 teve um forte impacto para desacreditar a campanha de Haddad.

A partir dessa constatação, a metáfora do efeito borboleta mostra como a menor influência pode levar um sistema a uma direção inesperada. Essa sensibilidade às condições iniciais, como dito, manifesta-se em diversas situações do cotidiano. Por exemplo, um professor pode oferecer uma bolsa de iniciação científica a um estudante de baixa renda que vendia limões para a subsistência, resultando na escrita desta dissertação de mestrado. Em outras palavras, essa oportunidade inicial reverbera em escolhas subsequentes, na continuidade dos estudos, na inserção em novos contextos sociais e na produção de conhecimento. O efeito, portanto, não é efêmero, pois reorganiza trajetórias e produz consequências que se prolongam no tempo, evidenciando como pequenas variações podem gerar mudanças estruturais no curso da vida. Logo, “é um detalhe do dia a dia, do qual muitas vezes nem temos consciência, mas que nos afeta para o resto da vida, envolvendo talvez uma grande paixão” (Leffa, 2006, p. 34).

No que se refere a sujeição a atratores, um SAC, mesmo sendo resultado da interação de agentes, dirige-se para um atrator, que são estados que o sistema tende a assumir. Dessa maneira, o atrator pode ser entendido como comportamento de longo prazo ou uma

estabilidade temporária. Essa estabilidade ocorre devido ao sistema estar constantemente interagindo com outros elementos e, por meio dessas interações, os SACs adaptam-se e mantêm comportamentos estáveis. Esse processo do sistema se mover para um estado estável e lá permanecer é denominado de atrator de ponto fixo.

Contudo, Araújo Júnior (2013, p. 33) aponta que “devemos considerar possibilidades de que o sistema apresente comportamentos estranhos (atratores estranhos) em decorrência de uma nova interação entre seus agentes ou com outros sistemas”. A presença de um atrator estranho é capaz de provocar uma nova adaptação dos sistemas que podem repelir ou adotar como padrão tal comportamento (Duarte, 2014).

A diferença entre atratores e atratores estranhos pode ser observada, por exemplo, no trânsito. Como os atratores são estados estáveis do sistema, um exemplo seria um fluxo contínuo e organizado de veículos, em que há um deslocamento relativamente previsível. Já o atrator estranho pode ser observado quando há acidentes causados por alta velocidade. Nesse caso, ocorre uma instabilidade que faz com que o sistema se mova e, conseqüentemente, a prefeitura precisa intervir instalando radares de controle de velocidade, o que reduz o número de acidentes⁵. Portanto, o sistema se reorganizou e evoluiu para um novo equilíbrio.

Podemos considerar os conteúdos desinformativos como um atrator estranho no período eleitoral? Bem, vejamos o contexto das eleições brasileiras de 2018, a propagação de desinformação funcionou como perturbações que desencadearam efeitos amplificados no sistema complexo. Nesse sentido, desinformações, como a alegação de que Fernando Haddad teria criado o “kit gay” nas escolas, funcionam como perturbações que, ao serem amplificadas por redes sociais, deslocam o sistema para novos estados.

Em síntese, a teoria dos Sistemas Adaptativos Complexos constitui a base epistemológica que orienta esta pesquisa, permitindo compreender a desinformação como um fenômeno dinâmico, não linear e emergente. Sob essa perspectiva, a desinformação não se limita à falsificação de notícias, mas se manifesta como resultado das interações entre múltiplos agentes humanos e não humanos. No capítulo seguinte, discutiremos a dimensão semiótica desses sistemas, com foco nas implicações do uso de modos visuais na produção e circulação da desinformação.

⁵ Pesquisadores da Universidade de São Paulo mostram que há menos acidentes onde há radar (Ezequiel, 2019).

3 SEMIÓTICA SOCIAL, MULTIMODALIDADE E GRAMÁTICA DO DESIGN VISUAL

Contudo, os significados estão em todos os lugares, em todo o social, codificados por toda a língua. Todos os problemas são apresentados e solucionados ou agravados pelo entrelaçamento da língua com o pensamento, sempre em contextos sociais. Por onde começar? (Hodge, 2017, p. 30, tradução nossa)⁶.

A epígrafe que inicia este capítulo nos mostra que os sentidos estão disseminados em todas as práticas sociais e atravessam as múltiplas formas de linguagem, assim, torna-se necessário um aparato teórico capaz de dar conta dessa complexidade. Em vista disso, este capítulo tem como objetivo apresentar uma das teorias que fundamentam nossa pesquisa: a Semiótica Social. Consideramos essa teoria relevante para a investigação, visto que nosso foco também recai sobre a análise de modos visuais. A Semiótica Social oferece um arcabouço teórico que reconhece a multiplicidade dos modos semióticos, para além da linguagem falada ou escrita, sendo, portanto, fundamental para este estudo. Iniciaremos com um panorama histórico da teoria. Em seguida, exploraremos alguns de seus conceitos-chave. Na sequência, será apresentado o conceito de Multimodalidade, conforme proposto por Kress e van Leeuwen (2001, 2006). Por fim, discutiremos a Gramática do Design Visual, ferramenta central para a análise das imagens neste trabalho.

3.1 A Semiótica Social

Semiótica é compreendida como o campo de estudos dedicado à investigação dos signos. Ao longo do tempo, diferentes vertentes foram desenvolvidas com o intuito de compreender como os sentidos são produzidos, organizados e interpretados nas diversas práticas sociais.

Nas últimas décadas três escolas se destacaram por relacionar os estudos linguísticos aos modos não verbais de comunicação. A primeira foi a Escola de Praga (1930–1940), cujos trabalhos tiveram forte influência da tradição linguística dos formalistas russos. A segunda foi a Escola de Paris (1960–1970), que ampliou as ideias de Saussure para os estudos de moda, fotografia, cinema, música e outras formas de expressão. A terceira escola, surgida na Austrália na década de 1980, fundamentou-se nas ideias hallidayanas e deu origem à Semiótica Social (Kress; Van Leeuwen, 2006).

Halliday (1978) introduziu o termo semiótica social em sua obra *Language as Social Semiotic: The Social Interpretation of Language and Meaning*, marco importante na

⁶ “But meanings are everywhere, all social, all encoded in language. All problems are posed in and solved or made worse by interweaving language and thought, always in social contexts. Where to start?” (Hodge, 2017, p. 30).

reorientação dos estudos semióticos. Na obra, a linguagem é compreendida como um fenômeno intrinsecamente ligado ao contexto social. Essa compreensão é relevante para esta pesquisa, primeiro porque nos situamos no âmbito da LA, em que a linguagem, como prática social, está no foco de suas investigações; segundo, porque permite compreender nosso objeto não como uma mera mentira, mas como uma prática que reflete dinâmicas sociais.

Os princípios sociossemióticos presentes na obra de Halliday (1978) ecoam nos trabalhos de Hodge e Kress (1988), em *Social Semiotics*, na qual os autores definem os fundamentos teóricos dessa abordagem; propõem uma revisão crítica do paradigma dominante (formado por um conjunto de teorias semióticas); e questionam a limitação dessas teorias em relação aos aspectos sociais envolvidos no uso dos sistemas de signos.

Nesse viés, a Semiótica Social busca compreender o “fenômeno semiótico partindo da ideia de que os processos de produção e recepção de sentidos só podem ser compreendidos tendo como ponto de partida a dimensão social e as lutas de poder que a caracterizam e que são refletidas nos eventos comunicativos” (Souza; Santos; Mendes, 2021, p. 345). A Semiótica em questão parte da ideia de que, para compreendermos como a linguagem funciona e se organiza, é de fundamental importância considerar o contexto social em que ela se realiza.

Entender o processo de criação de significados vai além de simplesmente decodificar sinais isolados, pois trata-se de reconhecê-lo como uma prática inserida no contexto social (Dionisio; Cavalcanti; Mozdzenski, 2021). Nesse sentido, analisar a desinformação sob a perspectiva da SS significa compreendê-la como um fenômeno relacionado a práticas sociais específicas, envolvendo interesses, crenças e posicionamentos sociais. A circulação de desinformação não ocorre de forma neutra; ela mobiliza crenças, interesses e posicionamentos sociais. Assim, mais do que decodificar conteúdos, a Semiótica Social chama atenção para a negociação social dos sentidos, aspecto fundamental para compreender como a desinformação ressignifica signos para produzir credibilidade, afetos e engajamento.

A SS também tem como objetivo investigar como os sujeitos lançam mão dos signos no contexto das relações de poder a fim de alcançar determinados objetivos (Kress, 2010). Esse objetivo se relaciona com uma premissa fundante da teoria, pois os sistemas semióticos não apenas refletem, mas também influenciam e moldam as relações sociais e, em um sentido mais amplo, a própria organização da sociedade (Dionisio; Cavalcanti; Mozdzenski, 2021). Essa discussão é crucial para a presente pesquisa, pois permite compreender que os sentidos não são neutros, isto é, toda construção visual ou textual de desinformação envolve escolhas motivadas por posições ideológicas e interesses de poder.

Segundo Hodge e Kress (1988, p. 261, tradução nossa)⁷, a semiótica é:

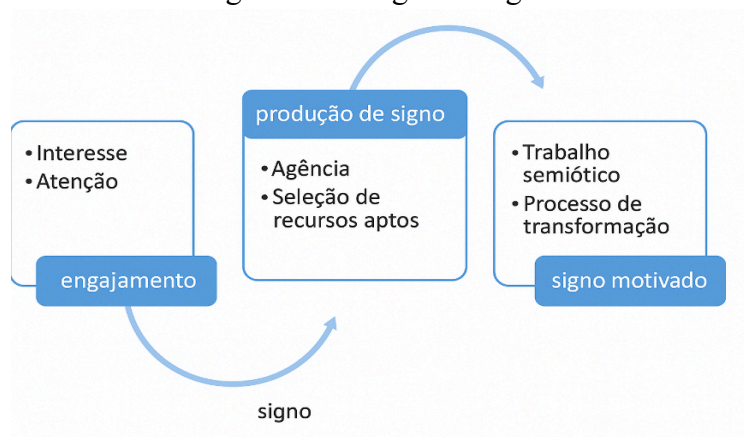
o estudo geral da semiose, isto é, dos processos da produção e reprodução, recepção e circulação dos significados em todas as suas formas, utilizados por todos os tipos de agentes de comunicação. [...] A semiótica social focaliza a semiose humana, compreendendo-a como um fenômeno inerentemente social em suas origens, funções, contextos e efeitos.

Já que o caráter social da SS é intrínseco a ela, é indispensável abordar as noções de signo motivado e interesse. Para essa abordagem, o signo é construído, e não simplesmente utilizado; ou seja, o significado não existe por si só, mas é produzido a partir das relações e interações entre as pessoas no contexto social. Assim, o sujeito escolhe entre os recursos disponíveis, aquele que considera mais adequado para transmitir o significado desejado, uma escolha guiada por nossos interesses. Além disso, Kress (1993, p. 172) afirmou que o signo:

Não é produto de uma associação arbitrária de um significante e de um significado, seja do ponto de vista do produtor ou de uma consideração das características do objeto. Do ponto de vista do produtor, ele representa seu interesse particular no objeto, um interesse que é em si um reflexo de seu lugar no mundo, fisicamente, cognitivamente, socialmente, culturalmente, conceitualmente⁸.

Quem cria os signos seleciona aquilo que julga ser a forma mais apropriada para representar o sentido que deseja transmitir. Dessa forma, para Kress (2003), a noção de arbitrariedade vai de encontro à perspectiva do interesse, pois nega a atuação do sujeito na construção do signo. A figura a seguir resume esses pontos:

Figura 4 - Design dos signos



⁷ “the general study of semiosis, that is, the processes and effects of the production and reproduction, reception and circulation of meaning in all forms, used by all kinds of agent of communication [...] as inherently social phenomenon in its sources, functions, contexts and effects” (Hodge; Kress, 1988, p. 261).

⁸ No original: “This sign therefore is not the product of an arbitrary association of a signifier and a signified, either from the point of view of the producer, or from a consideration of characteristics of the object. From the point of view of the producer it represents his particular 'interest' in the object, an interest which is itself a reflection of his place in the world, physically, cognitively, socially, culturally, conceptually” (Kress, 1993, p. 172).

Fonte: Santos; Barbosa; Gualberto (2023)⁹

Tomemos como exemplo a desinformação, objeto de estudo deste trabalho. Ao criar esse tipo de conteúdo, o autor tem um interesse político e ideológico. Em seguida, ele recorre aos modos semióticos disponíveis para construir o signo. Por fim, chegamos ao signo motivado, produto de sua agência, cuja intencionalidade é elaborar uma mensagem falsa com forte carga simbólica. Maia (2018, p. 92) afirma que o signo é entendido como “um meio pelo qual as pessoas interpretam e expressam o significado. Ele pode ser uma marca como uma linha de um desenho, uma cor, a perspectiva, o movimento corporal, entre outros, usados para expressar uma mensagem”. Com isso, entendemos que, ao construir um signo, existem diversas possibilidades que podem dar forma ao que os sujeitos visam a fazer com a linguagem para determinado fim, em um dado momento e espaço de comunicação. Ressaltamos que a escolha dos recursos semióticos leva em consideração as características da realidade e os contextos culturais em que foram produzidos.

Sobre isso, Bezemer e Jewitt (2009, p. 7, tradução nossa)¹⁰ afirmam que:

uma pessoa (produtora do signo) escolhe um recurso semiótico a partir de um sistema de recursos disponíveis. Elas reúnem um recurso semiótico (significante) com o sentido (significado) que elas querem expressar. Em outras palavras, os indivíduos expressam sentidos por meio de suas seleções dos recursos semióticos que estão disponíveis para elas em um momento particular: sentido é a escolha a partir de um sistema.

Desse modo, os signos não são fixos, já que toda vez que escolhemos um recurso semiótico para expressar uma ideia, estamos, na verdade, dando vida a um novo signo. No âmbito da desinformação, o criador escolhe o meio pelo qual a informação será divulgada (Instagram, Facebook, WhatsApp, entre outros); também analisa o formato ideal para alcançar o maior número possível de leitores. Seleciona os modos semióticos que tornarão o conteúdo mais convincente (texto, imagem, vídeo etc.), e escolhe palavras que despertam emoções fortes, como medo ou indignação, organizando-as de forma estratégica.

Fazemos escolhas o tempo todo quando queremos nos comunicar, já que há sempre um motivo por trás do que produzimos e da forma como decidimos expressar isso. Assim, mesmo que nem sempre estejamos conscientes, há interesses por trás dessas decisões. Esses interesses são moldados pelo público com quem falamos, pelos objetivos que queremos

⁹ De acordo com Santos, Barbosa e Gualberto (2024): o processo desmembrado na Figura 4 é constituído de aspectos que são intimamente ligados e acontecem quase simultaneamente, num processo cíclico (Gualberto; Kress, 2019, p. 1691), em que cada noção está imbricada na outra. Porém, para fins didáticos, elaboramos a Figura 2, na tentativa de elucidar a complexidade do processo de formação de signos.

¹⁰ “A person (sign maker) 'chooses' a semiotic resource from an available system of resources. They bring together a semiotic resource (signifier) with the meaning (signified) that they want to express. In other words people express meanings through their selection from the semiotic resources that are available to them in a particular moment: meaning is choice from a system” (Bezemer, Jewitt, 2009, p. 7).

alcançar, pelo contexto da comunicação e pelas nossas vivências.

Com base nessa concepção, ao analisarmos a desinformação sobre universidades, o que nos interessa é entender como a forma dos signos utilizados contribui para a construção de certos sentidos sobre essas instituições. As universidades são alvos recorrentes da desinformação porque ocupam um lugar importante na produção de conhecimento científico, assim, ao serem representadas de maneira distorcida, questiona-se não apenas a instituição em si, mas também o saber que ela produz. Portanto, os sentidos não surgem por acaso, mas refletem os interesses de quem os produz, revelando intenções específicas ao representar a universidade de determinada maneira.

É relevante destacar que a produção do signo é um fenômeno complexo¹¹, pois está diretamente relacionada à trajetória psicológica, social e cultural de quem o produz, inserido em um contexto específico. Macedo (2022) afirma que a adoção de um quadro teórico da complexidade é de grande relevância para a Semiótica Social, sobretudo se considerarmos que seus termos-chave (como linguagem, significado e sociedade) referem-se a um Sistema Adaptativo Complexo. Hodge (2017, p. 3), em sua obra *Semiótica Social para um Mundo Complexo*, afirma que “a complexidade está inserida nas fundações da Semiótica Social e sempre esteve lá”. Isso significa que a produção de sentidos não pode ser compreendida como um processo linear ou estático, mas como resultado de interações dinâmicas.

Ao compreender a linguagem como prática social, a SS oferece instrumentos para investigar como a desinformação opera enquanto prática de produção de sentido situada, orientada por interesses. Entendemos, então, que a desinformação sobre universidades não surge de forma aleatória, pois busca moldar percepções públicas sobre o papel e legitimidade dessas instituições. Afinal, quem ganha quando a universidade é desacreditada? Que interesses se articulam quando a produção científica é apresentada como inútil? A propagação de desinformação sobre pesquisa acadêmica, financiamento público, ações afirmativas ou pautas ligadas à vida universitária mobiliza crenças, afetos e memórias coletivas, ativando discursos pré-existentes que associam universidades à doutrinação ou desperdício de recursos públicos. O que é dito? Por que é dito? Por quem é dito? Esses questionamentos nos fazem perceber que a circulação de desinformação não é neutra, mas se opera com tentativas de influenciar percepções públicas sobre o espaço universitário e seu papel na sociedade.

Assim, a SS (Hodge; Kress, 1988; Hodge, 2017; Kress, 2010; Van Leeuwen, 2005) visa a investigar a semiose humana. Para isso, considera os diversos modos e recursos

¹¹ Um princípio fundamental da SS é que nenhum código pode ser plenamente compreendido se for analisado isoladamente.

semióticos utilizados em textos e nas práticas sociais. No que se refere ao termo “modos”, Kress (2010, p. 79, tradução nossa)¹² aponta que eles são:

recursos semióticos socialmente enquadrados e culturalmente dados para produzir significado. Imagem, escrita, layout, música, gestos, fala, imagem em movimento, trilha sonora e objetos em 3D são exemplos de modos usados na representação e na comunicação.

Um modo pode ser usado para representar a realidade e a forma como as pessoas se relacionam. Nos textos, é comum encontrarmos diferentes modos atuando juntos, como imagem, escrita, layout, tipografia e música, cada um com seus próprios recursos. A escrita, por exemplo, conta com aspectos gramaticais, sintáticos e lexicais, além de elementos visuais, como tipo, tamanho e estilo da fonte. Já o discurso oral, embora compartilhe certos aspectos estruturais da linguagem escrita, possui características próprias, como entonação, volume e ritmo da fala. Da mesma forma, a imagem apresenta recursos específicos, como cores, formas, tamanhos e o uso do espaço (Bezemer; Kress, 2015).

Percebemos, dessa forma, que um produtor de desinformação pode orquestrar modos¹³ semióticos como layout, cor, saliência, moldura e imagem, de acordo com seu interesse e motivação para construir esse tipo de conteúdo. Esse trabalho semiótico mostra como esses produtores apreendem a realidade e, por meio dos recursos que possuem, criam uma representação signica (Santos; Gualberto, 2023).

Com relação aos recursos semióticos, Van Leeuwen (2004, p. 285) define o termo da seguinte forma:

ações, materiais e artefatos que usamos para fins comunicativos, sejam produzidos fisiologicamente – por exemplo, com nosso aparelho vocal, os músculos que usamos para fazer expressões faciais e gestos – ou tecnologicamente – por exemplo, com caneta e tinta, ou hardware e software de computador – juntamente com as maneiras pelas quais esses recursos podem ser organizados. Os recursos semióticos têm um potencial de significado, baseado em seus usos passados, e um conjunto de affordances baseadas em seus possíveis usos, e estes serão atualizados em contextos sociais concretos onde seu uso está sujeito a alguma forma de regime semiótico.

Quando aplicados à comunicação social, esses recursos carregam consigo um

¹² “Modes are semiotic resources socially framed and culturally given to produce meaning. Image, writing, layout, music, gestures, speech, motion picture, soundtrack, and 3D objects are examples of modes used in representation and communication” (Kress, 2010, p. 79).

¹³ É importante destacar que ainda não há um consenso sobre o que constitui um modo, visto que eles surgem dentro de contextos sociais em constante mudança, não de forma autônoma e fixa (Jewitt, 2013). De acordo com o Glossário de Termos Multimodais, alguns escritores “veem cor e layout como modos e, portanto, a escrita como multimodal, enquanto outros não fariam essas distinções. Uma resposta a isso é que as definições de modo dependem do que é considerado regularidades bem reconhecidas dentro de qualquer comunidade. Designers gráficos provavelmente têm uma compreensão segura da gama e potencialidades da tipologia (por exemplo, fonte, layout), enquanto isso pode não se qualificar como um modo entre outros que podem não ter acesso e conhecimento desses recursos e suas possibilidades”.

potencial semiótico que, em tese, se forma tanto pelos seus usos anteriores quanto pelas novas possibilidades que podem surgir. Em outras palavras, “o potencial semiótico é tudo aquilo que as práticas sociais ou os artefatos materiais já significaram e tudo aquilo que podem vir a significar” (Carmo, 2018, p. 264). Dessa forma, esse potencial não é fixo, ou seja, pode se ampliar conforme os usuários encontram maneiras diferentes de utilizá-los, impulsionados por seus interesses, contextos e objetivos na produção de signos.

É relevante mencionar que, para se referir ao ato de escolha de diferentes recursos semióticos a fim de atender a uma necessidade dentro de um contexto social específico, a SS adota o termo design (em português, criação). No processo de design¹⁴, o público-alvo (isto é, quem interpreta um signo) deve ser levado em consideração na construção do significado. Desse modo, as escolhas realizadas pelo criador do texto devem fazer parte da cultura e do conhecimento de mundo do receptor.

Nesse viés, o momento de criação envolve a seleção das formas materiais do repertório cultural existente, bem como a definição dos modos que o produtor textual considera mais adequados (de forma consciente ou não) para atender aos seus objetivos, às expectativas em relação ao público e aos tipos de discurso que deseja construir (Kress; Van Leeuwen, 2001). Essa visão dialoga com a abordagem dos SACs, na medida em que o design de conteúdos falsos emerge da interação entre atores, plataformas e contextos, ou seja, é resultado da interação de diversos agentes.

Além disso, percebemos que essa perspectiva é fundamental para compreender funcionamento da desinformação, pois essa se apoia na seleção estratégica de signos capazes de dialogar com crenças pré-existentes de determinados grupos. No caso das universidades, na criação busca-se ativar ativas representações negativas, como a ideia de que o ambiente universitário é financiado de maneira irresponsável, porque sabe que tais sentidos já circulam no imaginário social. Afinal, que tipo de discurso ganha força quando se alimenta a crença de que a produção científica das universidades é irrelevante? Assim, no design opera-se de modo calculado, selecionando signos que encontram terreno fértil no repertório cultural do público-alvo.

Com respeito à seleção dos modos semióticos feita pelo designer, Bezemer e Kress

¹⁴ Maia (2018, p. 97) traz algumas considerações sobre o design, baseadas nos estudos de Kress; Van Leeuwen (2001), segundo ela: “o termo está associado ao momento de criação, digamos que ele é o projeto da mensagem, pois se encontra entre o conteúdo e a sua expressão, também entre a ideia, a elaboração do conteúdo, as escolhas envolvidas no conteúdo e na sua materialização. Ele não deve ser confundido com o conceito de ‘produção’, o qual está relacionado à performance, isto é, à organização da expressão ou do meio de execução do que foi elaborado do design. Também se difere da noção de ‘arranjo’ (*arrangement*) que diz respeito àquilo que já está pronto, ou seja, à combinação dos elementos selecionados para a composição, como resultado do design envolvido na elaboração da mensagem”.

(2008) afirmam que esses modos podem ser empregados para executar distintos tipos de trabalho semiótico. Isso ocorre porque cada modo possui seus próprios *affordances*, ou seja, seus limites e potencialidades, apresentando (ou não) os recursos necessários para realizar determinadas finalidades comunicativas. Sobre isso, Kress (2010, p. 18, tradução nossa)¹⁵ traz o seguinte exemplo: “a imagem mostra o que leva muito tempo para ler; a escrita nomeia o que seria difícil de mostrar. A cor é usada para destacar aspectos específicos da mensagem global”. Nenhum modo deve ser considerado mais importante que os demais, uma vez que todos contribuem para a construção de sentido, ainda que, em determinadas situações, um possa se sobressair em relação aos outros (Maia, 2018).

Em síntese, a Semiótica Social orienta esta pesquisa, pois possibilita compreender os processos de significação como práticas sociais, nas quais os signos são produzidos a partir de interesses e contextos. Essa perspectiva rompe com a visão da linguagem como sistema fechado e desloca o foco para o uso social dos modos semióticos. Ademais, ao investigar a desinformação sobre universidades, tal abordagem permite analisar como diferentes modos, inclusive o visual, são mobilizados intencionalmente para construir mensagens que aparentam veracidade. Dessa forma, tornam-se relevantes os questionamentos sobre os modos utilizados na desinformação, bem como sobre a maneira como esses recursos e seus arranjos projetam e constroem significados voltados a um público específico. Portanto, neste estudo, a multimodalidade é concebida a partir da perspectiva da Semiótica Social, como será detalhado a seguir.

3.2 Multimodalidade: a construção de sentido a partir de diversos modos semióticos

A multimodalidade, sob a perspectiva da Semiótica Social propõe uma visão mais ampla da comunicação, indo além do uso exclusivo da linguagem verbal¹⁶. O termo traz, no prefixo “multi”, a ideia de uma variedade de modos disponíveis na comunicação, todos com potencial para produzir significados. Mesmo que a fala e a escrita ainda desempenhem um papel importante, elas são compreendidas como parte de um conjunto mais amplo de recursos expressivos que atuam em conjunto para comunicar ideias.

No próprio modo escrito, manifesta-se a multimodalidade por meio da tipografia utilizada, dos recuos de página, do uso de caixa alta e baixa, da paragrafação, entre outros elementos. Esses aspectos, embora pertençam ao mesmo modo escrito, carregam significados que contribuem para a construção de sentido (Bateman, 2014). No âmbito da Semiótica

¹⁵ “image shows what takes too long to read, and writing names what would be difficult to show. Colour is used to highlight specific aspects of the overall message” (Kress, 2010, p. 18).

¹⁶ Apesar da diversidade de formas pelas quais nos comunicamos, os estudos linguísticos, por muito tempo, mantiveram seu foco quase exclusivo na linguagem verbal escrita.

Social, acredita-se que todo texto é multimodal, mesmo que um modo se sobressaia aos demais. Além disso, compreende-se que a multimodalidade não é um fenômeno restrito aos textos contemporâneos, mas sim um traço constitutivo da comunicação, que sempre incorporou múltiplos modos. Kress e Van Leeuwen (2001, p. 2, tradução nossa)¹⁷ afirmam que:

Se anteriormente as disciplinas teóricas e críticas eram monomodais, hoje, essa posição não é mais possível. Pois as mais diversas formas de expressão cultural e artística têm usado uma grande variedade de materiais, atravessando as fronteiras antes existentes entre um modo semiótico e outro, e caminhando assim em direção à criação de eventos multimídia.

Na multimodalidade, há a noção de ação situada, uma vez que o contexto e os recursos disponíveis para a produção de significados são de grande importância (Jewitt, 2013). Portanto, a atenção recai sobre as escolhas situadas desses recursos, pois é por meio delas que se torna possível analisar as diferentes formas pelas quais as pessoas constroem sentido na interação. Além disso, a representação multimodal é sempre parcial, uma vez que o criador dos signos faz escolhas baseadas em suas motivações e interesses, utilizando os recursos disponíveis no momento da criação. Em outras palavras, essa representação não abarca integralmente o objeto ou fenômeno retratado, mas pode ser considerada completa em relação aos objetivos do produtor (Kress, 2003).

Consideramos pertinente destacar que compreender a desinformação sob a ótica da multimodalidade implica reconhecer que os conteúdos desinformativos também são produzidos por meio de escolhas situadas, em que produtores selecionam intencionalmente determinados modos, como imagens tiradas de contexto, para direcionar a interpretação do público-alvo.

Segundo Jewitt, Bezemer e O'Halloran (2016), há três premissas-chave da multimodalidade: I) o significado é construído por meio de diferentes recursos semióticos, cada um com suas potencialidades e limitações; II) a produção de sentido envolve a criação de totalidades multimodais; e III) para estudar o significado, é necessário considerar todos os recursos semióticos empregados na construção do todo.

A partir da primeira premissa, percebemos que nenhum modo é mais importante do que outro. A segunda premissa reforça a importância de compreender que diferentes modos de comunicação atuam em conjunto na criação de significados, ou seja, tanto a fala quanto a escrita possuem limitações em relação ao que podem comunicar. Por fim, a terceira premissa

¹⁷ “We move towards a view of multimodality in which common semiotic principles operate in and across different modes, and in which it is therefore quite possible for music to encode action, or images to encode emotion” (Kress; Van Leeuwen, 2001, p. 2).

evidencia a necessidade de se considerar todos os recursos semióticos envolvidos na construção de sentido.

Compreendemos, dessa forma, que é fundamental olhar além da linguagem escrita, ou seja, compreender os modos visuais não apenas por seu aspecto estético, mas também por suas dimensões sociais, políticas e comunicacionais. Ao recorrermos ao termo multimodalidade, sob a ótica da Semiótica Social, buscamos aprofundar os pressupostos teóricos que a fundamentam, visto que nosso objetivo não é apenas descrever o imagético na desinformação sobre as universidades. Pretendemos também compreender os efeitos de cada escolha realizada pelos produtores de desinformação.

O ponto fundamental da abordagem multimodal está em compreender como as pessoas constroem significados em situações específicas para alcançar seus propósitos. Nesse sentido, percebemos que a multimodalidade é essencial para a análise do nosso objeto, já que a desinformação sobre universidades é construída por meio de diversas escolhas e combinações entre modos semióticos para a produção de sentido.

Em síntese, a abordagem multimodal no âmbito da SS considera que todo texto é composto por múltiplos modos de significação, verbais e não verbais, que atuam conjuntamente na produção de sentidos. No contexto da desinformação, essa perspectiva permite identificar de que maneira elementos se articulam para criar narrativas convincentes. Assim, compreender a multimodalidade é fundamental para reconhecer como os produtores de conteúdo selecionam e combinam recursos semióticos com base em seus interesses e nos efeitos de sentido desejados.

Dessa forma, torna-se fundamental “uma abordagem crítica que disponibilize inventários para compreender os significados (representacional, interacional e composicional), que operam simultaneamente em todos os textos” (Gualberto; Santos, 2019, p. 27). Portanto, recorreremos à Gramática do Design Visual, uma importante ferramenta surgida a partir da SS, para interpretar criticamente os modos visuais.

3.3 A Gramática do Design Visual

Ao abordar imagens produzidas no âmbito da desinformação, a Gramática do Design Visual¹⁸ constitui-se como uma ferramenta capaz de identificar os elementos visuais mobilizados para construir sentidos de verdade, impacto emocional e reforço de estigmas

¹⁸ Apesar de receber o nome de gramática, ressalta-se que a GDV não consiste no entendimento da gramática normativa. Além disso, os autores não tinham como objetivo verificar se as estruturas linguísticas têm correspondentes nas estruturas visuais, visto que cada uma abarca códigos específicos (Cardoso; Maciel, 2019).

sobre o ambiente universitário, já que ela parte do princípio de que os modos visuais também realizam funções comunicativas e sociais.

A GDV, proposta por Kress e van Leeuwen (1996), é fundamentada na Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), desenvolvida por Halliday (1985), a qual busca estudar a língua a partir dos diferentes papéis sociais que ela exerce, pois compreende que não existe língua desconectada do uso, assim, centra-se na função, entendida como a maneira pela qual os sujeitos constroem significados a partir das possibilidades e relações oferecidas pelos sistemas. A LSF apresenta uma gramática¹⁹ (Gramática Sistêmico-Funcional - GSF) que tem como base o conceito de uso da língua para dar forma ao sistema (Fernandes, 2020).

Nesse sentido, Halliday (1985) afirma que, em nossas interações, a linguagem desempenha três metafunções: a) ideacional, que representa as experiências dos indivíduos no mundo; b) interpessoal, que diz respeito às interações sociais; e c) textual, centrada na organização da estrutura e do formato do texto. Essas metafunções operam simultaneamente na língua, embora, em determinados contextos, uma delas possa se destacar (Fernandes, 2020).

Com base nessas metafunções, Kress e Van Leeuwen (1996) desenvolveram a GDV, considerada uma das mais importantes contribuições para a análise dos modos visuais nos textos. Os autores correlacionaram as noções teóricas das metafunções da LSF com a análise do design visual²⁰. Dessa forma, as metafunções ideacional, interpessoal e textual, descritas por Halliday, passam a ser chamadas, na GDV, de metafunções representacional, interativa e composicional, respectivamente. Observemos, no quadro 1, o comparativo entre a GSF e a GDV:

Quadro 1 - Comparação entre as metafunções

METAFUNÇÕES LSF Análise da linguagem verbal	Objetivo	METAFUNÇÕES GDV Análise de Imagens	Objetivo
Ideacional	Refere-se à maneira como a linguagem expressa experiências do mundo físico e mental.	Representacional	Diz respeito às formas visuais usadas para representar acontecimentos, participantes e circunstâncias, construindo visualmente o conteúdo

¹⁹ Fernandes (2020, p. 76) declara que “a gramática proposta por Halliday (1994) é chamada de Sistêmico-Funcional devido ao fato de levar em consideração questões relacionadas ao significado (base semântica) e ao uso (funcional) de uma determinada língua e por considerar a existência de uma rede de sistemas que constitui uma língua”.

²⁰ Os autores “propõem uma correspondência entre os princípios da gramática linguística e os do sistema visual - não no sentido de igualdade estrutural, mas de equivalência funcional” (Fernandes, 2020, p.76).

			da experiência.
Interpessoal	Relaciona-se à forma como a linguagem constrói as relações sociais entre os interlocutores.	Interativa	Diz respeito à interação entre quem vê a imagem e o que é visto, incluindo gestos, olhares, posições e outros elementos que criam envolvimento entre produtor, imagem e espectador.
Textual	Diz respeito à organização interna do texto.	Composicional	Trata de como os elementos visuais são organizados na imagem para estruturar o sentido.

Fonte: Elaborado pelo autor (2025). Baseado em Halliday (2014) e Kress e Van Leeuwen (2006)

Nessa perspectiva, a GDV é, portanto, um modelo teórico-metodológico que permite a análise das imagens sob uma abordagem funcional e crítica. Isto é, os modos visuais também podem ser analisados e interpretados, visto que são dotados de uma estrutura, uma vez que “numa cultura alfabetizada os meios visuais da comunicação são expressões racionais de significados culturais propícios a julgamentos e análises racionais” (Kress; van Leeuwen, 2006, p. 20).

Na sequência, cada uma das metafunções, bem como suas categorias, será explorada de forma mais detalhada. Para exemplificar as categorias da GDV, utilizamos algumas postagens em redes sociais contendo desinformação, ressaltando que as imagens apresentadas a seguir possuem caráter ilustrativo. Elas foram selecionadas apenas para exemplificar os aspectos teóricos em tela e auxiliar na compreensão dos conceitos de Kress e van Leeuwen (1996), ou seja, não constituem o material empírico de análise desta pesquisa.

3.3.1 A Metafunção Representacional

Neste trabalho, compreendemos que a metafunção representacional é fundamental para identificar como as postagens contendo desinformação constroem determinadas imagens sobre as universidades. Essa metafunção se manifesta por meio dos Participantes Representados (PR)²¹, que podem ser pessoas, animais, objetos ou ambientes. Os PR podem assumir diferentes “funções semióticas”, conforme o tipo de processo em que estão inseridos. Por exemplo, um PR pode ser identificado como ator ou meta, tudo depende da direção dos vetores²², ou seja, se partem dele ou se são direcionados a ele. Ela se divide em dois tipos de

²¹ Existem dois tipos distintos de participantes: os Participantes Representados, que correspondem a cada elemento visual presente na imagem, e os Participantes Interativos (PI), que se referem aos envolvidos na interação mediada pela imagem, o produtor e o leitor. (Kress e van Leeuwen, 2006, p. 114), afirma que os PI são “pessoas reais que produzem e entendem as imagens no contexto de instituições sociais que, em diferentes graus e de diferentes formas, regulam o que pode ser ‘dito’ com imagens, como deve ser dito e como deve ser interpretado”.

²² Linha visível ou imaginária que une os participantes representados, indicando que um age sobre o outro. De

processos: narrativos e conceituais.

a) Representações narrativas

Entre as categorias propostas por Kress e van Leeuwen (2006), os processos narrativos introduzem movimento às imagens. Eles são construídos pela presença de vetores, como olhares e gestos, que associam participantes a papéis como vítima, agressor ou herói. A depender do tipo de vetor e do número de participantes, esses processos se desdobram em diferentes modalidades, como ações, reações, processos verbais ou mentais, tornando possível identificar quem age, quem reage e como as relações entre os participantes são representadas na cena.

No que se refere ao processo de ação, ele pode ser dividido em três tipos: transacionais, quando envolvem pelo menos dois participantes (um é o ator e o outro, a meta da ação); não transacionais, nos quais apenas o ator está representado e a meta está ausente na imagem; e bidirecionais, quando ambos os participantes atuam simultaneamente como ator e meta.

A partir disso, entendemos que, no âmbito da desinformação sobre as universidades, isso não é detalhe, mas estratégia. Não se coloca em um post desinformativo apenas uma imagem, mas cria-se uma intenção e, muitas vezes, um culpado. Em outras palavras, nas desinformações sobre as universidades, a imagem não só mostra sujeitos ela também escolhe quem deve ser ridicularizado ou punido. Frequentemente, esse papel cai sobre estudantes e docentes que acabam sendo retratados como se não pesquisassem de verdade nem contribuíssem para a sociedade. Essa visão distorcida, além de reforçar preconceitos, tira o foco do que realmente importa sobre a importância dessas instituições.

Na imagem abaixo (Figura 5), temos uma imagem atribuída ao ex-presidente Jair Bolsonaro e a um suposto namorado. Essa desinformação já circula na internet há anos e, na verdade, retrata militares norte-americanos. Nela, observa-se um participante (ator, identificado como Jair Bolsonaro) direcionando o olhar para outro sujeito (meta), o que configura um exemplo de processo narrativo transacional. Cria-se, nesse caso, um vetor imaginário que se projeta do olhar do ator em direção ao elemento observado.

acordo com Maia (2018), sua ausência ou presença pode classificar a estrutura como sendo narrativa ou conceitual.

Figura 5 - Representacional: narrativo processo de ação transacional



Fonte: página da web E-farsas (2019)

É interessante refletir sobre como uma imagem manipulada pode ter tanto impacto sobre um público específico. Bolsonaro é conhecido por declarações homofóbicas e por dialogar com um público conservador. Diante disso, que efeito esse tipo de imagem provoca em seus seguidores mais fiéis? O objetivo não parece ser apenas ridicularizar, mas abalar sua imagem diante de uma bolha que rejeita pautas LGBTQIA+. Assim, percebemos que o modo visual pode contribuir para gerar ruído em um contexto em que a verdade se torna irrelevante, o que realmente importa é o impacto emocional e o quanto a mentira é capaz de mobilizar sentimentos e reforçar preconceitos.

Na próxima desinformação (Figura 6), a agência de checagem e-Farsas (2020) afirmou que, embora líderes religiosos de diferentes crenças tenham feito declarações homofóbicas e extremas sobre o coronavírus, o ministro Litzman não está entre eles. Nessa desinformação, o participante (ator) dirige o olhar para um elemento (meta) que não está visível na cena representada, caracterizando um processo narrativo não transacional.

Figura 6 - Representacional: narrativo processo de ação não transacional

MINISTRO DA SAÚDE DE ISRAEL TESTA POSITIVO PARA CORONAVÍRUS APÓS DIZER QUE DOENÇA É "PUNIÇÃO DIVINA AOS HOMOSSEXUAIS"

Yaakov Litzman é famoso por sua militância contra a união homoafetiva, e quebrou a quarentena para realizar cultos religiosos

ANDRÉ NOGUEIRA PUBLICADO EM 07/04/2020, ÀS 13H23



Fonte: página da web E-farsas (2020)

Na Figura 7, a imagem não está relacionada à Peste Negra, à Gripe Espanhola ou ao comportamento da população norte-americana em 1937. Na verdade, foi registrada em Hollywood, durante uma epidemia de gripe, em que os atores ensaiavam cenas de beijo usando máscaras como forma de prevenir a disseminação do vírus (e-Farsas, 2020). Nessa desinformação, dois participantes trocam beijos e olhares, estabelecendo vetores que indicam uma ação mútua (bidirecional). Nesse tipo de interação, cada um desempenha, simultaneamente, os papéis de ator e de meta.

Figura 7 - Representacional: narrativo processo de ação bidirecional



Fonte: página da web E-farsas (2020)

No processo reacional, o vetor é “formado pela linha dos olhos, pela direção do olhar de um ou mais dos participantes representados, e não falaremos de atores, mas de reatores, e não de metas, mas de fenômenos” (Kress; Van Leeuwen, 2006, p. 67). Nesse tipo de processo, o participante reage ao que observa, em vez de realizar uma ação propriamente dita. Em outras palavras, o olhar pode substituir o gesto como forma de ação e projeta uma relação emocional entre quem vê e o que é visto. Essa dinâmica é particularmente crucial para a desinformação, que frequentemente recorre a expressões de medo ou piedade para intensificar a resposta afetiva do público.

O fenômeno pode ser representado por outro participante, aquele que é alvo do olhar do reator. Esse tipo de processo pode assumir uma forma transacional, quando há um segundo participante sendo observado, ou não transacional, quando apenas o reator está presente na imagem, conforme descrito por Kress e van Leeuwen (2006).

A próxima desinformação (Figura 8), que mostra a imagem de um homem nu sendo pintado por uma criança, é autêntica, mas não está vinculada a nenhuma oficina LGBT na França. A fotografia foi registrada durante um festival realizado na República Tcheca, em 2016 (e-Farsas, 2020). Ela ilustra um processo reacional do tipo transacional, no qual as crianças demonstram reações diante da presença de uma pessoa nua coberta de tinta em um evento. Esse corpo, que atua como estímulo da reação (o fenômeno), está visível na imagem. Já as crianças são os participantes que reagem à cena, ou seja, os reatores.

Figura 8 – Representacional: narrativo processo reacional de ação transacional



Fonte: Página da web E-farsas (2020)

Em nossa coleta, percebemos que em muitos conteúdos desinformativos os vetores (o olhar e os gestos) raramente são neutros. Nas postagens que atacam universidades, por exemplo, é comum ver estudantes observando uma atividade cultural ou participando de um debate, mas essa simples cena é reinterpretada como prova de “doutrinação”. Há também casos ainda mais graves (Figura 8), em que imagens de performances artísticas são distorcidas para fazer parecer que crianças observam estudantes nus.

Na figura 9, temos uma desinformação em que um suposto casal gay teria sido preso em flagrante por agredir violentamente o filho de 16 anos após descobrirem sua orientação sexual por meio de um aplicativo. Na verdade, a foto usada para ilustrá-la mostra um adolescente envolvido em um caso distinto: ele estava internado, em Teresina (PI), acusado de estupro coletivo, e foi morto por outros internos em julho de 2015. Há um processo reacional não transacional, visto que não envolve uma troca direta entre participantes. O que provoca a reação do participante, ou seja, o que ela está vendo, não aparece na imagem.

Figura 9 - Representacional: narrativo processo reacional não-transacional



Fonte: Página da web E-farsas (2015)

Observamos que os processos narrativos aparecem com frequência em desinformação, já que explora emoções, ações e reações. Nesses conteúdos, os vetores e os olhares direcionados criam uma aparência de verdade que facilita a adesão do público-alvo. Ainda que os produtores de desinformação possam empregar tais recursos inconscientemente, esses processos continuam sendo um aspecto fundamental para explorar os afetos, crenças dos sujeitos.

Nos processos verbais e mentais, o participante é ligado a um conteúdo por meio de balões usados em tirinhas, charges e histórias em quadrinhos. Eles representam o que o participante está dizendo (processo verbal - Figura 10) ou pensando (processo mental - Figura 11). Fernandes (2020, p. 85) afirma que o participante será “o dizente no caso dos processos verbais e o experienciador no caso dos processos mentais, a determinado conteúdo”. O que é falado é o enunciado. O que é pensado, o fenômeno”.

Figura 10 - Representacional: narrativo processo verbal



Fonte: Rede Social X (2025)

Figura 11 - Representacional: narrativo processo mental



Fonte: ITO (2021).

Acreditamos que esse tipo de conteúdo possui grande potencial de persuadir o leitor a aderir a uma determinada tese. Observemos a figura 10, em que o conteúdo foi produzido após inúmeras críticas à ação policial ocorrida no Rio de Janeiro, em outubro de 2025, considerada a mais letal da história do país, com mais de cem mortos. Na imagem, a ironia é utilizada para construir uma crítica ao governo identificado como de esquerda, sugerindo, de forma sarcástica, que as críticas às forças policiais partiriam de indivíduos alinhados a essa posição política. A combinação entre linguagem verbal e visual mobiliza afetos e reforça visões polarizadas, características centrais das estratégias de desinformação.

b) Representações Conceituais

Diferente das representações narrativas, nas conceituais os participantes não estão envolvidos em ações, visto que eles são representados, de acordo com Kress e van Leeuwen (2021, p. 76), “em termos de suas essências mais generalizadas e mais ou menos estáveis e atemporais”. Consideramos que essa é uma estratégia bastante presente nas postagens

contendo desinformação, pois pode transformar grupos e instituições em essências fixas, por exemplo, ao representar universidades como espaços de balbúrdia. As representações conceituais se dividem em um processo classificacional, em um processo analítico ou em um processo simbólico.

No que se refere ao processo classificacional, os PR se relacionam de forma taxonômica, definidos por características que se repetem em todos os sujeitos classificados. Assim, “pelo menos um grupo de participantes atua como Subordinados em relação a pelo menos um outro participante, o Superordenado”. Essa relação de subordinação ocorre de duas formas:

A primeira é quando há uma simetria entre os participantes subordinados, por exemplo, possuem tamanhos iguais ou são orientados para os eixos vertical e/ou horizontal ou ainda posicionados em mesma distância, fazendo com que o subordinante seja inferido pela semelhança ou motivo de estarem agrupados. Já a segunda é quando um participante subordinante é ligado a dois ou mais participantes subordinados através de uma estrutura de árvore, na qual há uma hierarquia entre os participantes (Maia, 2018, p. 134).

Considera-se, então, que essas taxonomias podem ser fechadas ou abertas. A taxonomia é fechada quando o elemento superordenado pode ser identificado com base no texto que acompanha a imagem ou por inferência, observando as semelhanças entre os subordinados. Um aspecto característico desse tipo de organização é a presença de uma composição simétrica entre os subordinados na imagem, indicando equivalência. No caso das taxonomias abertas, o elemento superordenado é apresentado de forma explícita. Na Figura 12, temos um exemplo de processo classificacional: o homem no centro da imagem é o participante com maior destaque e pode ser classificado como o superordenado; já os demais membros (as duas mulheres e as crianças) são os subordinados na imagem.

Figura 12 - Representacional: conceitual processo classificacional

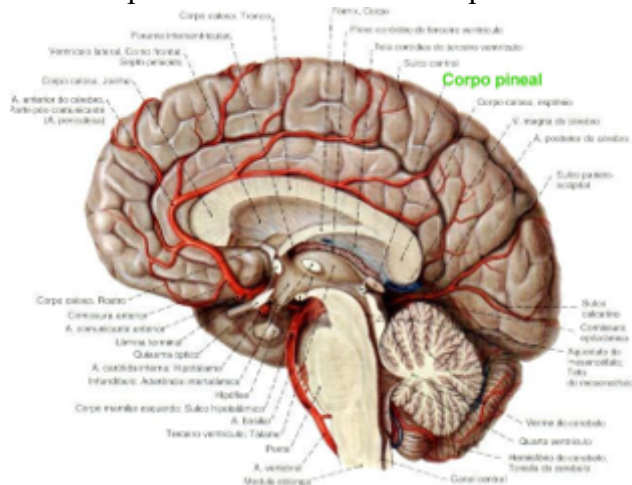


Fonte: Página da web E-farsas (2020)

No contexto da desinformação, em muitos casos, esses enquadramentos operam por meio de taxonomias abertas, nas quais a figura superordenada, frequentemente um líder político, é apresentada como responsável por influenciar ou controlar os demais. Assim, a representação classificacional se torna um recurso que pode reforçar narrativas conspiratórias.

No processo conceitual analítico, os participantes se relacionam por meio de uma estrutura que articula a parte e o todo. Há, nesse processo, dois participantes: um Portador (o todo) e os Atributos Possessivos (as partes). Na figura a seguir (Figura 13), é possível observar esse processo, visto que há o Portador (cérebro humano) e diversos elementos anatômicos nomeados (Atributos Possessivos), apresentados de maneira detalhada e conectados ao Portador por meio de linhas.

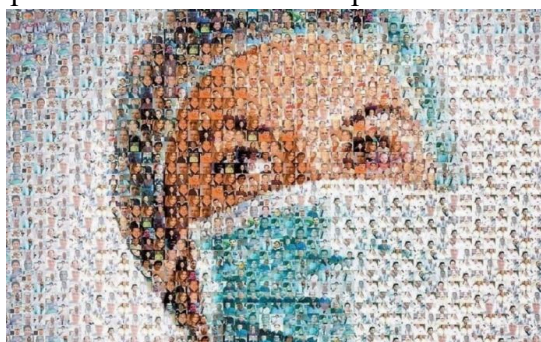
Figura 13 - Representacional: conceitual processo analítico



Fonte: Página da web E-farsas (2014)

No processo conceitual simbólico, o participante é representado pelo que ele significa ou é. Esses processos podem ser atributivos ou sugestivos. O processo simbólico atributivo é “caracterizado pela presença de um portador (o participante cujo significado ou identidade é definido na relação representada) e um atributo simbólico (que representa o significado ou identidade por ele mesmo)” (Fernandes, 2020, p. 89). A imagem abaixo (Figura 14) exemplifica o processo simbólico atributivo, pois há o portador (profissional de saúde) e os atributos (equipamentos de proteção individual).

Figura 14 - Representacional: conceitual processo simbólico atributivo



Fonte: Página da web E-farsas (2020)

Já o processo simbólico sugestivo “apresenta como características principais a falta de detalhes e a atribuição de significados por meio de uma atmosfera que, geralmente, é formada por uma totalização ou iluminação específicas” (Fernandes, 2020, p. 89). Na Figura 15, há apenas um participante (o portador), e o significado é estabelecido de forma sugestiva simbólica, ou seja, a imagem do Cristo Redentor iluminado com as cores da bandeira francesa sugere algo.

Figura 15 - Representacional: conceitual processo simbólico sugestivo



Fonte: Página da web E-farsas (2015)

Em síntese, a metafunção representacional possibilita compreender como os participantes representados, humanos ou não, constroem significados por meio das ações, reações ou classificações que compõem as imagens. Ao distinguir processos narrativos e conceituais, Kress e van Leeuwen (2006) evidenciam que as representações visuais não apenas descrevem, mas produzem sentidos sobre o mundo social. No contexto da desinformação, essa metafunção auxilia a identificar como certos sujeitos são utilizados nas imagens a fim de reforçar estereótipos. Assim, compreender a estrutura representacional é um passo essencial para analisar de que forma as imagens atuam na construção de verdades e crenças nas postagens contendo desinformação.

Se a metafunção representacional revela o que ou quem é mostrado e como esses elementos constroem sentido, a próxima dimensão volta-se para como o que está nas imagens nos convocam enquanto observadores. É na aproximação, distanciamento e envolvimento que se inscreve a metafunção interativa.

3.3.2 A Metafunção Interacional

A Metafunção Interacional tem como foco a interação entre o observador, denominado de participante interativo (PI), e o que está representado na imagem, chamado de participante representado. A partir dessas interações, Kress e van Leeuwen (2006) afirmam que podem ser estabelecidos três tipos de relações: a) entre os PR; b) entre os PI e os PR - ou seja, refere-se às atitudes dos PI em relação aos PR; c) entre os próprios PI, que realizam ações uns com os outros ou para os outros, por meio das imagens.

Neste trabalho, compreendemos que a metafunção interativa é essencial para compreender como a desinformação mobiliza recursos visuais para criar vínculos emocionais e de credibilidade com o leitor. Ao observar as imagens que circulam nas desinformações sobre universidades, buscamos identificar de que forma elas aproximam o leitor de uma posição de cumplicidade ou, ao contrário, o afastam.

Nesse viés, Kress e van Leeuwen (2006, p. 42, tradução nossa)²³ apontam que o modo semiótico precisa ser capaz de “projetar as relações entre o produtor de um signo (complexo) e o receptor/reprodutor desse signo. Ou seja, qualquer modo tem que ser capaz de representar uma relação social particular entre o produtor, o espectador e o objeto representado”. Dessa forma, Kress e van Leeuwen (2006) descrevem quatro dimensões nessa metafunção: contato, distância social, perspectiva e modalidade. Essas dimensões são descritas a seguir.

a) Contato

A direção do olhar do PR define as atitudes que são “esperadas” do observador, ou seja, o contato é determinado pelo vetor formado entre as linhas dos olhos do PR e do PI. Diante disso, Kress e Van Leeuwen (2006) afirmam que há uma diferença entre as imagens em que os PR encaram diretamente o PI e aquelas em que isso não ocorre. Quando o olhar do PR é direcionado ao leitor, cria-se o “contato de demanda”. Nesta, o PR parece buscar estabelecer um vínculo imaginário (e até emocional) com o PI (Lima; Ferreira, 2022; Pimenta, 2020). Além do olhar, outras características nos auxiliam a identificar essa modalidade, como podemos observar na citação a seguir:

A identificação do tipo de relação pretendida pode ser feita a partir da expressão facial e dos gestos: se o participante, por exemplo, sorri, quer que o leitor estabeleça com ele uma relação de afinidade social; se olha de modo sedutor, quer que este deseje. O mesmo se aplica aos gestos. Um participante representado pode apontar o dedo para o espectador como se o chamasse, de forma imperativa: "Ei, você aí". Como contraponto, para mantê-lo afastado, faz um gesto defensivo, como se dissesse "fique longe de mim". O que é importante reconhecer é que a imagem exige uma resposta do observador e, dessa forma, constrói para ele uma posição interpretativa que define quem esse observador é (Fernandes, 2020, p. 90).

A Figura 16 mostra uma desinformação que circulou nas redes sociais, apresentando uma suposta capa da revista *Veja* com o ex-presidente Jair Bolsonaro, na qual ele aparece dizendo que seus eleitores têm QI próximo de zero. Trata-se de uma montagem, em que Bolsonaro aparece olhando diretamente para o leitor/observador da imagem. Esse contato direto pode gerar uma demanda visual, visto que o PR está olhando diretamente para o PI,

²³ “Any semiotic mode has to be able to project the relations between the producer of a (complex) sign, and the receiver/reproducer of that sign. That is, any mode has to be able to represent a particular social relation between the producer, the viewer and the object represented.” (Kress; van Leeuwen, 2006, p. 42).

convidando-o à interação.

Figura 16 - Contato - Demanda

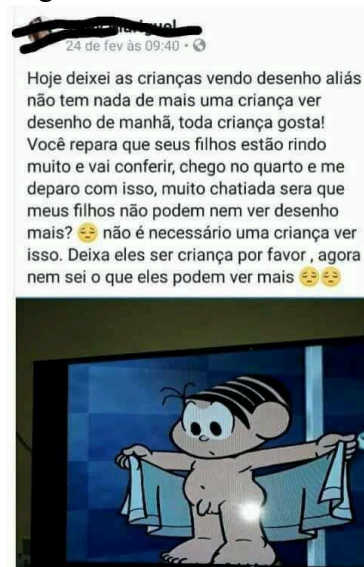


Fonte: Página da web E-farsas (2024)

Consideramos que o contato de demanda é frequentemente explorado como estratégia de manipulação. O olhar direto do PR parece convidar o espectador a aceitar o conteúdo como autêntico, ativando emoções e reforçando a ilusão de proximidade entre o emissor e o público. Ressaltamos que se o PR não tem o olhar voltado diretamente para o PI, ele deixa de ser o sujeito que observa para se tornar o alvo do olhar do observador. Portanto, não há demanda, mas sim oferta, esta exige do observador um olhar de contemplação para o que está representado na imagem.

Abaixo, na figura 17, há uma desinformação em que o personagem da Turma da Mônica não direciona seu olhar ao PI, mas sim a algum elemento dentro do próprio universo da cena. O leitor não é convidado a interagir, mas a apenas observar o que está sendo representado. Percebe-se que o foco da imagem está no corpo do personagem, que chama atenção por estar com a toalha aberta, exibindo um órgão sexual masculino no lugar de uma genitália feminina.

Figura 17 - Contato - Oferta



Fonte: Página da web E-farsas (2018)

Na figura17, há uma desinformação, pois a imagem que viralizou na internet é de uma cena de 1997 do desenho animado da Turma da Mônica. Nela, quem aparece sem a toalha é o personagem Cebolinha. Na história, ele havia aplicado gel no cabelo, que foi transformado por uma fórmula criada pelo Franjinha, deixando-o com a aparência igual à da Mônica. Acreditamos que esse tipo de enquadramento baseado na oferta contribui para criar um efeito em que o leitor é apenas convidado a “ver” a cena, já que não há contato visual, assim, o PR é objeto de observação e julgamento. Nesse caso, imagens que utilizam esse recurso tendem a legitimar percepções prévias do público, já predisposto a interpretar o conteúdo como ameaça social. torna-se necessário avançar para outra dimensão relevante das estratégias visuais: a forma como a proximidade é construída entre quem vê e quem é visto, A seguir, abordamos a noção de distância social.

b) Distância social

Na distância social, ocorre o enquadramento dos elementos representados na imagem, em que o tamanho do enquadre pode ser mais próximo ou mais afastado. Isto é, o enquadramento visa determinar uma relação imaginária de maior ou menor distanciamento entre o PR e o PI. Três enquadramentos ilustram bem essa relação: plano fechado, plano médio e plano aberto.

Ao se escolher um plano fechado (Figura 18), que enquadra o PR da altura dos ombros para cima, estabelece-se uma sensação de proximidade e intimidade com o PI. No caso do enquadramento médio (Figura 19), que mostra o participante da cintura para cima, a relação sugerida é de distância moderada, indicando um vínculo mais “social”. Já quando se utiliza

um plano aberto (Figura 21), em que o participante é mostrado por inteiro, a conexão transmitida é mais distante e impessoal, semelhante à de estranhos.

Harrison (2003, p. 53), citada por Lovato (2010), baseia-se na GDV e estabelece que o PI pode ver o PR de seis maneiras distintas: I) distância íntima: somente a cabeça e o rosto são retratados; II) distância pessoal próxima: apenas a cabeça e os ombros são retratados; III) distância pessoal longa: o participante é retratado da cintura para cima; IV) distância social próxima: todo o participante é retratado; V) distância social longa: todo o participante e o espaço ao seu redor são retratados; e VI) distância pública: o torso de muitas pessoas é retratado. Na desinformação abaixo, é possível ver alguns exemplos:

Figura 18 - Plano fechado



Fonte: Página da web E-farsas (2019)²⁴.

Figura 19 - Plano médio



Fonte: Página da web E-farsas (2024)²⁵

²⁴ A imagem que mostra Jair Bolsonaro ao lado de Jean Wyllys é uma montagem feita a partir de duas fotos reais, captadas em momentos e contextos diferentes. A manipulação teve origem no Reddit.

²⁵ É falso que Lula e Nicolás Maduro tenham sido eleitos com a mesma porcentagem de votos.

Figura 20 - Plano aberto



Fonte: Página da web E-farsas (2021)²⁶

No plano fechado (figura 18), os PR são enquadrados da altura dos ombros para cima, criando um efeito de aproximação com o observador. No exemplo acima, esse enquadramento é utilizado de forma para produzir “choque”, pois o beijo forjado pode operar como mecanismo de provocação emocional. No contexto da desinformação, tal construção visual visa gerar rejeição ou ridicularização, o que é frequentemente explorado para desacreditar figuras públicas.

O plano médio apresenta os participantes da cintura para cima, sugerindo uma forma de proximidade social moderada. Na imagem (figura 19), esse enquadramento é utilizado para simular um encontro político e trazer narrativa conspiratória. Nessa desinformação, há uma busca para conferir verossimilhança, aproximando o observador dos supostos fatos representados, mas mantendo distância suficiente para reforçar um tom de “neutralidade informativa”. No plano aberto, o participante é mostrado por inteiro, inserido no ambiente ao redor, o que promove uma relação mais impessoal e distante com o observador. Na desinformação (figura 20) essa estratégia visual distancia o observador e acreditamos que esse caso busca reforçar uma suposta “postura de superioridade do PI”.

c) Perspectiva

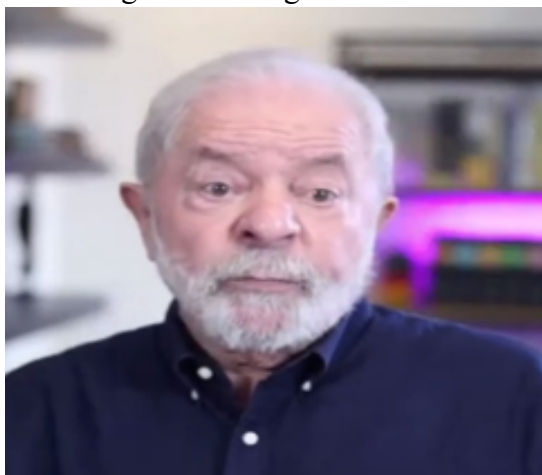
A perspectiva é a terceira dimensão responsável por determinar como ocorre a interação entre os participantes de uma imagem. As imagens podem ser subjetivas ou objetivas. Nas imagens objetivas, não há perspectiva ou ponto de vista, pois a imagem revela tudo o que há para saber (ou o que a imagem produzida julgou ser) sobre os PR (Kress; van

²⁶ O homem deitado entre outros rapazes usando apenas sunga não é o jogador de futebol Neymar.

Leeuwen, 2006). Como exemplo, têm-se mapas técnicos, imagens de máquinas, diagramas, entre outras imagens em que o PR é retratado como ele é. Já nas imagens subjetivas existe uma perspectiva; assim, mostra-se o PR ao PI a partir de um ponto de vista específico.

Ainda no âmbito da perspectiva, Brito (2021, p. 83) aponta que “é nessa dimensão que se colocam as relações de poder, as quais são estabelecidas ou ratificadas pelos ângulos”. As angulações básicas se dividem em três tipos: a frontal (Figura 21), em que a imagem está no nível do olhar, transmitindo, assim, uma relação de poder igualitária entre o PI e o PR; a oblíqua (Figura 22), na qual o PR está de perfil, mostrando uma sensação de alheamento; e a vertical, que possibilita a construção de relações de poder. Em um ângulo superior (alto), o PI é colocado em posição de maior poder em relação ao PR; já no ângulo inferior (baixo) (Figura 23), é o PR que assume uma posição de poder.

Figura 21 - Ângulo Frontal



Fonte: Página da web E-farsas (2022)²⁷

Figura 22 - Ângulo Oblíquo



Fonte: Página da web E-farsas (2014)²⁸

²⁷ É verdade que Lula afirmou, em entrevista, que Alckmin foi contra o impeachment de Dilma. No entanto, em 2016, Alckmin se posicionou publicamente a favor da saída dela da Presidência.

²⁸ A Lei sobre sigilo em investigações de acidentes aéreos foi sancionada por Dilma Rousseff em 2014, mas voltou a circular nas redes sociais fora de contexto, como se fosse atual.

Figura 23 - Ângulo vertical inferior



Fonte: Página da web E-farsas (2014)²⁹

A noção de perspectiva é especialmente relevante para compreender algumas estratégias visuais da desinformação. Isso porque a escolha de um determinado ponto de vista não é neutra, já que ela orienta a forma como o participante interativo percebe o participante representado e, conseqüentemente, influencia a leitura da imagem. Assim, a manipulação das angulações pode atribuir autoridade a determinados sujeitos e inferiorizar outros.

d) Modalidade

A modalidade permite avaliar o grau de confiabilidade das imagens, visto que estas podem ser facilmente manipuladas. Nesse sentido, a credibilidade das informações visuais pode ser examinada por meio dos marcadores de modalidade presentes nas próprias imagens. Esses marcadores, conforme apontam Brito e Pimenta (2009 *apud* Lima; Ferreira, 2022, p. 70), são caracterizados por:

- a) Representação: vai do abstrato ao realístico;
- b) Contextualização: presença ou não de fundo (background), ou seja, fundos brancos, pretos ou sem foco;
- c) Saturação de cor: total saturação de cores até sua ausência de cor (preto e branco);
- d) modulação de cores: escolha do uso das cores (primárias até o uso de nuances);
- e) diferenciação de cores: monocromáticas ou diversas;
- f) Profundidade: ausência ou presença total;
- g) Iluminação: uso do jogo de luz e sombras;
- h) Brilho: várias gradações de luz até apenas duas (preto e branco).

Os marcadores de modalidade surgem a partir dos interesses de determinados grupos sociais que atuam dentro das dinâmicas de poder que moldam a sociedade. Além disso, Kress e van Leeuwen (2006) apontam quatro tipos de marcadores: a) tecnológico (Figura 24), que se

²⁹ A imagem é falsa e resulta de uma montagem. A manipulação foi feita sobre uma foto original do fotógrafo Nilton Fukuda, publicada pelo Estadão.

refere ao uso de esquemas que afastam a imagem de uma representação realista, visando ser mais explicativa, muito comum em mapas e manuais de instrução, indicando baixa modalidade; b) sensorial (Figura 25), que busca provocar reações emocionais no PI e utiliza cores intensas e saturadas, o que também gera um afastamento da realidade; c) abstrato (Figura 26), relacionado a representações do que for essencial para demonstrar uma ideia, comum em contextos informativos, científicos ou mesmo na arte; e d) naturalístico (Figura 27), que representa visualmente aquilo que mais se aproxima do mundo real, sendo, portanto, associado a uma alta modalidade.

Figura 24 - Modalidade-Tecnológico



Fonte: Página da web E-farsas (2019)³⁰

Figura 25 -Modalidade - sensorial

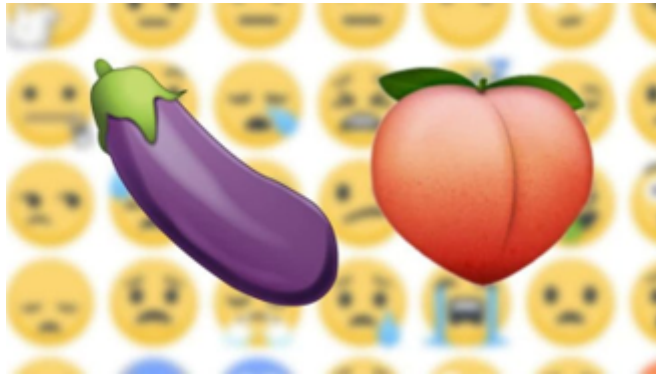


Fonte: Página da web E-farsas (2023)³¹

³⁰ A imagem de um mapa interativo que circula nas redes sociais é autêntica, mas seu conteúdo tem sido interpretado de forma incorreta. O mapa abrange apenas o período entre dezembro de 2016 e dezembro de 2018, e não se limita a ataques a igrejas católicas na França.

³¹ É verdade que um grupo sueco anunciou a realização de um torneio relacionado ao sexo, mas o evento é privado, não tem vínculo com a Confederação Nacional de Esportes da Suécia e será transmitido apenas em um site de conteúdo adulto.

Figura 26 - Modalidade - abstrato



Fonte: Página da web E-farsas (2019)³²

Figura 27 - Modalidade - naturalístico



Fonte: Página da web E-farsas (2018)³³

No contexto da desinformação sobre universidades, a modalidade é particularmente relevante, pois a credibilidade das imagens costuma estar associada à aparência de realismo. Montagens simples, mas visualmente verossímeis, como universitários usando drogas, são capazes de produzir efeitos de verdade justamente por mobilizarem marcadores naturalísticos e estratégias de saturação de cor que imitam o discurso jornalístico.

Levando em consideração a modalidade e o objetivo desta investigação, vale destacar que a SS não tem como propósito afirmar o que é verdade absoluta ou o que não é. Diferentemente disso, ela busca discutir se um modo é representado como verdadeiro ou não.

³² Circula a informação de que o Facebook e o Instagram teriam proibido o uso dos emojis de berinjela e pêssego por associarem-se à sexualidade, mas isso não é NF.

³³ Após o atentado contra o então candidato à Presidência Jair Bolsonaro, em 6 de setembro de 2018, começaram a circular nas redes sociais imagens que associam o autor do ataque, Adélio Bispo de Oliveira, ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Em uma das fotos, Adélio aparece em meio a uma multidão. Contudo, trata-se de desinformação.

Por isso, apesar da Figura 27 ser uma montagem, essa desinformação foi compartilhada por inúmeras pessoas que a consideravam verdadeira. De acordo com Kress e Van Leeuwen (2006, p. 156, grifo nosso, tradução nossa)³⁴:

O conceito de modalidade é igualmente essencial em descrições da comunicação visual. O modo visual pode representar pessoas, lugares e coisas como se fossem reais, como se eles realmente existissem na forma representada, ou como se não existissem – como se fossem imaginações, fantasias, caricaturas, etc. E, aqui também, os julgamentos de modalidade são sociais, dependentes do que é considerado real (ou verdadeiro, ou sagrado) no grupo social para o qual a representação primeiramente se destina.

Assim, para a SS, a verdade é uma construção da semiose, a partir das crenças e valores sociais. Ela parte do princípio de que aquilo que chamamos de verdade é uma construção social. Compreende-se, dessa forma, que o julgamento da modalidade é de cunho social, pois depende do que é considerado real na sociedade em que as representações estão inseridas.

Em síntese, os quatro elementos da metafunção interativa, contato, distância social, perspectiva e modalidade, são fundamentais para compreender como se constroem as relações entre quem produz, quem observa e o que é representado nas imagens. No caso da desinformação, compreendemos que tais elementos não apenas organizam a interação visual, mas também funcionam como mecanismos de persuasão, podendo conferir as imagens aparência de autenticidade e poder afetivo. Enquanto a metafunção interacional revela como se estruturam as relações nas imagens, a metafunção composicional concentra-se na organização visual desses elementos, como veremos a seguir.

3.3.3 A Metafunção Composicional

Nas palavras de Kress e Van Leeuwen (2006, p. 176, tradução nossa)³⁵ “existe um terceiro elemento: a composição do todo, a maneira em que os elementos representacional e interativo são feitos para se relacionar uns com os outros, a forma como eles são integrados em um todo significativo”³⁶. Nesse sentido, a metafunção composicional trata da forma como os elementos do modo visual são organizados e combinados, bem como de suas implicações no processo de construção de sentido. Isso se realiza por meio do posicionamento,

³⁴ No original: “The concept of modality is equally essential in accounts of visual communication. Visuals can represent people, places and things as though they are real, as though they actually exist in this way, or as though they do not – as though they are imaginings, fantasies, caricatures, etc. And, here too, modality judgements are social, dependent on what is considered real (or true, or sacred) in the social group for which the representation is primarily intended”.

³⁵ No original: “There is a third element: the composition of the whole, the way in which the representational and interactive elements are made to relate to each other, the way they are integrated into a meaningful whole” (Kress; Van Leeuwen, 2006, p. 176).

enquadramento e destaque dos elementos na imagem.

Neste trabalho, compreendemos a metafunção composicional como fundamental para observar como a desinformação organiza visualmente seus significados. Ao analisar o modo como certos elementos são organizados e destacados, buscamos identificar como tais arranjos visuais orientam a leitura. Assim, a composição visual revela-se um instrumento estratégico de persuasão. Essa metafunção ocorre por meio de três sistemas interrelacionados: o valor de informação, a saliência e o enquadre/estrutura.

a) Valor de Informação

Refere-se à posição dos elementos da imagem e pode ser dividido em: i) demarcação horizontal - dado/novo: os elementos localizados à esquerda da imagem são tidos como “dado”, ou seja, informações que o observador já conhece, enquanto os elementos à direita tendem a trazer informações novas, que merecem atenção; ii) demarcação vertical - ideal/real: os elementos localizados na parte superior da imagem carregam um sentido mais idealizado (o que pode ser), recebendo mais prestígio, já os que aparecem na parte inferior representam o real e concreto; e iii) demarcação central - margem/centro: os elementos de maior importância numa imagem ficam localizados no centro, pois recebem maior atenção do observador. Observe a figura abaixo:

Figura 28 - Valor de Informação Dado/Novo



Fonte: Página da web E-farsas (2019)

Na desinformação acima (Figura 28), percebemos a presença do processo do valor de informação, mais especificamente a demarcação horizontal (dado/novo). À esquerda da imagem estão posicionados três ministros do Supremo Tribunal Federal (STF) - figuras públicas conhecidas. Por estarem do lado esquerdo, esse conteúdo é apresentado como “dado”, ou seja, algo já conhecido. Já do lado direito da imagem localiza-se a mensagem: “NÃO PAGUE MICO. Não seja como um Ministro do STF, saiba o que está fazendo! Estude Direito na UNIPEP”. De acordo com os princípios da GDV, esse lado direito representa o “novo”, aquilo que se quer comunicar de forma inovadora ou como solução.

b) Saliência

Ocorre quando um elemento recebe maior destaque em relação aos outros da imagem, ou seja, adquire saliência por meio de cores vibrantes, tamanho ou contraste com os outros componentes. Na próxima desinformação (Figura 29), a saliência é atribuída à senhora posicionada à frente dos demais participantes, sendo o elemento que mais se destaca na composição da cena.

Figura 29 - Saliência



Fonte: Página da web E-farsas (2024)³⁷

Entendemos que a saliência, nesse caso, é utilizada para direcionar a atenção do leitor à personagem central. Tal destaque visual contribui para legitimar a mensagem veiculada, atribuindo-lhe um tom de urgência. Assim, a saliência não apenas atrai o olhar, mas também define o que deve ser interpretado como relevante no âmbito da desinformação.

c) Enquadre/estrutura

Refere-se à presença ou ausência de elementos que conectam ou separam os PR. De acordo com Kress e Van Leeuwen (2006, p. 177, tradução nossa)³⁸, “a presença ou ausência de dispositivos de enquadramento (realizados por elementos que criam linhas divisórias, ou por linhas de moldura reais) desconecta ou conecta elementos da imagem, significando que eles pertencem ou não pertencem um ao outro de alguma forma”.

³⁷ A informação de que a Irmã Ilda foi presa é falsa. Ela esteve acampada em um quartel de Brasília, mas não participou dos atos de 8 de janeiro de 2023. Seu nome já foi usado em outra desinformação, como a alegação de que teria morrido na prisão por ordem do ministro Alexandre de Moraes.

³⁸ “The presence or absence of framing devices (realized by elements which create dividing lines, or by actual frame lines) disconnects or connects elements of the image, signifying that they belong or do not belong together in some sense” (Kress; Van Leeuwen, 2006, p. 177).

A conexão entre os elementos da imagem ocorre quando não há marcas claras que separem unidades distintas, o que caracteriza uma estruturação fraca. Em contrapartida, a desconexão entre os elementos surge quando há uma estruturação marcada por contrastes de cores e formas. Esse tipo de composição transmite a ideia de distinção e individualidade entre as partes da imagem, caracterizando uma estruturação forte. Observe o exemplo abaixo:

Figura 30 - Enquadre/estrutura



Fonte: Página da web E-farsas (2024)³⁹

Na desinformação acima (Figura 30), observamos uma estruturação fraca, em que os elementos estão interligados em um fluxo visual contínuo, já que não há elementos gráficos que separem rigidamente os PR. Consideramos que essa estruturação fraca cumpre um papel importante nas postagens desinformativas, pois cria uma sensação de unidade e pode induzir o leitor a perceber a mensagem como legítima mesmo quando o conteúdo carece de fonte ou verificação.

Em síntese, a metafunção composicional permite compreender como o arranjo visual dos elementos, por meio do valor de informação, da saliência e do enquadre, organiza os sentidos de uma imagem e direciona o olhar do observador. Essa organização não é neutra, pois ela contribui para hierarquizar informações, legitimar perspectivas e orientar interpretações.

Após a breve explanação sobre a GDV, torna-se evidente que, assim como a linguagem verbal, o modo visual opera como um sistema de comunicação, capaz de construir e reforçar significados que influenciam a percepção do leitor. Ao longo deste capítulo, procuramos delinear os fundamentos da SS e as categorias analíticas da GDV, que serão mobilizadas para examinar desinformação sobre universidades. Com base nessa perspectiva,

³⁹ É falso que a boxeadora argelina Imane Khelif seja uma mulher transgênero.

compreender os modos visuais como signos motivados permite evidenciar os efeitos de verdade.

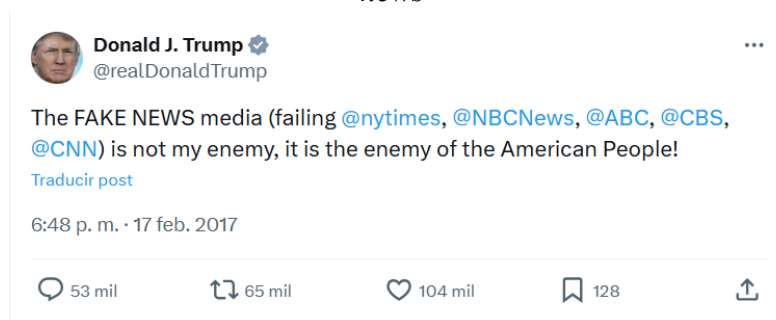
4 DESORDEM INFORMACIONAL E SISTEMAS ADAPTATIVOS COMPLEXOS

De acordo com Santaella (2018), a falsidade nas notícias não é algo novo. A prática de criar notícias enganosas para manipular opiniões ou causar conflitos já ocorre há muito tempo. No entanto, é preciso observar que, atualmente, a desinformação consegue atingir um público muito mais amplo, principalmente devido ao papel central da internet na criação, disseminação e compartilhamento em grande escala de informações, o que facilita a propagação desenfreada de conteúdos muitas vezes enganosos.

Nesse contexto de intensificação e ampliação do alcance informacional, Ferrari e Boarini (2021) destacam que o termo “notícias falsas” ganhou maior visibilidade e passou a ser amplamente debatido a partir de dois eventos ocorridos em 2016: a eleição de Donald Trump, nos Estados Unidos, seguida do *Brexit*, na União Europeia. Esses dois eventos tornaram-se marcos no que se refere à disseminação de desinformação, contribuindo para consolidar a expressão no debate midiático. Contudo, embora amplamente difundido, o termo tem sido questionado por pesquisadores por pelo menos três razões principais.

A primeira é o uso indevido dessa expressão por algumas figuras políticas. Como exemplo, o atual presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, que utilizou o termo diversas vezes para atacar veículos e membros da imprensa que o criticavam. Ele chegou até mesmo a criar o “*Fake News Awards*”, com o objetivo de atacar a imprensa e apontar aqueles que seriam considerados os “maiores propagadores de *fake news*”. Na ocasião, anunciou os vencedores, e a lista incluía jornais como The New York Times e CNN. É importante mencionar que Trump não apresentou evidências de falsidades nas reportagens. Na figura abaixo, podemos observar um dos diversos ataques de Trump a mídia tradicional:

Figura 31 - Publicação de Donald Trump no Twitter acusando a mídia de produzir “*fake news*”



Fonte: rede social X (2026)

No Brasil, o ex-presidente Jair Bolsonaro, em 2019, utilizou o termo *fake news* ou *fake*

em 31 publicações nas redes sociais. Dessas, 20 foram para acusar algum veículo de imprensa ou jornalista de publicar uma informação que ele considerava incorreta. Os veículos citados foram: Folha de São Paulo, O Globo, GloboNews, Estado de São Paulo e Revista Veja, sendo a Folha de São Paulo o veículo mais citado (Lupa, 2019). Na figura abaixo podemos observar um dos diversos ataques de Bolsonaro a mídia.

Figura 32 - Tweet de Jair Bolsonaro acusando a Folha de S.Paulo de divulgar “fake news”



Fonte: rede social X (2026)

Assim, embora veículos de imprensa utilizem o termo *fake news* para designar informações enganosas, alguns líderes políticos têm empregado a expressão para atacar diretamente a mídia tradicional. O termo, então, passou a ser mobilizado de diferentes maneiras: tanto para designar conteúdos enganosos quanto como instrumento de desacreditação, ataque e deslegitimação de veículos de imprensa legítimos e de oponentes políticos (Farkas; Schou, 2018).

Nessa mesma direção, Van der Linden e Roozenbeek (2021) argumentam que em diversos casos, conteúdos classificados por atores políticos como *fake news* não correspondem propriamente a notícias, mas a opiniões, interpretações ou relatos parciais de acontecimentos produzidos por jornalistas. Ao ampliar a noção de falsidade para incluir esse tipo de material, a expressão “notícias falsas” passa a ser empregada de forma estratégica, funcionando como mecanismo de descredibilização da atuação jornalística.

Esse deslocamento evidencia que a expressão deixa de operar exclusivamente no campo da verificação factual e passa a integrar disputas políticas. Ao rotular veículos de imprensa, reportagens e jornalistas como produtores de *fake news*, o termo é mobilizado para desqualificar a fonte da informação e questionar a legitimidade da própria imprensa enquanto

instituição mediadora do debate público, contribuindo para a redução da confiança na mídia tradicional.

Além desse uso estratégico, outro motivo que leva ao questionamento da expressão *fake news* é a combinação de dois termos aparentemente contraditórios: “notícia” e “falso”. Como destaca Prado (2022, p. 25), “a expressão *fake news* não pode ser traduzida ao pé da letra, porque, se são *fakes*, não são *news*”, uma vez que a produção jornalística está associada a uma realidade fática. Quando se une “notícia” a “falso”, cria-se uma formulação que mistura práticas jornalísticas com conteúdos deliberadamente fabricados, o que pode gerar confusão sobre o que é jornalismo, erro, opinião ou manipulação intencional de informações.

Para além dessa contradição semântica, Wardle e Derakhshan (2023) argumentam que o termo notícias falsas não acolhe toda a complexidade do fenômeno que denominam “desordem informacional”. Nessa perspectiva, os autores apresentam uma estrutura mais abrangente, estruturando-a em três dimensões principais (tipos, fases e elementos), cada uma subdividida em três categorias.

No que se refere aos tipos, tem-se:

- Informação falsa [mis-information] ocorre quando informação falsa é compartilhada sem a intenção de causar dano.
- Desinformação [dis-information] ocorre quando informação falsa é deliberadamente compartilhada com a intenção de causar danos.
- Informação maliciosa [mal-information] ocorre quando informação genuína é compartilhada com a intenção de causar danos, muitas vezes movendo informações destinadas a permanecer privadas para a esfera pública (Wardle; Derakhshan, 2023, p. 20).

Os três tipos estão representados na figura 33 a seguir, elaborada pelos próprios autores.

Figura 33 - Desordem informacional



Fonte: Wardle; Derakhshan (2023)

A informação falsa (*misinformation*), que consiste em conteúdo falso, mas não danoso,

não tem a intenção deliberada de prejudicar. É comum em situações em que as pessoas compartilham a informação de que algo é verdadeiro, acreditando estar ajudando. Um exemplo disso ocorreu durante a pandemia de COVID-19, quando muitas pessoas compartilharam a informação de que um chá feito com jambu, limão, alho e paracetamol curava o coronavírus (G1, 2020). Essa informação era falsa, mas foi amplamente difundida por pessoas que acreditavam estar ajudando outras a se protegerem da doença.

O segundo tipo de desordem informacional é a desinformação (*disinformation*), que abarca conteúdos falsos compartilhados com a intenção de causar danos. Um exemplo foi a disseminação, durante a campanha eleitoral de 2018, do que ficou conhecido como “mamadeira de piroca”. Essa desinformação afirmava que o então candidato Fernando Haddad, por meio do chamado “kit gay”, teria distribuído uma “mamadeira em formato de pênis” em creches, e que isso seria disseminado por todo o país caso ele ganhasse as eleições presidenciais.

A distinção entre *misinformation* e *disinformation* parece bastante precisa. Contudo, ao partir para a coleta de dados, o pesquisador enfrenta alguns desafios. Em diversos momentos, emerge o questionamento: como saber se houve intenção? A intencionalidade do autor nem sempre é verificável, ou seja, há um desafio metodológico, pois o pesquisador raramente tem acesso direto às motivações do agente que cria o conteúdo. Assim, não há como determinar se o compartilhamento decorreu de crença, erro ou estratégia deliberada (Araújo, 2025, informação verbal⁴⁰).

Além disso, entendemos que um conteúdo pode variar, sendo *disinformation* em sua origem e *misinformation* em sua circulação. Isso ocorre porque um mesmo material pode ser produzido com a intenção de causar dano e, posteriormente, compartilhado por indivíduos que acreditam em sua veracidade, sobretudo quando esses conteúdos possuem forte apelo emocional, pois tendem a alcançar ampla circulação justamente por sua carga afetiva. A mobilização de emoções, como medo, raiva ou empatia, desempenha papel central na dinâmica da desinformação, pois influenciam os usuários a compartilhar mensagens.

Isso explica o fato de muitas pessoas acreditarem em histórias e narrativas que não resistiriam a uma análise racional metódica: ao despertar emoções no receptor, o agente da desinformação consegue suspender, ao menos temporariamente, o crivo racional e induzir o destinatário a aceitar e até mesmo compartilhar o conteúdo (Silva; Cendón, 2022, p. 17).

Nesse sentido, a distinção entre *misinformation* e *disinformation* pode variar conforme

⁴⁰ Informação verbal fornecida por Araújo (2025) durante a banca de qualificação de Carlos Maycon Almeida Santos.

a etapa do ciclo da desordem informacional e o papel desempenhado pelo agente envolvido. Essa dinâmica evidencia que a desordem informacional não se organiza em categorias isoladas, mas em processos interdependentes que se transformam conforme o contexto e os atores que participam de sua propagação. Tal característica revela a complexidade do fenômeno, marcado por diversas interações.

O terceiro tipo da desordem informacional é a informação maliciosa (*malinformation*) é inteiramente danosa e ocorre quando um conteúdo verdadeiro é divulgado intencionalmente com o objetivo de prejudicar alguém ou algo. Um exemplo ocorreu em 2024 com Eric Fantin e Daniel Borges, candidatos a prefeito pelo PL, que tiveram vídeos íntimos vazados durante a disputa eleitoral. Fantin concorria à prefeitura de Brasnorte, no Mato Grosso, enquanto Borges disputava em Rio Grande, no Rio Grande do Sul (Maciel, 2024). Apesar de serem materiais verdadeiros, o vazamento visava prejudicar a imagem pública dos candidatos.

Observa-se, portanto, que os três tipos de desordem informacional abrangem uma ampla variedade de situações. Dessa forma, desinformação (*disinformation*) é a categoria que mais nos interessa neste estudo, por envolver a produção e a circulação de conteúdos falsos com a intenção de causar danos.

Para além dos tipos, Wardle e Derakhshan (2023) destacam a importância de considerar os elementos que compõem a desordem informacional. Segundo os autores, três aspectos devem ser analisados: o agente, a mensagem e o intérprete. O agente refere-se a quem esteve por trás da criação, produção e disseminação do conteúdo, bem como às possíveis motivações que orientaram essa ação. A mensagem diz respeito ao formato, às características e aos recursos mobilizados na construção do conteúdo. Já o intérprete corresponde ao público que recebe a mensagem, às formas como a compreende e às reações que dela decorrem.

Por fim, o ciclo de vida da desordem informacional é dividido em três fases: I) criação, quando a mensagem é elaborada; II) produção, em que a mensagem é transformada em produto midiático; III) distribuição, fase na qual a mensagem é disseminada. Nesse sentido, Wardle e Derakhshan (2023) afirmam que o chamado “agente” responsável por elaborar uma mensagem fabricada não é, necessariamente, o mesmo que a reproduz ou a distribui.

A fase de criação é o momento em que a desinformação é construída a partir de alguma intencionalidade. Embora muitos acreditem que a desinformação emerge apenas de grupos articulados, um único indivíduo também pode ser seu autor, como é o caso de Donald Trump, que, em 2020, foi apontado como a maior fonte de desinformação sobre a Covid-19

do mundo⁴¹. Nesse sentido, consideramos que o processo de criação não é tão linear quanto parece, uma vez que mesmo nos casos em que a desinformação é inicialmente criada por um único indivíduo, sua amplificação depende de dinâmicas algorítmicas que podem extrapolar a intenção original.

Em nossas análises, investigaremos de que modo cada fase pode se manifestar no material empírico. A criação será observada a partir da seleção temática que orienta a construção de sentido. A produção será analisada por meio dos enquadramentos, cores, tipografias e arranjos composicionais, sob a perspectiva da GDV. Já a fase de distribuição é examinada a partir dos indícios de engajamento, como número de comentários, reações e compartilhamentos.

Diante do exposto, observa-se que a desinformação não se organiza de maneira linear. A criação, a produção e a distribuição não operam como etapas isoladas, mas como dimensões interdependentes que se influenciam mutuamente. As reações dos intérpretes podem desencadear novas criações; e a dinâmica dos algorítmicos modulam a visibilidade e a circulação no âmbito digital. Essa dinâmica revela que, para além da tipologia proposta por Wardle e Derakhshan (2023), torna-se necessário compreender a desinformação como um subsistema complexo inserido no interior de um sistema mais amplo: a desordem informacional. Nesse sentido, na seção seguinte, aprofundaremos essa discussão a partir da perspectiva dos Sistemas Adaptativos Complexos.

4.1 A desinformação como subsistema complexo da desordem informacional

A escolha por compreender a desinformação sob a perspectiva dos Sistemas Adaptativos Complexos ocorreu porque reconhecemos a natureza complexa e dinâmica desse fenômeno, conforme apontado por diversos pesquisadores, como Silva e Cendón (2022), Di Domenico e Visentin (2020), Friedrich (2022), entre outros.

Concordamos com esses autores que destacam a complexidade da desinformação, uma vez que ela envolve múltiplos agentes e afeta diversos âmbitos da sociedade. Nesse sentido, é importante mencionar que o comportamento de um SAC resulta da interação entre seus agentes e que, devido à natureza não linear e imprevisível desses sistemas, as mudanças nem sempre refletem diretamente as interações que as originaram. Em outras palavras, pequenas ações podem desencadear grandes reações.

Nesse sentido, os efeitos da desinformação podem ser devastadores, pois o fenômeno é

⁴¹ Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/trump-e-apontado-como-a-maior-fontede-desinformacao-do-mundo-diz-pesquisa/> Acesso em 09 jan. 2026.

sensível às condições iniciais, podendo gerar consequências de grande alcance. A expressão “efeito borboleta” ilustra essa dependência das condições iniciais. Sobre isso, Gimenez (2020, p. 2) afirma que:

da mesma forma que o bater de asas de uma borboleta do outro lado do mundo poderá provocar e influenciar o curso natural das coisas, assim é com as *Fake News*, as quais são compartilhadas e divulgadas com a mesma velocidade de um bater de asas de borboleta e seus efeitos, poderão ser devastadores.

Assim, a dinâmica da desinformação pode influenciar toda a trajetória de uma sociedade, visto que uma desinformação publicada pode ser amplificada por mecanismos algorítmicos e reinterpretada por diferentes pessoas, produzindo efeitos que extrapolam em muito sua origem. A sensibilidade às condições iniciais no âmbito da desinformação torna-se evidente nos resultados de um estudo que analisou a circulação de informações no X (antigo Twitter), a partir do exame de aproximadamente 126 mil notícias tuitadas (Vosoughi et al., 2018). A pesquisa demonstrou que conteúdos falsos tendem a se espalhar com maior rapidez e alcançar públicos mais amplos do que informações verificadas. Os resultados indicaram, ainda, que essa difusão ocorre predominantemente por meio de usuários humanos, e não de perfis automatizados, evidenciando que fatores sociais e emocionais desempenham papel central na amplificação do conteúdo.

No Brasil, as eleições presidenciais de 2018 também evidenciaram a força da desinformação⁴². Durante a campanha que resultou na eleição de Jair Bolsonaro, observou-se a proliferação de grupos em aplicativos de mensagens, especialmente o *WhatsApp*, nos quais conteúdos falsos eram amplamente compartilhados, muitos deles direcionados contra adversários como Fernando Haddad. As mensagens abordavam temas delicados para parte do eleitorado, despertando medo, indignação e a sensação de que valores religiosos e familiares estariam sob ameaça.

Assim, essas narrativas encontraram terreno fértil para rápida circulação. Pequenos conteúdos distribuídos em grupos específicos puderam ganhar grande alcance à medida que eram reenviados, reinterpretados e reforçados por diferentes sujeitos. Essa dinâmica evidencia que a desinformação não se desenvolve de maneira linear, já que uma publicação inicial pode ganhar grandes proporções à medida que é compartilhada, sobretudo quando fatores emocionais influenciam o engajamento dos usuários. Nesse contexto, a circulação das mensagens não segue um fluxo previsível entre emissor e receptor, pois o ambiente digital envolve múltiplos agentes e interações que ampliam e transformam o conteúdo ao longo do

⁴² Disponível em:

<https://www12.senado.leg.br/tv/programas/eleicoes-2018/2018/11/noticias-falsas-espalhadas-nas-redes-sociais-marcaram-as-eleicoes-de-2018>. Acesso em 09 jan. 2026.

processo de disseminação.

O ambiente digital envolve múltiplos fatores no processo de circulação. Nesse contexto, a relação entre causa e efeito não é proporcional: uma publicação inicial, ainda que restrita a um grupo específico, pode adquirir grande escala por meio de compartilhamentos e de amplificação algorítmica. Essa não linearidade torna o sistema imprevisível, pois o impacto de um conteúdo não depende apenas de sua origem, mas também das interações subsequentes.

Acreditamos que o fenômeno da desinformação também apresenta características de emergência e auto-organização. No âmbito digital, nossas curtidas e interações contribuem para a emergência de bolhas informacionais e câmaras de eco, que se constituem à medida que usuários compartilham conteúdos semelhantes, seguem perfis com os quais concordam e reagem de modo recorrente a determinados temas. As bolhas informacionais criam padrões emergentes e intensificam a desinformação porque criam ambientes em que as mensagens circulam quase sem contestação.

Tudo o que você gosta de ver e ouvir em serviços de streaming, quem você curte nas redes sociais, o que você compra nas lojas online, o que você joga no seu videogame, suas viagens, seus desejos, suas conversas por email ou mesmo no whatsapp; tudo isso está sendo monitorado 24h pelo grande olho da rede. Essa grande máquina social invisível, fruto da enorme personalização dos ambientes online, usa todos os dados coletados da sua vida digital para te oferecer tudo aquilo que ela considera relevante para você. (...) O problema é que esta personalização extrema da nossa vida conectada provoca o que alguns estudiosos chamam de "câmaras de eco" ou "salas espelhadas", onde tudo o que vemos e consumimos é reflexo de nós mesmos (Mansera, 2015).

Assim, dentro dessas câmaras de eco, os indivíduos têm menos contato com perspectivas divergentes, o que reduz a possibilidade de rejeição ou questionamento do conteúdo recebido. Nesse sentido, os agentes que criam desinformação entendem que, quando as pessoas consomem e compartilham essas mensagens, elas o fazem cada vez mais de dentro dessas câmaras de eco, sem ninguém para contrariar as ideias contidas nas mensagens.

Consideramos que a desinformação também pode ser compreendida a partir da noção de abertura, pois o fenômeno não se desenvolve em um ambiente fechado, mas em constante interação com o ambiente externo. Em outras palavras, o fluxo contínuo de informações, opiniões, eventos e disputas políticas alimenta e transforma as narrativas desinformativas, que se ajustam às pautas do momento. Essa abertura implica que a desinformação está permanentemente exposta a influências externas.

Além disso, o sistema demonstra capacidade adaptativa. Quando uma narrativa é contestada por agências de checagem ou veículos jornalísticos, ela pode ser reformulada. Essa

reconfiguração contínua indica que a desinformação responde às pressões do ambiente, ajustando-se para manter sua circulação e relevância.

Em diversas situações, conseguimos observar a presença de atratores estranhos, como em casos em que a desinformação sabota campanhas de vacinação⁴³. Esse tipo de desinformação, infelizmente, influencia decisões de milhares de pessoas. Mesmo quando são desmentidas, essas narrativas reaparecem com novas formas e continuam mobilizando grupos antivacina.

Assim, desconsiderar a dinamicidade do fenômeno implica interpretar a desinformação como resultado de ações isoladas, desconsiderando que ela se sustenta em uma ampla rede de interações. Seu impacto está relacionado às dinâmicas de circulação que se estabelecem em ambientes digitais organizados por sistemas algorítmicos, como os *feeds* das redes sociais, os mecanismos de recomendação de plataformas de vídeo, os grupos de aplicativos de mensagens e os critérios de priorização utilizados por mecanismos de busca (Araújo, 2025, informação verbal)⁴⁴. Nesse sentido, desinformação e algoritmos se articulam de maneira interdependente na organização dos fluxos informacionais.

No artigo “O algoritmo é um texto”, Araújo (2025) afirma que os algoritmos:

não apenas organizam dados, mas constroem realidades, influenciando o que vemos, sabemos e até quem somos. Apesar disso, a linguagem algorítmica é comumente tratada como técnica e neutra, ocultando sua dimensão discursiva. Ainda se acredita que algoritmos sejam apenas sequências formais de comandos, desprovidas de intencionalidade e sentido (Araújo, 2025, p. 1).

Araújo (2025) defende que os algoritmos podem ser compreendidos como textos, operando performatividades, pois organizam sentidos, geram respostas e orientam formas de interações. Nessa perspectiva, os sistemas algorítmicos participam da dinâmica de produção de significados no ambiente digital ao estruturar relações de visibilidade e verdade. Essa condição permite compreender como a desinformação se insere nesses fluxos, explorando lógicas de visibilidade e engajamento que favorecem sua circulação e amplificação nas plataformas digitais.

A discussão sobre algoritmos emerge de forma relevante neste estudo, pois entendemos que a desinformação pode ser compreendida como um subsistema adaptativo complexo que opera dentro de um sistema informacional mediado por algoritmos. Nessa perspectiva, os algoritmos podem ser compreendidos como curador do espaço informacional,

⁴³ Disponível em:

<https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/fake-news-sabotaram-campanhas-de-vacinacao-na-epoca-do-imperio>. Acesso em 15 jan. 2026.

⁴⁴ Informação verbal fornecida por Araújo (2025) durante a banca de qualificação de Carlos Maycon Almeida Santos.

assim sendo, o algoritmo é também curador do discurso desinformativo. Quando organizam e hierarquizam conteúdos nas plataformas digitais, esses sistemas também estruturam as relações de visibilidade que influenciam aquilo que pode ser visto e reconhecido como informação relevante. Nesse cenário, a desinformação tende a explorar lacunas presentes nessas dinâmicas de curadoria, ajustando suas estratégias discursivas para ampliar sua visibilidade e circulação nas plataformas digitais.

Por ser um SAC, a desinformação se adapta à lógica algorítmica, pois, à medida que os sistemas algorítmicos priorizam conteúdos com maior potencial de engajamento, produtores de desinformação ajustam estratégias discursivas, formatos narrativos e recursos visuais capazes de maximizar visibilidade e circulação nas plataformas digitais. Nesse contexto, em nossa análise, mostramos que conteúdos com imagens sensacionalistas passam a ser frequentemente utilizados contra as universidades por apresentarem maior potencial de gerar engajamento nas redes sociais. Narrativas criadas a fim de mobilizar afetos intensos, como raiva, tendem a estimular muitas interações entre usuários, o que amplia as chances de circulação desses conteúdos.

Ao mesmo tempo, os sistemas algorítmicos aprendem a reforçar conteúdos que geram maior engajamento e retenção dos usuários, independentemente de sua veracidade. Como consequência, conteúdos desinformativos que apresentam alto potencial de interação podem alcançar ampla circulação.

Entendemos que os algoritmos podem apagar verdades, operando como dispositivo de controle. Assim, desinformação e algoritmos são coautores de exclusão epistêmica, já que as exclusões produzidas por sistemas algorítmicos não se limitam à invisibilização de determinados sujeitos ou grupos sociais, mas também se manifestam na priorização de desinformação (Araújo, 2025).

Ao compreendermos a desinformação como um sistema adaptativo complexo, propomos analisá-la não apenas como resultado de manipulação, mas como um fenômeno em constante interação e mudança. Essa perspectiva permite observar as imagens da desinformação sobre as universidades como partes de um sistema semiótico em movimento, no qual os recursos visuais desempenham papel relevante na circulação, na legitimação e na transformação dos sentidos. No próximo capítulo, apresentaremos os procedimentos metodológicos que orientarão a aplicação dessa perspectiva analítica.

5 PERCURSO METODOLÓGICO

A fim de responder às questões norteadoras, definimos o percurso metodológico da pesquisa. Assim, considerando que “qualquer conhecimento opera por seleção de dados significativos e rejeição de dados não significativos: separa (distingue ou disjunta) e une (associa, identifica); hierarquiza (o principal, o secundário) e centraliza (em função de noções-chaves)” (Morin, 2011, p. 10), procuramos alinhar nossas escolhas metodológicas tanto ao objeto de estudo quanto à perspectiva teórica que sustenta esta pesquisa.

Optamos por adotar a teoria da complexidade por compreendermos que, diante de um fenômeno complexo como a desinformação, seria inadequado recorrer a uma visão reducionista da ciência. Tal perspectiva permite considerar a dinamicidade, a não linearidade e as interações que constituem o fenômeno. Além disso, é importante destacar que a produção do signo, conforme Macedo (2022), constitui um fenômeno complexo, vinculado à história psicológica, social e cultural de seu produtor. Nesse contexto, a escolha pela SS complementa essa abordagem, ao compreender a produção de sentido como um processo social, histórico e situado. A seguir, descrevemos os procedimentos metodológicos adotados no desenvolvimento desta pesquisa. Contudo, antes, explicitaremos as questões, suposições e objetivos de pesquisa.

5.1 Questões, suposições e objetivos de pesquisa

Esta pesquisa apresenta a seguinte questão central: de que forma os modos visuais presentes na desinformação sobre universidades contribuem para a vinculação da ideia de verdade e quais são as implicações do seu uso? Respondemos a esse questionamento partindo da suposição de que os modos visuais utilizados na desinformação são estrategicamente selecionados para simular características de veracidade e que, como implicação, o uso de certas imagens pode reforçar visões preconcebidas sobre o ambiente universitário. Nesse sentido, o objetivo geral desta pesquisa consiste em analisar os modos visuais presentes na desinformação sobre universidades, juntamente com os comentários relacionados, com o intuito de compreender de que forma o imagético contribui para o processo de vinculação da ideia de verdade, bem como as implicações do seu uso.

No que se refere às questões e suposições específicas deste estudo, a primeira questão específica é: quais modos visuais são utilizados na elaboração da desinformação sobre as universidades? Para essa pergunta, nossa suposição é de que produtores de desinformação sobre universidades recorrem frequentemente a recursos visuais, como fotografias descontextualizadas e montagens apelativas envolvendo alunos e professores. Assim, temos como primeiro objetivo específico identificar os modos visuais utilizados na elaboração de

desinformação sobre as universidades.

Como segunda questão específica, temos: como os modos visuais são organizados na desinformação sobre universidades para produzir sentido? Partimos da suposição de que, na desinformação sobre universidades, os modos visuais são organizados de forma estratégica para construir significados que reforcem a credibilidade. Nessa perspectiva, nosso segundo objetivo específico é examinar como os modos visuais são organizados na desinformação para a construção de sentido, com base na análise proposta pela GDV.

A terceira questão específica de pesquisa é: de que maneira os modos visuais presentes na desinformação interagem com o modo escrito para construir sentidos? Partimos da suposição de que os modos visuais ajudam o leitor a interpretar o modo escrito, guiando o entendimento da mensagem. Por conta disso, temos como terceiro objetivo específico compreender de que maneira os modos visuais presentes na desinformação interagem com o modo escrito para construir sentidos.

Nossa quarta questão específica é: quais são as implicações do uso de imagens pelos criadores de desinformação? Nossa suposição é de que o uso de imagens na desinformação contribui para aumentar sua credibilidade e impacto emocional, facilitando sua disseminação. Nesse viés, nosso quarto objetivo é investigar as implicações do uso de modos visuais na desinformação, considerando a sensibilidade às condições iniciais, com base na análise dos comentários de usuários em postagens contendo desinformação. A seguir, apresentamos, com base no Quadro Norteador da Pesquisa, a articulação entre as questões, suposições e objetivos, bem como seus respectivos desdobramentos.

Quadro 2 - Quadro Norteador de Pesquisa (QNP)

QUESTÃO CENTRAL	SUPOSIÇÃO CENTRAL	OBJETIVO GERAL
De que forma os modos visuais presentes na desinformação sobre universidades contribuem para a vinculação da ideia de verdade, e quais são as implicações do seu uso?	Os modos visuais utilizados na desinformação são estrategicamente selecionados para simular características de veracidade e que, como implicação, o uso de certas imagens pode reforçar visões preconcebidas sobre o ambiente universitário.	Analisar os modos visuais presentes na desinformação sobre universidades, juntamente com os comentários relacionados, com o intuito de compreender de que forma o imagético contribui para o processo de vinculação da ideia de verdade, bem como as implicações do seu uso.
QUESTÕES ESPECÍFICAS	SUPOSIÇÕES ESPECÍFICAS	OBJETIVOS ESPECÍFICOS
Quais modos visuais são utilizados na elaboração da desinformação sobre as universidades?	Produtores de desinformação sobre universidades recorrem frequentemente a recursos visuais, como fotografias descontextualizadas e montagens apelativas envolvendo alunos e professores.	Identificar os modos visuais utilizados na elaboração de desinformação sobre as universidades.
Como os modos visuais são organizados na desinformação sobre universidades para produzir	Na desinformação sobre universidades, os modos visuais são organizados de forma	Examinar como os modos visuais são organizados na desinformação para a construção de sentido, com

sentido?	estratégica para construir significados que reforcem a credibilidade.	base na análise proposta pela GDV.
De que maneira os modos visuais presentes na desinformação interagem com o modo escrito para construir sentidos?	Os modos visuais ajudam o leitor a interpretar o modo escrito, guiando o entendimento da mensagem.	Compreender de que maneira os modos visuais presentes na desinformação interagem com o modo escrito para construir sentidos.
Quais são as implicações do uso de imagens pelos criadores de desinformação?	O uso de imagens na desinformação contribui para aumentar sua credibilidade e impacto emocional, facilitando sua disseminação.	Investigar as implicações do uso de modos visuais na desinformação, considerando a sensibilidade às condições iniciais, com base na análise dos comentários de usuários em postagens contendo desinformação.

Fonte: elaborado pelo autor (2025).

5.2 Caracterização da pesquisa

A abordagem qualitativa tem se mostrado relevante em pesquisas voltadas à compreensão de fenômenos complexos. Assim, a opção por essa abordagem decorre da natureza intrincada da desinformação, fenômeno que demandou uma abordagem que possibilitasse a interpretação dos diversos fatores surgidos ao longo desta investigação. Nesta pesquisa, reconhecemos a dinamicidade do objeto e, por isso, estamos abertos às possibilidades que podem surgir ao longo da investigação, evitando uma rigidez excessiva, mas sem renunciar ao rigor necessário na construção de um trabalho científico.

Além disso, considerando os objetivos e o objeto deste estudo, esta investigação classifica-se como uma pesquisa descritiva, visto que também buscamos descrever as características do fenômeno estudado. Dessa forma, foi necessário um estudo bibliográfico, bem como documental. Sobre a pesquisa documental, Gil (2008, p. 51) afirma que:

Existem, de um lado, os documentos de primeira mão, que não receberam qualquer tratamento analítico, tais como: documentos oficiais, reportagens de jornal, cartas, contratos, diários, filmes, fotografias, gravações etc. De outro lado, existem os documentos de segunda mão, que de alguma forma já foram analisados, tais como: relatórios de pesquisa, relatórios de empresas, tabelas estatísticas etc.

Nesse sentido, o material analisado nesta pesquisa possui natureza documental, visto que é composto por desinformações e comentários de usuários provenientes de ambientes digitais. Ademais, considerando os objetivos específicos desta pesquisa, selecionamos e aplicamos, em nossas análises, categorias analíticas das metafunções (representacional, interacional e composicional) propostas pela GDV. Já para análise dos comentários, consideramos a sensibilidade às condições iniciais.

5.3 Lócus da pesquisa

Selecionamos desinformações sobre universidades, checadas por três agências de *fact-checking* (AFP, e-Farsas e Lupa)⁴⁵ publicadas entre Janeiro de 2018 e Janeiro de 2025. A partir dessa seleção, torna-se relevante apresentar brevemente as agências responsáveis pela verificação das informações.

O setor de checagem de fatos da AFP faz parte da *Agence France-Presse*, uma agência de notícias internacional reconhecida por seu compromisso com a precisão, imparcialidade e independência editorial. A coordenação do *fact-checking* é realizada a partir da sede em Paris, com o apoio de editores regionais distribuídos em diferentes continentes. A equipe é responsável por investigar e verificar conteúdos potencialmente enganosos, especialmente nas redes sociais (AFP). Na figura 34, é apresentado o layout da página inicial do site:

Figura 34 - Layout página inicial do site AFP



Fonte: Site Checamos (2025)

No que se refere ao E-farsas, de acordo com informações retiradas do próprio site, ele surgiu no dia 1º de Abril de 2002. Foi criado pelo ex-pedreiro e atual analista de sistemas Gilmar Lopes. O site tornou-se uma referência em verificação de boatos, sendo reconhecido por seu compromisso em investigar e esclarecer conteúdos duvidosos que circulam na internet. Com cerca de 150 pedidos de checagem por dia, o E-farsas ganhou destaque em veículos de imprensa e meios acadêmicos (E-farsas). Vejamos, na figura 35 a seguir, o layout da página inicial do site:

⁴⁵ Sabemos que as agências de checagem de fatos desempenham papel importante na identificação de desinformação, mas é importante questionar a ideia de que a responsabilidade pela identificação da desinformação recaia exclusivamente sobre essas instituições. É preciso reconhecer que o trabalho de verificação é realizado por sujeitos atravessados por crenças e ideologias. Dessa forma, a centralização dessa tarefa vai de encontro a nossa compreensão da desinformação como SAC, já que o combate desse fenômeno envolve diversos agentes, como os próprios usuários. Assim, confiar exclusivamente na atuação dessas instituições pode reforçar a ideia equivocada de que o indivíduo estaria dispensado do exercício crítico frente às informações que consome e compartilha.

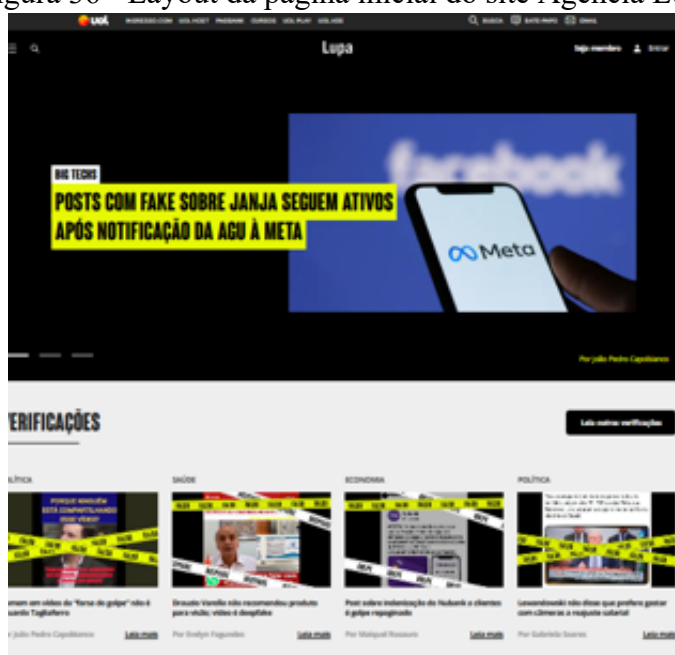
Figura 35 - Layout página inicial do site E-farsas



Fonte: E-farsas (2025)

Já a Agência Lupa, criada em 2015, é uma das principais referências no Brasil em checagem de fatos e combate à desinformação. Iniciou suas atividades como uma agência de notícias voltada exclusivamente para o *fact-checking*. Contudo, ao longo do tempo, buscou expandir suas ações para o ensino de técnicas de checagem. Com duas frentes de trabalho (Lupa Jornalismo e Lupa Educação), a organização produz reportagens, checagens e conteúdos especiais, ao mesmo tempo em que promove oficinas, treinamentos e ações de educação (Lupa). Abaixo, o layout da página inicial do site:

Figura 36 - Layout da página inicial do site Agência Lupa



Fonte: Site Agência Lupa (2025)

A escolha dessas três plataformas se justifica por sua relevância no combate à

desinformação. Além disso, seus acervos são amplamente acessíveis, o que permitiu o exame de conteúdos com grande circulação. Os sites de checagem também traziam, em alguns casos, comentários relacionados à desinformação publicada. Quando isso não acontecia, buscávamos esses comentários diretamente nas redes sociais, para verificar se havia algum tipo de reação dos participantes interativos.

Em certas situações, encontrávamos a postagem original, mas nenhum comentário que se relacionasse com ela. Em outras, víamos comentários que faziam referência à desinformação, mas não localizávamos a publicação em si, o que impedia a análise completa. Também houve casos em que a imagem usada na desinformação aparecia em outro contexto enganoso, especialmente no Facebook. Em algumas situações, a postagem não era encontrada em nenhuma rede. Por outro lado, encontramos publicações em que tanto a desinformação quanto os comentários estavam disponíveis e podiam ser analisados. Em resumo, Instagram, X e Facebook também se mostraram como espaços importantes para esta pesquisa. Assim, essas redes sociais, bem como os sites AFP, E-farsas e Lupa, configuram-se como o lócus desta pesquisa.

5.4 Material empírico da pesquisa

Antes de analisarmos o material empírico desta pesquisa, cabe destacar que essa busca ocorreu em ambientes digitais cuja dinâmica de visibilidade é mediada por sistemas algorítmicos. Desse modo, as postagens e imagens analisadas não apenas circulam por meio dessas plataformas, mas se tornam acessíveis ao pesquisador a partir de mecanismos de ranqueamento e recomendação que organizam aquilo que ganha visibilidade. Reconhecemos, assim, que o próprio material empírico é atravessado por essas lógicas de curadoria, que condicionam sua circulação e sua forma de acesso.

O material empírico a ser analisado nesta pesquisa será constituído por três amostras. Para localizá-las, foram utilizadas palavras-chave nos mecanismos de busca de cada uma das plataformas. Entre os termos pesquisados estão: alunos, estudantes, universitários, professores, coordenadores, reitores, artigos, trabalho de conclusão de curso, monografias, dissertações, teses e universidades⁴⁶.

Quando não encontrávamos comentários relacionados à desinformação nas agências de checagem, passávamos a buscar por conta própria. Uma das estratégias que utilizávamos era colocar a imagem da desinformação no Google para verificar se ela havia sido publicada em alguma rede social. Assim, tentávamos localizar a origem ou a circulação da desinformação em plataformas como Instagram, X ou Facebook, na tentativa de encontrar

⁴⁶ Consideramos também a variação desses termos no singular e no feminino, quando aplicável.

também comentários a esse conteúdo.

No que se refere ao processo de seleção dos conteúdos que compõem o material empírico desta pesquisa, foram adotados alguns critérios, como a nitidez das imagens dos materiais selecionados. Isso porque foi observado que, muitos conteúdos disponíveis nas plataformas de checagem, apresentam imagens em baixa resolução ou borradas, o que comprometeria a análise dos modos visuais. Já sobre a seleção dos comentários, costumávamos analisar todos os que o site de checagem disponibilizava, quando buscávamos nas redes sociais, a seleção ocorria de maneira aleatória.

5.5 Procedimentos de análise

A análise dos dados procurou contemplar os aspectos delineados nas questões e nos objetivos apresentados na introdução deste trabalho. Considerou-se relevante a utilização da Semiótica Social e da Teoria da Complexidade como referenciais teóricos. Ressaltamos que o período de observação e coleta de materiais ocorreu entre Maio de 2024 e Março de 2025.

A fim de atingirmos o objetivo específico I: coletamos desinformação sobre universidades⁴⁷, reunimos e catalogamos as imagens presentes. Para o alcance do objetivo específico II: analisamos os componentes responsáveis por retratar as experiências de mundo por meio dos PR (metafunção representacional); examinamos os elementos que constroem a interação social entre os PR e os PI⁴⁸ (metafunção interacional); e, por fim, analisamos o modo como os elementos composicionais das imagens se articulam entre si para formar um todo coerente (metafunção composicional).

Para atingirmos o objetivo específico III: identificamos o modo escrito; observamos como ele interage com os modos visuais; e interpretamos os sentidos construídos, bem como suas possíveis intenções ou efeitos sobre os leitores. Por fim, para alcançarmos o objetivo específico IV: coletamos os comentários vinculados às postagens analisadas, prioritariamente a partir dos sites de checagem; quando esses não disponibilizavam os dados, realizamos o mapeamento diretamente nas redes sociais nas quais a desinformação circulava; e interpretamos os dados à luz da teoria da complexidade.

Por se tratar de uma pesquisa que utiliza exclusivamente dados de domínio público, como publicações e conteúdos disponíveis em plataformas digitais, este estudo não requer submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Maranhão

⁴⁷ A coleta do material foi realizada por meio de captura das telas com uso do atalho nativo disponível em computadores com sistema Windows (tecla do logotipo do Windows + Shift + S).

⁴⁸ As amostras foram levadas a uma plataforma de edição (Canva) com o objetivo de aplicar efeitos que garantissem o anonimato dos perfis que as divulgaram, assim, ocultamos as fotos e os nomes desses perfis. Consideramos esse um procedimento ético em pesquisas na web, pois contribui para a legitimidade do trabalho científico.

(UFMA). De acordo com a Resolução nº 510, de 7 de Abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde, estão dispensadas de apreciação ética “as pesquisas que utilizem informações de acesso público, nos termos da Lei nº 12.527, de 18 de Novembro de 2011” (Brasil, 2016). Dessa forma, o presente trabalho enquadra-se entre as modalidades de pesquisa isentas de avaliação por comitê de ética, uma vez que não envolve a coleta de dados sensíveis nem a participação direta de seres humanos.

6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Texto, leiaute, imagens e gráficos se articulam, de forma a constituir um design que pauta o dia a dia de nossa sociedade. Cada vez mais essa multimodalidade se evidencia, não apenas porque deseja informar o leitor (influenciá-lo, convencê-lo e mesmo confundi-lo), mas também porque os recursos técnicos capazes de imprimir (ou publicar) imagens, textos e cores foram se aperfeiçoando, especialmente ao longo do século XX (Ribeiro, 2016, p. 33).

Ao analisarmos publicações contendo desinformação, produzimos um novo signo, pois esse trabalho semiótico sempre será realizado duas vezes: uma por aquele que produziu a mensagem, e outra por aquele que a interpreta (Maia, 2018). Em nosso caso, consideramos que os signos foram produzidos pelo menos três vezes: uma pelo criador, outra pela agência de checagem e outra por nós. Aliás, essa produção pode ter ocorrido incontáveis vezes, se considerarmos aqueles que compartilharam desinformação com comentários que continham sua própria interpretação. O signo é feito e constantemente refeito a cada nova interação, pois todo trabalho semiótico produz mudanças. Esse processo, ao nosso ver, mostra que não podemos recorrer a uma visão reducionista para compreender nosso objeto.

Nesse sentido, é importante mencionar que não adotamos uma única metafunção entre as propostas pela GDV, pois consideramos que a desinformação apresenta estruturas diversas e complexas. Isto é, escolher apenas uma metafunção, por exemplo, poderia limitar a compreensão dos elementos presentes no imagético. Além disso, ressaltamos que, para buscar compreender a sensibilidade do fenômeno a partir dos comentários de usuários, foi necessário levar em consideração que a interação entre os elementos de um SAC faz com que seu comportamento seja mais do que a simples soma de suas propriedades.

Por isso, esse comportamento não é tão previsível, já que funciona de maneira não linear. Essa característica se relaciona com outra propriedade fundamental dos SACs, a emergência, pois, ao interagirem entre si, de forma não linear, os agentes que compõem o sistema contribuem para o surgimento de padrões que não podem ser analisados de maneira isolada.

Durante o levantamento, identificamos 20 desinformações sobre universidades verificadas pela AFP. No site da Agência Lupa, identificamos 30 desinformações. Já na plataforma E-Farsas, foram localizadas 23 desinformações.

As análises a seguir serão organizadas em três momentos em cada subseção. No primeiro, examinaremos os modos visuais sob a perspectiva da GDV. No segundo, analisaremos a articulação entre o modo visual e o modo escrito. Por fim, discutiremos os comentários presentes nas postagens que veiculam a desinformação em questão.

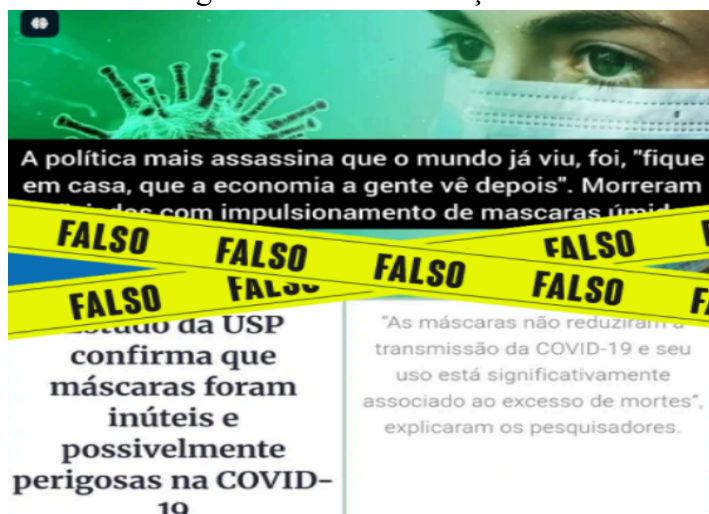
Ressalta-se que, na desinformação 01, os comentários foram coletados diretamente da rede social Instagram, pelo pesquisador. Já nas desinformações 02 e 03, os comentários foram disponibilizados pela agência de checagem, que os compartilhou junto à verificação.

6.1 Análise da desinformação 1

A desinformação a seguir (Figura 37), diferente da maioria das postagens selecionadas, não visa desacreditar diretamente a instituição de ensino, mas ainda assim integra um ataque ao campo científico e acadêmico. Diversos pesquisadores, durante o período pandêmico, recomendaram o uso de máscaras; contudo, na época, o ex-presidente Jair Bolsonaro fez críticas ao uso do item como medida de contenção do novo coronavírus. Segundo ele, a eficácia da máscara é “quase nenhuma” (Rodrigues, 2020). Assim, essa desinformação foi amplamente compartilhada entre os apoiadores do ex-presidente, com críticas direcionadas aos pesquisadores que incentivaram sua utilização.

Sabemos que as universidades são constantemente alvo de publicações nas redes sociais que visam a minar sua legitimidade. De acordo com o site Lupa, verificado no dia 24 de Março de 2025, a seguinte manchete foi publicada: “Estudo da USP [Universidade de São Paulo] confirma que máscaras foram inúteis e possivelmente perigosas na COVID-19”. Até as 10h do dia 24 de Março de 2025, a publicação havia sido visualizada por 97,5 mil usuários no Instagram.

Figura 37 - Desinformação 1⁴⁹



Fonte: Uol (2025)

O conteúdo é falso, pois o estudo feito pela USP, na verdade, levanta hipóteses (o que não comprova a ineficácia das máscaras). Em síntese, a pesquisa realizada aponta uma correlação estatística entre o uso de máscaras e a mortalidade por Covid-19, sugerindo que,

⁴⁹ As fitas amarelas com a inscrição “FALSO” foram inseridas pela Agência de Verificação a fim de deslegitimar o conteúdo

em nível populacional, o uso de máscaras não esteve associado à redução da transmissão do vírus na Europa. Apesar disso, os próprios autores reconhecem que a metodologia adotada não permite afirmar uma relação de causa e efeito entre os fatores observados. Portanto, o estudo, isoladamente, não comprova a ineficácia do uso de máscaras durante a pandemia (Lupa, 2025).

Na fase de criação, a imagem busca simplificar um debate sanitário complexo. Na fase de produção, observa-se o uso de fundo verde associado ao vírus, a presença de uma figura com máscara que remete ao contexto pandêmico e a frase destacada como se fosse uma citação direta, estratégia que busca conferir autenticidade ao enunciado e sugerir uma relação causal entre política e mortes. Já na fase de distribuição, a peça assume o formato de card digital.

a) Análise dos modos visuais presentes na desinformação 1:

Iniciamos a análise desse conteúdo a partir da metafunção representacional, que comunica a relação estabelecida entre os participantes. Nesse sentido, no quadro 2, apresenta-se a descrição dos participantes representados e dos participantes interativos presentes na imagem utilizada para a propagação dessa desinformação.

Quadro 3 - Participantes na desinformação 1

Participantes Representados	
Participante 1 (humano)	Mulher com máscara cirúrgica.
Participante 2 (não humano)	Representação gráfica do vírus da COVID-19.
Participantes Interativos	
Produtor	Não identificado.
Leitor	Difícil mensurar, mas até 10h do dia 24 de março de 2025, havia sido visualizado por 97,5 mil usuários no Instagram (Lupa, 2025).

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

Esse quadro permite uma leitura inicial dos recursos visuais mobilizados na construção dessa desinformação. Assim, é possível compreender como esses elementos são organizados e como contribuem para a construção de sentido na propagação da desinformação. Nesse caso, temos somente dois participantes representados e não encontramos informações sobre o produtor dessa postagem, o que ocorre com bastante frequência em conteúdos desinformativos.

A construção dos significados imagéticos presentes nesse conteúdo aponta para uma representação narrativa transacional, na qual observamos a presença de vetores. Se partirmos para uma análise isolada, sem considerar outros modos semióticos, bem como o contexto,

presumiremos que o vetor imaginário se projeta do olhar da mulher com máscara em direção ao elemento observado.

Contudo, ao considerarmos o modo escrito “máscaras foram inúteis”, o vírus pode ocupar o papel de ator, visto que está visualmente em uma posição ativa, projetando-se na direção da mulher com suas formas pontiagudas, que remetem à ação e à ameaça. A mulher, por sua vez, cumpre o papel de meta, o que é reforçado pela presença da máscara, apresentada como símbolo de ineficácia. Nesse viés, no processo reacional, a mulher é o reator, participante que pratica a ação de ver, e o vírus é o fenômeno, ou seja, o alvo do olhar do reator.

Já na metafunção interativa, que tem como foco a relação entre o observador e o que está representado na imagem, percebemos que, no que se refere ao contato, o PR, a mulher com máscara, não direciona seu olhar diretamente ao PI, ou seja, ao leitor. Assim, ela deixa de ser um sujeito que interage ativamente para se tornar o alvo do olhar do observador. Dessa forma, não há uma demanda, mas sim uma oferta visual, que exige que o observador apenas contemple o que é mostrado.

O leitor, portanto, não é convocado a interagir com o conteúdo, mas sim a observar passivamente a cena representada. Essa ausência de contato direto entre o PR e o PI é um recurso bastante utilizado nos conteúdos selecionados. Acreditamos que, ao não se estabelecer uma conexão direta, como ocorre, por exemplo, quando há contato visual, o texto visual passa a parecer “neutro”, o que leva o observador a simplesmente aceitar a informação apresentada, já que ele é colocado em uma posição contemplativa.

Quanto à distância social, nota-se o uso de um plano fechado, que enquadra o participante representado dos ombros para cima. Isso estabelece uma sensação de proximidade e intimidade com o observador, caracterizando uma distância íntima, já que apenas a cabeça e o rosto da mulher são expostos. Essa escolha pode gerar certa empatia ou transmitir gravidade e urgência, funcionando como uma técnica para sensibilizar o público.

Em relação à perspectiva, há uma angulação oblíqua, uma vez que o PR está de perfil. Esse tipo de enquadramento transmite uma sensação de alheamento, sugerindo que o PI está observando a cena “de fora”. No entanto, esse distanciamento aparente pode ser funcional para os criadores de desinformação, pois reforça a ideia de que estão apenas “mostrando fatos”.

Por fim, no que diz respeito à modalidade, a imagem se enquadra na modalidade sensorial, buscando provocar reações emocionais no observador por meio do uso de cores intensas e saturadas, como o verde brilhante ao fundo. Esse recurso contribui para um

afastamento da realidade, intensificando o caráter dramático da cena.

Na metafunção composicional, que trata da forma como os elementos visuais se organizam e se relacionam entre si, observamos, nesta desinformação, a presença de três aspectos principais: valor de informação, saliência e enquadre/estrutura. Em relação ao valor da informação, notamos uma disposição horizontal dos elementos que segue a lógica dado/novo.

À esquerda da imagem está o vírus, simbolizando o elemento "dado", algo já conhecido pelo observador, que associa essa imagem à pandemia da COVID-19. À direita, aparece o rosto de uma mulher com máscara, representando o novo, ou seja, o foco atual da atenção do observador. Essa organização reforça o que está escrito na desinformação, pois o criador tentou transmitir algo que a sociedade não sabia: que as máscaras foram inúteis.

Em relação à saliência, percebemos que tanto o vírus quanto o rosto feminino são destacados por meio do uso de cores vibrantes (tons de verde e contraste com o branco da máscara), do posicionamento central e da nitidez em relação ao fundo. A mulher, no entanto, recebe um pouco mais de ênfase devido à proporção. Por fim, quanto ao enquadre e à estrutura, identificamos uma organização fraca. Isso porque os elementos visuais não são rigidamente separados por molduras ou divisores, permitindo um fluxo contínuo entre o vírus e o rosto da mulher. Essa ausência de barreiras visuais sugere que todos os elementos estão interligados.

b) Interações entre modos semióticos na desinformação 1:

A partir da Semiótica Social, compreendemos que nenhum modo semiótico deve ser analisado isoladamente, pois o significado emerge da interação entre esses modos. Nesse sentido, observamos que, nessa desinformação, o modo visual interage com diferentes modos semióticos, como a linguagem escrita, o modo cromático, que utiliza cores como verde e preto, e o modo tipográfico, que emprega diferentes estilos de fonte e hierarquização do texto para simular credibilidade jornalística. Contudo, conforme estipulado nos objetivos, buscamos compreender como o modo visual se relaciona com a linguagem escrita.

Nessa desinformação, o modo visual permite que o leitor recorde a pandemia de Covid-19 e a necessidade do uso de máscara. Já os textos verbais, organizam-se da seguinte forma: a) na parte superior, “A política mais assassina que o mundo já viu, foi, ‘fique em casa, que a economia a gente vê depois’. Morreram asfixiados com impulsionamento de máscaras úmidas”; b) na parte inferior esquerda, em formato de manchete, “Estudo da USP confirma que máscaras foram inúteis e possivelmente perigosas na COVID-19”; e c) na parte inferior direita, que simula citação científica, “As máscaras não reduziram a transmissão da

COVID-19 e seu uso está significativamente associado ao excesso de mortes, explicaram os pesquisadores”.

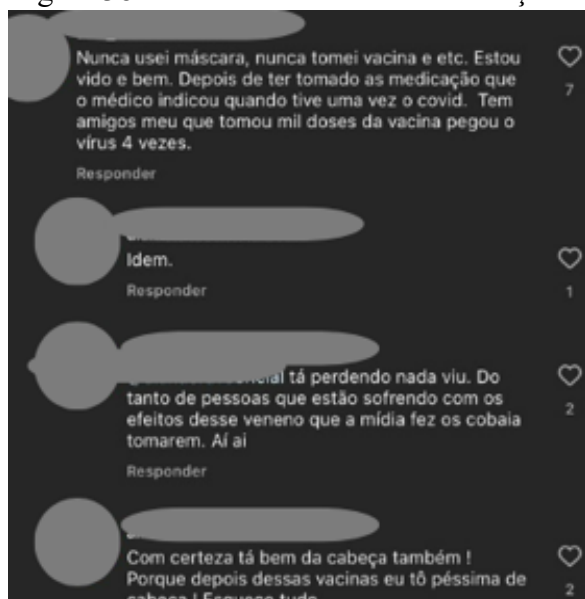
A imagem da pessoa mascarada interage diretamente com o texto na parte superior da imagem. Nesse sentido, constrói-se a ideia de que as máscaras, longe de proteger, teriam causado mortes. Na parte inferior da imagem, há a simulação de uma manchete jornalística e uma citação científica. Esses enunciados conferem uma aparência de legitimidade científica ao conteúdo, utilizando instituições e vocabulário técnico como estratégias.

A interação entre imagem e texto, portanto, busca alterar o sentido socialmente estabelecido da máscara como objeto de proteção. A disposição espacial dos elementos, com a imagem no topo e os textos organizados como se fossem conteúdos jornalísticos, confere ao conjunto uma aparência de notícia verídica. Dessa forma, os modos semióticos presentes não operam isoladamente, mas em diálogo, construindo um discurso que busca persuadir o leitor.

c) Análise dos comentários na desinformação 1:

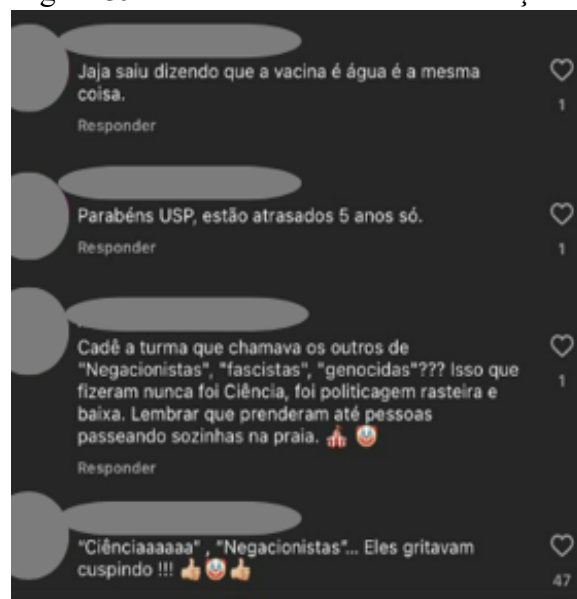
A imagem, mesmo sem comprovar diretamente uma informação, pode favorecer a recuperação rápida de conteúdos relacionados ao modo escrito na memória do leitor. Isto é, os modos visuais presentes na desinformação auxiliam os usuários a recordar de forma mais vívida a temática, ampliando a fluência cognitiva (Silva; Cendón, 2022). Nas Figuras 38 e 39, podemos observar uma amostra desses comentários dos participantes interativos⁵⁰, os quais evidenciam a complexidade do fenômeno estudado:

Figura 38 - Comentários na desinformação 1



Fonte: Rede social Instagram (2025)

Figura 39 - Comentários na desinformação 1



Fonte: Rede social Instagram (2025)

⁵⁰ É pertinente pontuar que, no que se refere à Metafunção Interativa, é possível notar as relações entre os participantes interativos, já que estes realizam ações, como respostas ou usam a função de "curtir" da rede social.

Os comentários analisados (nas duas figuras) revelam reações negativas ou sarcásticas ao suposto discurso científico sobre as máscaras, evidenciando uma rejeição aos estudos realizados pela universidade, como é elucidado pelo seguinte comentário: “Parabéns USP, estão atrasados 5 anos só”. A partir dessa desinformação, emergiu também a deslegitimação da vacina. Um dos usuários afirma: “Nunca usei máscara, nunca tomei vacina e etc. Estou vido [sic] e bem [...]”, sugerindo que sua condição atual seria uma prova de que as medidas foram desnecessárias. Após esse comentário, outros usuários interagiram. Um deles expressa preocupação com os efeitos das vacinas: “[...] Do tanto de pessoas que estão sofrendo com os efeitos desse veneno que a mídia fez os cobaia tomarem. Aí ai.” Há também manifestações sobre possíveis impactos mentais: “Com certeza tá bem da cabeça também! Porque depois dessas vacinas eu tô péssima de cabeça! Esqueço tudo.”

Compreendemos, assim, que tais elementos podem atuar como gatilhos para a emergência de novos comportamentos, uma vez que o imagético pode corroborar determinada narrativa e reforçar crenças. Além disso, destacamos a sensibilidade às condições iniciais, pois pequenas variações na forma como a informação é apresentada, como o uso de imagens com fontes gráficas que simulam autoridade científica, podem desencadear reações desproporcionais no engajamento dos usuários.

6.2 Análise da desinformação 2

O próximo conteúdo se trata de uma desinformação (Figura 40), pois a imagem presente retrata, na verdade, o alemão Rolf Buchholz, que detém um recorde mundial no Guinness pelo maior número de piercings, e Henry Damon, tatuador venezuelano popularmente conhecido como Red Skull (AFP, 2019).

Figura 40 - Desinformação 2



Fonte: Site Agência AFP (2019)

Na fase de criação, observa-se a seleção de sujeitos com características corporais consideradas “extremas”, estratégia utilizada para produzir efeito de choque e associá-los implicitamente ao ambiente universitário. Na fase de produção, o enquadramento aproximado dos rostos intensifica o estranhamento, enquanto a centralidade dessas figuras direciona a atenção do observador para esses elementos. Já na fase de distribuição, a peça assume a estrutura típica de postagens virais baseadas no impacto visual imediato.

a) Análise dos modos visuais presentes na desinformação 2

Iniciaremos a análise deste conteúdo tendo como ponto de partida a metafunção representacional. Nesse contexto, o quadro 3 apresenta a identificação dos participantes representados e dos participantes interativos presentes na imagem utilizada na disseminação da referida desinformação:

Quadro 4- Participantes da desinformação 2

Participantes Representados	
Participante 1 (humano)	homem com piercings e tatuagens, com alterações faciais.
Participante 2 (humano)	homem com tatuagens, com alterações faciais.
Participantes Interativos	
Produtor	Usuário de rede social que compartilha o conteúdo (identidade na plataforma, mas não necessariamente o autor original da desinformação).
Leitor	Difícil mensurar, mas até o dia 14 de dezembro de março de 2025, havia sido compartilhado por 1,2 mil usuários somente em uma postagem no Facebook (Checamos, 2025).

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

Quanto aos significados representacionais, a desinformação indica que sua estrutura é conceitual. Nesse sentido, essa composição sugere uma estrutura classificacional, mais especificamente uma taxonomia fechada, pois não há um superordenado explicitamente indicado. Contudo, o texto que acompanha a postagem (a legenda da publicação no Facebook) assume essa função ao associar os participantes a "estudantes da USP".

Há também uma equivalência entre os participantes representados, já que existe uma simetria na composição visual. Paralelamente a essa estrutura classificacional, percebemos outro tipo de estrutura conceitual na desinformação, o processo simbólico atributivo, no qual os dois participantes representados são os portadores, enquanto os atributos simbólicos correspondem à aparência, como alterações faciais, olhos totalmente pretos, tatuagens e piercings.

Quanto aos significados interativos, na desinformação em questão, os dois participantes representados direcionam o olhar ao participante interativo, realizando uma demanda sobre ele. Assim, temos o contato, em que os PR parecem buscar estabelecer um vínculo imaginário com o leitor. Já em relação à distância social, percebemos um plano fechado, mais especificamente uma distância pessoal próxima, pois apenas a cabeça e os ombros são retratados.

Essa proximidade espacial reduz a distância social entre os PR e os PI, transmitindo a ideia de intimidade. No que diz respeito à perspectiva, vemos que a imagem da desinformação é subjetiva, pois mostra os participantes representados a partir de um ponto de vista específico. Além disso, o participante à esquerda é mostrado por um ângulo frontal, com a imagem posicionada no mesmo nível do olhar do observador, o que sugere uma relação de igualdade entre ele e o participante interativo. Já o participante à direita é apresentado sob um leve ângulo oblíquo, com o rosto de perfil, o que transmite certa distância. Por fim, no que se refere à modalidade, o modo visual possui um estilo naturalístico, o que contribui para que o público acredite no conteúdo apresentado.

Passando à análise da configuração da desinformação quanto aos princípios da metafunção composicional, observamos que a imagem é predominantemente orientada ao longo do eixo horizontal. Em relação à posição dos elementos na imagem (valor de posição), os PR estão centralizados. Percebemos também uma conexão entre os elementos da imagem, já que não há marcas que separem os participantes. Assim, temos uma estrutura fraca.

No caso analisado, a estrutura classificacional, baseada em uma taxonomia fechada, embora o superordenado não esteja visualmente explícito, é sustentada pelo texto verbal, que

rotula os participantes como "estudantes da USP". Isso reforça estereótipos visuais associados a determinados grupos sociais. A simetria na composição e a presença de atributos simbólicos, como tatuagens, piercings e alterações faciais, contribuem para a construção de uma identidade que facilita a associação com ideias muitas vezes pejorativas.

Além disso, os significados interativos contribuem para intensificar o impacto da imagem sobre o público. O contato visual direto com o observador, a proximidade espacial sugerida pelo enquadramento fechado e a naturalização do estilo visual criam uma sensação de autenticidade e intimidade, o que tende a diminuir a percepção crítica quanto à veracidade da informação. Dessa forma, a análise revela que os modos visuais presentes na desinformação não apenas ilustram, mas são fundamentais para sua circulação como se fossem verdades legitimadas.

b) Interações entre modos semióticos na desinformação 2

É importante lembrar que, em uma análise multimodal, é essencial considerar a interação entre os modos semióticos. No caso dessa desinformação, observamos que os elementos imagéticos e a linguagem escrita interagem de forma que, analisados separadamente, não possuem o mesmo potencial de manipulação. O modo verbal direciona a interpretação da imagem ao afirmar que os indivíduos retratados seriam "estudantes da USP" que participaram do programa Encontro com Fátima Bernardes para questionar o motivo de não conseguirem emprego, alegando serem vítimas de preconceito. Trata-se de uma afirmação falsa, mas que, ao interagir com o modo visual, ganha aparência de verdade.

Nesse sentido, consideramos relevante compreender, além da construção visual da desinformação, o impacto que o uso de imagens pode gerar. Isso porque a forma como os modos visuais são percebidos pelo público também se manifesta nas reações dos participantes interativos. Em síntese, acreditamos que esses comentários funcionam como indicadores dos impactos provocados pela leitura dessas imagens

c) Análise dos comentários na desinformação 2

Os comentários referentes à desinformação apresentada foram extraídos diretamente do site de checagem, pois, ao que tudo indica, a publicação original foi removida das redes sociais. Diferentemente da desinformação anterior, em que os comentários também dialogavam com o conteúdo verbal, nesta, os usuários parecem voltar sua atenção quase exclusivamente ao aspecto imagético. As interações concentram-se nos PR na imagem, ignorando o texto que acompanha a publicação:

Figura 41 - Comentários na desinformação 2



Fonte: AFP (2019)

Comentários como “Sai satanás”, “Perdoai-os, senhor, pois eles não sabem o que fazem. O único sentimento que sinto é de muita pena” e “Será que eles acreditam em Deus?????” mostram que os participantes interativos direcionam sua atenção principalmente à aparência dos PR, deixando de lado a legenda que acompanha a imagem. Esse foco quase exclusivo no visual revela como as imagens podem influenciar as reações e discussões geradas em torno da desinformação.

Isso ocorre porque, como explicado anteriormente, o modo visual presente nessa desinformação possui um estilo naturalístico, o que contribui para que o público acredite no conteúdo, já que esse estilo reforça a sensação de veracidade. Nesse sentido, o uso dos modos visuais tem implicações decisivas para o tipo de comportamento que será desencadeado entre os participantes interativos (agentes). Isso ocorre porque o sistema é altamente sensível às condições iniciais, ou seja, pequenos estímulos podem produzir efeitos significativos e desproporcionais ao longo do tempo.

Portanto, o modo imagético não pode ser considerado somente um complemento ilustrativo, sobretudo porque atua diretamente na forma como os usuários percebem a credibilidade e a autoridade de uma mensagem. Quando um criador de desinformação utiliza, por exemplo, fotografias de supostos alunos de uma universidade, essa escolha, nas condições iniciais, contribui para a construção de verossimilhança, aumentando a confiança do receptor na suposta veracidade da informação e gerando um grande impacto no leitor, como podemos observar nos comentários da Figura 41.

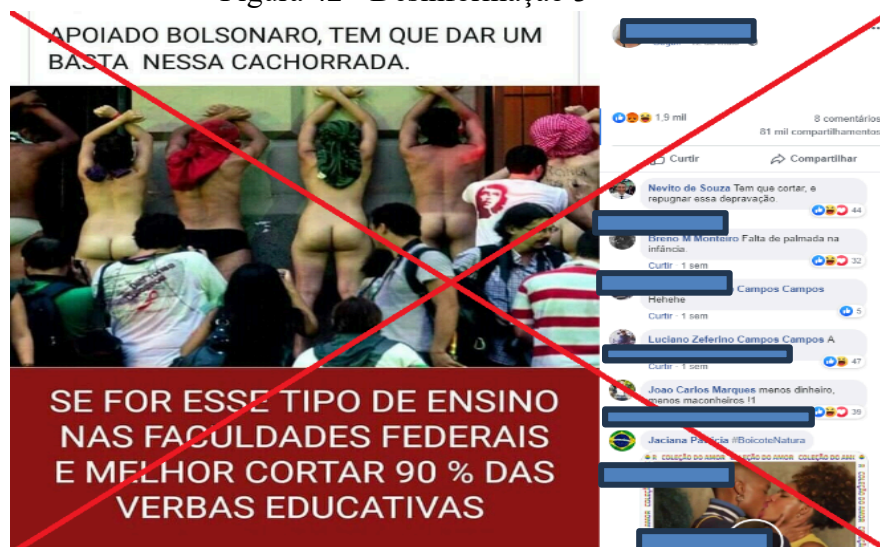
Ao compreendermos a desinformação como um sistema adaptativo complexo, precisamos considerar a atuação de múltiplos agentes que interagem e influenciam

diretamente o fenômeno. Nessa perspectiva, uma característica fundamental merece destaque: a sensibilidade às condições iniciais. Isso significa que pequenos fatores presentes nas fases iniciais da circulação da desinformação podem gerar impactos significativos na forma como o sistema evolui. Na desinformação analisada (Figura 40), o uso dessa imagem aciona pânico morais, podendo provocar grandes impactos.

6.3 Análise da desinformação 3

De acordo com o site AFP (2019), a próxima desinformação (Figura 42) se trata de uma publicação que foi compartilhada mais de 81 mil vezes. Publicada em 12 de maio de 2019, a publicação alega que a fotografia mostra jovens nus em uma universidade federal. Contudo, trata-se de um protesto realizado no centro do Rio de Janeiro, durante o evento “Rio +20”, em 2012.

Figura 42 - Desinformação 3



Fonte: AFP (2019)

Desde que o ex-ministro da Educação, Abraham Weintraub, usou em 30 de Abril de 2019 o termo “balbúrdia” como justificativa inicial para o bloqueio de recursos de universidades, muitas desinformações sobre as universidades viralizaram. O exemplo acima mostra que o imagético foi utilizado para provocar desconfiança quanto ao uso do dinheiro público pelas universidades federais. A montagem sugere comportamentos indevidos de alunos e professores das universidades, reforçando a ideia de desperdício de dinheiro público.

O modo escrito da desinformação busca associar a cena de nudez à suposta rotina das instituições de ensino, o que tem o efeito de desqualificar tanto a pesquisa científica quanto o ambiente universitário. A postagem, inclusive, propõe o corte de “90% das verbas educativas”, indicando que o investimento em educação pública seria um erro, assim, compreendemos que esse tipo de conteúdo pode fazer emergir nos indivíduos sentimentos de

indignação e repulsa em relação à universidade, já que o cidadão comum é apresentado como o “pagador de impostos” e a universidade é retratada como um espaço de má gestão dos recursos dos recursos financeiros. Em nossa coleta de dados, há uma boa parte de desinformações com ataques semelhantes.

Na fase de criação, observa-se a escolha estratégica de um evento específico, um protesto performático, para representar o conjunto das universidades federais. Na fase de produção, o recorte da imagem privilegia os corpos nus como foco central, conferindo maior saliência a esses elementos visuais. A composição é reforçada pela inserção de texto em caixa alta com estrutura alarmista (“SE FOR ESSE TIPO...”), pelo uso da cor vermelha associada a ideias de alerta ou perigo. Já na fase de distribuição, a peça apresenta linguagem simplificada, mobilizando a indignação.

a) Análise dos modos visuais presentes na desinformação 3

Iniciamos a análise desse conteúdo considerando a metafunção representacional, responsável por revelar como os participantes e suas ações são construídos na imagem. No quadro 3, apresentamos a descrição dos participantes representados e interativos.

Quadro 5- Participantes da desinformação 2

Participantes Representados	
Participante 1 (humano)	Pessoas desnudas, posicionadas de costas, com as mãos erguidas apoiadas em uma parede, aparentando gesto de protesto ou manifestação artística/política.
Participante 2 (humano)	Grupo de pessoas vestidas observando e registrando a cena (possivelmente estudantes/participantes externos).
Participantes Interativos	
Produtor	Usuário de rede social que compartilha o conteúdo (identidade na plataforma, mas não necessariamente o autor original da desinformação).
Leitor	Até o momento da checagem foi compartilhada mais de 81 mil vezes.

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

No que se refere aos significados representacionais, a imagem evidencia tanto um processo narrativo de ação não transacional quanto um processo narrativo de reação transacional. Os indivíduos nus têm seus corpos voltados para a parede constituindo um vetor em direção ao fundo. No entanto, não há uma meta explícita, pois a ação executada (erguer os braços, estar desnudo diante da parede) não direciona um objeto ou participante específico. Já o processo narrativo de reação transacional ocorre porque as pessoas vestidas, equipadas com

celulares e câmeras, atuam como reatores, olhando e registrando a cena, enquanto os participantes nus são o fenômeno observado. Esses dois processos, na mesma imagem, reforçam a imagem de uma cena ocorrida diante de inúmeras pessoas, reforçando a ideia de “balbúrdia”.

Embora predomine a narrativa, acreditamos que nessa desinformação há também marcas de representação conceitual classificacional. Apesar de não identificarmos o superordenado, os participantes nus aparecem organizados simetricamente e alinhados (posição, postura, ausência de roupas). Isso reforça o modo escrito que acompanha a imagem, já que atribui um sentido negativo e generalizante, vinculando os docentes e discentes a um determinado comportamento. Em outras palavras, essa composição apresenta esses corpos como símbolo de um tipo de prática associada às universidades.

Quanto aos significados interativos, nenhum dos PR estabelece contato visual com o PI. Isso cria um contato de oferta, uma vez que os PR não demandam envolvimento direto com o PI. Ao não olhar para o observador, os PR tornam-se objetos de julgamento, já que é oferecido uma cena como algo a ser visto, interpretado e avaliado pelo PI. Acreditamos que, na desinformação em questão, esse recurso pode suscitar uma aversão às universidades, já que o público-alvo julgara esse comportamento com repulsa e indignação.

A imagem utiliza um plano aberto - distância social longa. A cena é capturada em ângulo frontal e ao nível do olhar, sugerindo uma postura de equivalência entre PR e PI. A imagem apresenta características de modalidade naturalística, que reforça a pretensão de veracidade, permitindo que o conteúdo seja percebido como registro factual. Assim, a relação construída entre PI e PR reforça uma postura de reprovação e condenação, mobilizando valores.

Já na metafunção composicional, o centro da imagem é ocupado pelos corpos nus alinhados, constituindo o foco. Isso é reforçado pela parte inferior, formado por observadores registrando o ato. O centro funciona como núcleo do juízo moral que o produtor deseja provocar no PI. Nesse sentido, a saliência central recai sobre o grupo desnudo, o que contribui para a intensidade do impacto visual, guiando o olhar do leitor para o elemento que pretende gerar choque.

Destacamos que a desinformação tem maior probabilidade de ser acreditada e compartilhada pelos indivíduos quando reforçam crenças preexistentes deles. Assim, ao colocar corpos nus no centro da imagem, expostos e alinhados como se estivessem sendo julgados, a composição cria uma sensação de perda de valores, reforçando um discurso moralizante. Esse tipo de representação alimenta narrativas de cortes financeiros na educação,

já que desacredita o ambiente acadêmico, estimulando o público a enxergá-lo como um lugar de gastos indevidos.

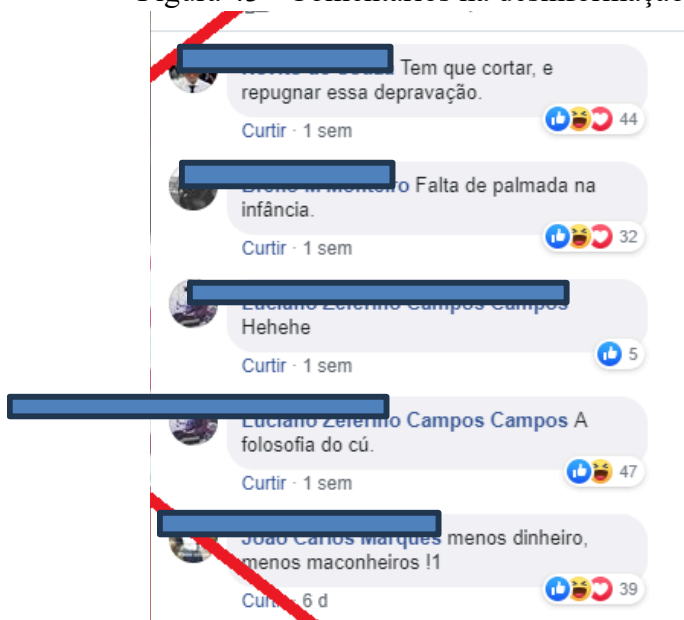
b) Interações entre modos semióticos na desinformação 3

Nessa desinformação, a combinação entre modo escrito e imagem opera para construir (ou reforçar) uma visão depreciativa sobre as universidades e seus integrantes. Sobreposta à imagem, a frase “APOIADO BOLSONARO, TEM QUE DAR UM BASTA NESSA CACHORRADA” funciona como chamada, carregada de moralismo, que coloca a cena como ato de “depravação” e convoca uma resposta punitiva do leitor. Na parte inferior, o texto “SE FOR ESSE TIPO DE ENSINO NAS FACULDADES FEDERAIS É MELHOR CORTAR 90% DAS VERBAS EDUCATIVAS” conecta o comportamento exibido na imagem à instituição universitária e propõe corte de verbas como solução, assim, o modo visual passa a funcionar como justificativa para o corte de verbas.

O modo visual, ao expor corpos nus, busca ativa no leitor sentimentos de indignação. O próprio modo verbal parece direcionar o leitor a esses sentimentos, vinculando a cena às universidades. Desse modo, a articulação entre modo escrito e modo visual produz uma narrativa de que universidades são indignas de financiamento público. Trata-se, portanto, de um recurso discursivo típico da desinformação sobre universidades em que se mobiliza moralismo para influenciar percepções e legitimar medidas punitivas contra instituições de ensino.

c) Análise dos comentários na desinformação 3

Figura 43 - Comentários na desinformação 3



Fonte: AFP (2019)

Ao observarmos os comentários da publicação, percebemos que a interação dos usuários reforça o impacto produzido pela imagem. Comentários como “Tem que cortar, e repugnar essa depravação”, “Falta de palmada na infância” e “Menos dinheiro, menos maconheiros!!” demonstram que os participantes interativos reagem mobilizando indignação, repulsa e desejo de punição.

Notamos que alguns usuários não discutem o modo escrito da postagem, mas reagem principalmente ao modo visual, isto é, os corpos desnudos. Assim, reforçamos que essa dinâmica evidencia um ponto importante do fenômeno da desinformação enquanto sistema adaptativo complexo: a sensibilidade às condições iniciais. A imagem, com forte apelo emocional e enquadramento naturalístico, torna-se ponto de partida que vai orientar a interpretação do público, trazendo julgamentos sobre as universidades. Em outras palavras, uma foto tirada de contexto pode desencadear reações intensas e desproporcionais.

As análises realizadas evidenciam que a desinformação sobre universidades se estrutura por meio da articulação estratégica de múltiplos modos semióticos, nos quais elementos visuais, verbais e composicionais atuam conjuntamente na construção de sentidos que buscam deslegitimar o campo científico e acadêmico. Observou-se que o imagético exerce papel central nesse processo, seja pela produção de efeitos de verossimilhança ou pelo acionamento de emoções. Ao interagir com o modo escrito, essas imagens orientam a interpretação do leitor e reforçam narrativas que associam as universidades a desperdício de recursos, degradação moral ou ineficácia científica. Além disso, a análise dos comentários demonstra que tais conteúdos desencadeiam reações que vão desde a rejeição ao conhecimento científico até a defesa de medidas punitivas contra instituições de ensino. Esses resultados reforçam a compreensão da desinformação como um sistema adaptativo complexo, no qual múltiplos agentes e recursos semióticos interagem. A partir dessas observações, passamos, no capítulo seguinte, às considerações finais desta pesquisa.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa, intitulada como “DESORDEM INFORMACIONAL COMO SISTEMA ADAPTATIVO COMPLEXO: os modos visuais na desinformação sobre universidades”, teve como ponto de partida o seguinte questionamento: de que forma os modos visuais presentes na desinformação sobre universidades contribuem para a vinculação da ideia de verdade e quais são as implicações do seu uso? Diante disso, procuramos desenvolver as discussões de modo a alcançar o objetivo geral desta pesquisa, que consistiu em analisar os modos visuais presentes na desinformação sobre universidades, juntamente com os comentários relacionados, com o intuito de compreender de que forma o imagético contribui para o processo de vinculação da ideia de verdade, bem como as implicações do seu uso.

Com base nesse objetivo geral, definiram-se os seguintes objetivos específicos: I) Identificar os modos visuais utilizados na elaboração de desinformação sobre as universidades; II) Examinar como os modos visuais são organizados na desinformação para a construção de sentido, com base na análise proposta pela GDV; III) Compreender de que maneira os modos visuais presentes na desinformação interagem com o modo escrito para construir sentidos; e IV) Investigar as implicações do uso de modos visuais na desinformação, considerando a sensibilidade às condições iniciais, com base na análise dos comentários de usuários em postagens contendo desinformação.

Para abordar o objeto de pesquisa, recorreremos ao caráter transdisciplinar da Linguística Aplicada Crítica e nos apoiamos em diferentes perspectivas teórico metodológicas para traçar um percurso analítico sobre o fenômeno da desinformação. Assim, para construir o percurso teórico que orienta a análise do fenômeno investigado, (I) apresentamos o paradigma da complexidade e a noção de Sistemas Adaptativos Complexos, discutindo características como dinamicidade, não linearidade, emergência, auto-organização, adaptabilidade, abertura e sensibilidade às condições iniciais, a fim de compreender a desinformação como um fenômeno dinâmico e interativo no ambiente digital; (II) discutimos os fundamentos da Semiótica Social e da multimodalidade, destacando como diferentes modos semióticos participam da construção de sentido; e (III) apresentamos a Gramática do Design Visual, detalhando suas metafunções representacional, interacional e composicional, utilizadas como ferramenta analítica para examinar a organização dos elementos visuais nas peças de desinformação analisadas. Por fim, (IV) abordamos o conceito de desordem informacional a fim compreender a desinformação como um subsistema complexo. Do ponto de vista metodológico, este estudo baseia-se na análise de três textos de desinformação sobre as

universidades.

Este estudo permitiu observar que a ampla circulação de desinformação sobre as universidades não pode ser explicada por um único fator. Ao considerarmos o fenômeno sob a perspectiva dos Sistemas Adaptativos Complexos, reconhecemos a presença de múltiplas interações que influenciam a difusão desses conteúdos no ambiente digital. Nesse contexto, para além da articulação multimodal, a circulação da desinformação também é atravessada por outras dinâmicas, como os mecanismos de visibilidade estruturados pelos sistemas algorítmicos das plataformas digitais, responsáveis por organizar quais conteúdos adquirem maior projeção nos fluxos informacionais.

Nessa perspectiva, os algoritmos participam da organização das interações e influenciam práticas sociais ao estabelecer critérios que orientam a circulação dos conteúdos nas plataformas. Assim, ao priorizar determinados padrões de engajamento, como tempo de visualizações, compartilhamentos e interações dos usuários, esses sistemas contribuem para ampliar a visibilidade de certos signos enquanto outros permanecem menos evidentes no ambiente digital. Desse modo, os conteúdos que mobilizam estratégias visuais capazes de gerar maior engajamento tendem a alcançar maior projeção.

Observamos, assim, que o imagético na desinformação sobre as universidades desempenha papel central na produção de sentido. As imagens orientam a leitura do modo verbal e influenciam as interações subsequentes nos comentários de conteúdos desinformativos. Sob a perspectiva da Semiótica Social, compreendemos que os signos visuais funcionam como recursos semióticos mobilizados em contextos sociais específicos para orientar interpretações e posicionamentos. Nesse sentido, a partir da Gramática do Design Visual, demonstramos que as imagens utilizadas em nosso material empírico operam segundo princípios representacionais, interacionais e composicionais, cujas escolhas não são aleatórias, mas intencionalmente estruturadas para afetar a recepção do conteúdo.

A análise dos comentários mostra que pequenas variações nas condições iniciais, como a escolha de uma imagem, podem desencadear dinâmicas de engajamento que ampliam e consolidam narrativas que visam a deslegitimar o campo acadêmico. Assim, os resultados indicam que a desinformação sobre universidades pode ser compreendida como um fenômeno multimodal, complexo e dinâmico, cuja força não reside apenas no conteúdo explícito das postagens, mas na articulação entre imagem, afetos, comentários e curadoria algorítmica.

Desse modo, esta pesquisa contribui para ampliar a compreensão da desinformação sobre universidades ao evidenciar que seu funcionamento não depende apenas do conteúdo verbal das postagens, mas da articulação entre recursos visuais, dinâmicas interacionais e

mediações algorítmicas, elementos que, em conjunto, influenciam a forma como determinados discursos se tornam mais visíveis e socialmente legitimados no ambiente digital.

Referências

- ADAMI, Elisabetta. **Multimodality and superdiversity: evidence for a research agenda.** Tilburg: Tilburg University, 2017. (Tilburg Papers in Culture Studies, n. 177). Disponível em: https://pure.uvt.nl/ws/portalfiles/portal/32303807/TPCS_177_Adami.pdf. Acesso em: 24 maio 2025.
- AFP CHECAMOS. **Os homens na foto não estudam na USP, são um alemão recordista de piercings e um tatuador venezuelano.** 2019. Imagem. Disponível em: <https://checamos.afp.com/os-homens-na-foto-nao-estudam-na-usp-sao-um-alemao-recordista-de-piercings-e-um-tatuador-venezuelano>. Acesso em: 2 jun. 2024.
- AFP CHECAMOS. **Na realidade, esta fotografia foi feita durante um protesto no Centro do Rio de Janeiro.** Checamos – AFP Factuel, 21 maio 2019. Disponível em: <https://checamos.afp.com/na-realidade-esta-fotografia-foi-feita-durante-um-protesto-no-centro-do-rio-de-janeiro>. Acesso em: 24 fev. 2026.
- AGÊNCIA LUPA. **Bolsonaro e a relação com a imprensa: o uso da expressão "fake news".** Agência Lupa, 2019. Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2019/12/23/bolsonaro-fake-news-imprensa/>. Acesso em: 26 maio 2025.
- APPOLINÁRIO, F. **Dicionário de metodologia científica: um guia para a produção do conhecimento científico.** 2. ed. São Paulo, Atlas, 2009.
- ARAÚJO, J. O algoritmo é um texto. **Texto Livre: Linguagem e Tecnologia**, Belo Horizonte, v. 18, p. e58505, 2025b. DOI: <https://doi.org/10.1590/1983-3652.2025.58505>. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/textolivres/article/view/58505>. Acesso em: 12 dez. 2025. DOI: <https://doi.org/10.1590/1983-3652.2025.58505>
- ARAÚJO, Júlio. **Necroalgoritmização: notas para definir o racismo algorítmico.** Campinas-SP: Mercado de Letras, 2025.
- ARAÚJO JÚNIOR, João da Silva. **Tecnologias digitais e autonomia: a aquisição de segunda língua sob a ótica da complexidade.** Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/8229?locale=en>. Acesso em: 14 set. 2024.
- AUGUSTO, R.C. O processo de desenvolvimento da competência linguística em inglês na perspectiva da complexidade. In: PAIVA, V.L.M.O.; NASCIMENTO, M. (Org). **Sistemas adaptativos complexos: lingua (gem) e aprendizagem.** Campinas, Pontes, p. 227-269, 2011.
- BARBARA, Leila; MACÊDO, Célia Maria Macêdo de. Linguística sistêmico-funcional para a análise de discurso um panorama introdutório. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 89–107, 2010. DOI: 10.26512/les.v10i1.9278. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/9278>. Acesso em: 24 maio. 2025.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2016, 229 p. Disponível em: <https://madmunifacs.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/08/anc3a1l1ise-de-contec3bado-laurence-bardin.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2024.

BARTHES, R. **Elementos de semiologia**. 16. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

BATEMAN, John A. **Text and image: a critical introduction to the visual/verbal divide**. London: Routledge, 2014.

BAUER, M. W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. *In*: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2008.

BEZEMER, J.; KRESS, G. The textbook in a changing multimodal landscape. *In*: KLUG, N. M.; STOCKL, H. (Eds.) **Language in Multimodal Contexts**. New York/Berlin: De Gruyter, 2015. p. 21-28. Disponível em:
https://discovery.ucl.ac.uk/id/eprint/1541013/1/Bezemer_10.1515_9783110296099-022.pdf. Acesso em: 22 ago. 2024.

BEZEMER, J.; KRESS, G. Writing multimodal texts: A social Semiotic Account of Designs for learning. **Written Communication**, v. 25. p.166-195, 2008. Disponível em:
https://onezoneheights.pbworks.com/f/Bezemer_Jeff.pdf. Acesso em: 19 jul. 2024.

BEZEMER, Jeff; JEWITT, Carey. Social semiotics. *In*: ÖSTMAN, Jan-Ola; VERSCHUEREN, Jef; VERSLUYS, Eline (org.). **Handbook of pragmatics: 2009 installment**. Amsterdam: John Benjamins, 2009. Disponível em:
https://www.researchgate.net/publication/286459229_Social_Semiotics. Acesso em: 1 jun. 2024.

BRAGA, Junia de Carvalho Fidelis. A presença cognitiva em comunidades de aprendizagem on-li. *In*: PAIVA, V.L.M.O.; NASCIMENTO, M. (Org.). **Sistemas adaptativos complexos: lingua (gem) e aprendizagem**. Campinas, Pontes, p.131-148, 2011.

BRAGA, Junia de Carvalho Fidelis. **Comunidades autônomas de aprendizagem online na perspectiva da complexidade**. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007. Disponível em:
<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/ALDR-7ABNS2>. Acesso em: 03 dez. 2024.

BRITO, Regina Célia Lopes. **O youtube e as identidades presentes no canal smalladvantages: uma análise multimodal a partir da semiótica social**. Tese (Doutorado em estudos linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 222 p. 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/37608>. Acesso em: 27 out. 2024.

BUTT, David; FAHEY, Rhondda; FEEZ, Susan; SPINKS, Sue; YALLOP, Colin. **Using Functional Grammar: An Explorer's Guide**. 2. ed. Sydney: Macquarie University, 2000. Disponível em:
<https://giadpatagonia.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/06/butt-et-al-using-functional-grammar-2003.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2024.

CAPRA, F. **Complexity and Life**. *In*: CAPRA, F. *et al* (Ed.). Reframing complexity; perspectives from the North and South. Mansfield, MA: ISCE Publishing, 2007.

CARDOSO, Jairo Barrera; MACIEL, Ruberval Franco. Letramento visual: gramática do design visual e construção de sentido. **Revista de Estudos Acadêmicos de Letras**, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 224–239, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/reactl/article/view/2584>. Acesso em: 24 maio. 2025.

CARDOSO, Márcia Regina Gonçalves; OLIVEIRA, Guilherme Saramago; GHELLI, Kelma Gomes Mendonça. Análise de conteúdo: uma metodologia de pesquisa qualitativa. **Cadernos da FUCAMP**, v. 20, n. 43, 2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2347>. Acesso em: 12 jul. 2024.

CARMO, Luiz Antônio Mattos. A semiótica social, seus recursos e sua noção de cultura: abordagens úteis à cct. In: PINTO, M. R.; BATINGA, G. L. (Org.). **Cultura e Consumo no Brasil: estado atual e novas perspectivas**. Belo Horizonte: PUC Minas, 2018. p. 83-101. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/344035607_A_semiotica_social_seus_recursos_e_sua_nocao_de_cultura_abordagens_uteis_a_CCT. Acesso em: 29 ago. 2024.

COSTA, Alan Ricardo. Sistemas Adaptativos Complexos e Linguística Aplicada: organizando a literatura da área. **Domínios de Linguagem**, Uberlândia, v. 14, n. 1, p. 311–339, 2020. DOI: 10.14393/DL40-v14n1a2020-12. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/47672>. Acesso em: 25 out. 2025.

DAHMER, André. **Post de André Dahmer – Malvados**. 2018. Imagem. Disponível em: <https://www.facebook.com/malvadoshq/posts/pfbid02pFsXuJ1M6Si1RJ2tT1CAXsV4n7yS8ar33bKJU7hrkjCASgLHSJ68Se6sEUS6P85Ll>. Acesso em: 2 jun. 2024.

DI DOMENICO, Giandomenico; VISENTIN, Marco. *Fake News* or True Lies? Reflections about Problematic Contents in Marketing. **International Journal of Market Research**, v. 62, n. 4, July, p. 409–417, 2020. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/1470785320934719>. Acesso em: 25 set. 2024.

DIONISIO, Angela; CAVALCANTI, Larissa; MOZDZENSKI, Leo. Semiótica social e a produção de sentidos em máscaras de proteção facial contra o novo coronavírus. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, [S. l.], v. 22, n. 1, p. 401–420, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/37240>. Acesso em: 12 maio. 2025.

DUARTE, G. B. O processo de gamificação e a aprendizagem de línguas pelo viés da Complexidade. In: CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA, INOVAÇÃO E EDUCAÇÃO. Buenos Aires. **Anais...**, 2014, p. 1-14. Disponível em: <http://www.oei.es/congreso2014/memoriactei/509.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2025.

EZEQUIEL, Pedro. Sistema de pesquisadores da USP mostra que há menos acidentes onde tem radar. **Jornal da USP**, 28 nov. 2019. Disponível em: <https://jornal.usp.br/universidade/sistema-de-pesquisadores-da-usp-mostra-que-ha-menos-acidentes-onde-tem-radar/>. Acesso em: 24 maio 2025.

FARKAS, Johan; SCHOU, Jannick. *Fake news* as a floating signifier: Hegemony, antagonism and the politics of falsehood. **Javnost-the public**, v. 25, n. 3, p. 298-314, 2018.

FAUSTINO, Marco. **Cartaz com erro ortográfico em protesto estudantil é verdadeiro ou falso?** 2019. Imagem. Disponível em: <https://www.e-farsas.com/cartaz-com-erro-ortografico-em-protesto-estudantil-e-verdadeiro-ou-falso.html>. Acesso em: 8 mar. 2025.

FAUSTINO, Marco. **Foto não mostra o inventor da vacina da Pfizer contra a Covid-19 quando criança.** 2020. Imagem. Disponível em: <https://www.e-farsas.com/foto-nao-mostra-o-inventor-da-vacina-da-pfizer-contra-a-covid-19-quando-crianca.html>. Acesso em: 20 jun. 2024.

FAUSTINO, Marco. **Fotos mostram o comportamento da população durante pandemias anteriores?** 2020. Imagem. Disponível em: <https://www.e-farsas.com/fotos-mostram-o-comportamento-da-populacao-durante-pandemias-anteriores.html>. Acesso em: 15 jun. 2024.

FAUSTINO, Marco. **Mosaico mostra todos os profissionais de saúde que morreram pela COVID-19 no Brasil?** 2020. Imagem. Disponível em: <https://www.e-farsas.com/mosaico-mostra-todos-os-profissionais-de-saude-que-morreram-pel-a-covid-19-no-brasil.html>. Acesso em: 20 jun. 2024.

FERNANDES, José David Campos. **Semiótica e gramática do design visual.** 2. ed. João Pessoa: Editora do CCTA/UFPB, 2020. Recurso digital. Disponível em: http://plone.ufpb.br/editoraccta/contents/titulos/comunicacao/semiotica-e-gramatica-do-design-visual/gramatica_visual_livro.pdf. Acesso em: 24 maio 2025.

FERRARI, Pollyana; BOARINI, Margareth. A desinformação é o parasita do século XXI. **Organicom**, São Paulo, Brasil, v. 17, n. 34, p. 37–47, 2021. DOI: 10.11606/issn.2238-2593.organicom.2021.170549. Disponível em: <https://revistas.usp.br/organicom/article/view/170549>. Acesso em: 31 maio. 2025.

FLEISCHER, Erik. Caos/complexidade na interação humana. In: PAIVA, Vera Lúcia Meneses de Oliveira e; NASCIMENTO, Milton (Orgs.). **Sistemas adaptativos complexos: lingua(gem) e aprendizagem.** Campinas: Pontes, 2011, p. 73-92.

FONSECA, C. **Família, fofoca e honra:** etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. 2. ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2004. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/275271>. Acesso em: 17 out. 2024.

FRIEDRICH, C. **A desinformação como um fenômeno complexo e transversal.** UFSM, Santa Maria, 6 out. 2022. Disponível em: <https://www.ufsm.br/cursos/pos-graduacao/santa-maria/poscom/2022/10/06/a-desinformacao-como-um-fenomeno-complexo-e-transversal>. Acesso em: 8 nov. 2024.

G1. **É fake que chá com mistura de jambu, limão, alho e paracetamol cura a Covid-19.** G1 - Fato ou Fake, 24 abr. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/coronavirus/noticia/2020/04/24/e-fake-que-cha-com-mistura-de-jambu-limao-alho-e-paracetamol-cura-a-covid-19.ghtml>. Acesso em: 24 maio 2025.

G1. **Junho de 2013, 10 anos depois: os protestos que mudaram o país.** Disponível em:

<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/06/04/junho-de-2013-10-anos-depois-os-protestos-que-mudaram-o-pais.ghtml>. Acesso em: 19 abr. 2025.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. Disponível em: <https://ayanrafael.com/wp-content/uploads/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2024.

GOMES, F. W. B.; SILVA, A. P. O. Multimodalidade e persuasão em uma peça publicitária audiovisual. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 8, n. 2, p. 55-79, maio/ago.2018. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/1158>. Acesso em: 16 jul. 2024.

GUALBERTO, C. L.; SANTOS, Z. B. dos. Multimodalidade no contexto brasileiro: um estado de arte. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, [S. l.], v. 35, n. 2, 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/45274>. Acesso em: 15 maio. 2025.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to Functional Grammar**. 4. ed. Routledge: London and New York, 2014. Disponível em: https://linguisticstudentindonesia.wordpress.com/wp-content/uploads/2020/09/m.a.k.-halliday-christian-m.i.m.-matthiessen-hallidays-introduction-to-functional-grammar-2014-routledge-ligben.lc_.pdf. Acesso em: 10 set. 2024.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to systemic functional grammar**. London: Edward Arnold, 1985.

HALLIDAY, M. A. K. **Language as social semiotic**. London: Edward Arnold, 1978.
HODGE, Bob. **Social semiotics for a complex world: analysing language and social meaning**. 1. ed. Cambridge: Polity Press, 2017.

HODGE, R.; KRESS, G. **Social Semiotics**. Cambridge: Polity Press, 1988.

HOLLAND, J. H. **Ordem oculta: como a adaptação origina a complexidade**. Trad. José Luís Malaquias. Lisboa: Wesley Publishing, 1995.

HOLLAND, J. H. Studying complex adaptive systems. **Journal of Systems Science and Complexity**, Boston, v.19, n. 1, p. 1-8, 2005.

ITO, Carol. **Guia de combate à fake news no zap**. Mina de HQ, 20 abr. 2021. Disponível em: <https://minadehq.com.br/guia-de-combate-a-fake-news-no-zap/>. Acesso em: 24 maio 2025.

JEWITT, C.; BEZEMER, J.; O'HALLORAN, K. **Introducing multimodality**. 1. ed. Abingdon, Oxon: Routledge, 2016.

JEWITT, Carey. Multimodal methods for researching digital technologies. In: PRICE, Sara; JEWITT, Carey; BROWN, Barry (org.). **The SAGE handbook of digital technology research**. Thousand Oaks: Sage, 2013.

JUCÁ, Julyanne. Trump é apontado como a maior fonte de desinformação do mundo, diz pesquisa. **CNN Brasil**, São Paulo, 2 out. 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/trump-e-apontado-como-a-maior-fonte-de-desinformacao-do-mundo-diz-pesquisa/>. Acesso em: 7 mar. 2026.

KISCHINHEVSKY, Marcelo *et al.* WhatsApp audios and the remediation of radio: Disinformation in Brazilian 2018 presidential election. **Radio Journal: International Studies in Broadcast & Audio Media**. V 18, N. 2. Intellect, 2020. Disponível em: https://scholar.google.com.br/citations?view_op=view_citation&hl=ptBR&user=cQR1QSMATAAAJ&citation_for_view=cQR1QSMATAAAJ:0EnyYjriUFMC. Acesso em: 27. dez. 2024.

KISCHINHEVSKY, Marcelo *et al.* Colour as a semiotic mode: notes for a grammar of colour. **Visual Communication**, v.1, n. 3, p. 343-369, 2002.

KISCHINHEVSKY, Marcelo *et al.* **Multimodal discourse: the modes and media of contemporary communication**. London: Arnold, 2001.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading images: the grammar of visual design**. 2. ed. London: Routledge, 2006.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading images: the grammar of visual design**. 3. ed. London; New York: Routledge, 2021.

KRESS, Gunther. Against arbitrariness: the social production of the sign as a foundational issue in critical discourse analysis. **Discourse & Society**, v. 4, n. 2, p. 169-191, 1993. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/42888774?read-now=1&seq=2#page_scan_tab_contents. Acesso em: 21 ago. 2024.

KRESS, Gunther. **Before writing - Rethinking the paths to literacy**. London and New York: Routledge, 1997.

KRESS, Gunther. **Literacy in the new media age**. 1. ed. London: Routledge, 2003.

KRESS, Gunther. **Multimodality: a social semiotic approach to contemporary communication**. New York: Routledge, 2010.

KRESS, Gunther. Semiotic work: Applied Linguistics and a social semiotic account of Multimodality. **AILA Review**, Amsterdam, v. 28, n. 1, p. 49–71, 2015. Disponível em: <https://www.jbe-platform.com/content/journals/10.1075/aila.28.03kre>. Acesso em: 21 ago. 2024.

KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. 12. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013. Disponível em: <https://ppec.ufms.br/files/2020/10/A-estrutura-das-revolu%C3%A7%C3%B5es-cient%C3%A9ficas-Kuhn.pdf>. Acesso em: 03 dez. 2024.

LARSEN-FREEMAN D. **Complex, dynamics systems: A new transdisciplinary theme for applied linguistics?** *Language Teaching*, v. 1, n. 13, 2011.

LARSEN-FREEMAN D. Chaos/Complexity Science and Second Language Acquisition. **Applied Linguistics**, v. 18, n. 2, p. 141-165, 1997.

LARSEN-FREEMAN D. **Complex systems and applied linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

LEFFA, V. J. Se mudo o mundo muda: ensino de línguas sob a perspectiva do emergentismo. **Calidoscópio**, São Leopoldo, v.7, n.1, p.24-29, 2009. Disponível em: http://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/leffa_emergentismo.pdf. Acesso em: 10 mai. 2024.

LEFFA, V. J. Transdisciplinaridade no ensino de línguas: a perspectiva das Teorias da Complexidade. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 6, n. 1, p. 27-49, 2006. Disponível em: <https://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/transdisciplinaridade.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2024.

LEFFA, V. J. ReVEL na Escola: Ensinando a língua como um sistema adaptativo complexo. **ReVEL**, v. 14, n. 27, 2016. Disponível em: https://leffa.pro.br/textos/trabalhos/revel_na_escola.pdf. Acesso em: 15 out. 2024.

LOPES, Gilmar. **Capa da Veja mostrou Bolsonaro dizendo que seus eleitores têm QI próximo de zero?** 2024. Imagem. Disponível em: <https://www.e-farsas.com/capa-da-veja-mostrou-bolsonaro-dizendo-que-seus-eleitores-tem-qi-proximo-de-zero.html>. Acesso em: 20 jun. 2024.

LOPES, Gilmar. **Casal homossexual espancou o filho ao saber que ele é gay?** 2016. Imagem. Disponível em: <https://www.e-farsas.com/casal-homossexual-espancou-o-filho-ao-saber-que-ele-e-gay.html>. Acesso em: 8 mar. 2025.

LOPES, Gilmar. **Dilma cria lei tornando sigilosas as investigações sobre acidentes aéreos?** 2014. Imagem. Disponível em: <https://www.e-farsas.com/dilma-cria-lei-tornando-sigilosas-investigacoes-sobre-acidentes-aer-eos.html>. Acesso em: 20 jun. 2024.

LOPES, Gilmar. **Dilma mostra o dedo para a torcida que a xingou na Copa!** 2014. Imagem. Disponível em: Disponível em: <https://www.e-farsas.com/dilma-mostra-o-dedo-para-torcida-que-xingou-na-copa.html>. Acesso em: 8 jun. 2024.

LOPES, Gilmar. **É verdade que a Suécia reconheceu o sexo como esporte e vai sediar torneio sexual?** 2023. Imagem. Disponível em: <https://www.e-farsas.com/e-verdade-que-a-suecia-tornou-o-sexo-um-esporte-e-vai-sediar-torneio-sexual.html>. Acesso em: 25 jun. 2024.

LOPES, Gilmar. **É verdade que utilizamos apenas 10% do nosso cérebro?** 2014. Imagem. Disponível em: <https://www.e-farsas.com/e-verdade-que-utilizamos-apenas-10-nosso-cerebro.html>. Acesso em: 12 abr. 2025.

LOPES, Gilmar. **Foto mostra Bolsonaro ainda jovem com seu namorado no Exército!**

Será verdade? 2019. Imagem. Disponível em:
<https://www.e-farsas.com/foto-mostra-bolsonaro-ainda-jovem-com-seu-namorado-no-exercito-sera-verdade.html>. Acesso em: 20 jun. 2024.

LOPES, Gilmar. **Foto mostra homem nu em curso de arte LGBT para crianças na França?** 2022. Imagem. Disponível em:
<https://www.e-farsas.com/foto-mostra-homem-nu-em-curso-de-arte-lgbt-para-criancas-na-franca.html>. Acesso em: 20 jun. 2024.

LOPES, Gilmar. **Fotos mostram o agressor de Bolsonaro ao lado de Lula! Será?** 2018. Imagem. Disponível em:
<https://www.e-farsas.com/fotos-mostram-o-agressor-de-bolsonaro-ao-lado-de-lula-sera.html>. Acesso em: 17 ago. 2024.

LOPES, Gilmar. **Idosa flagrada em atos golpistas de 8 de janeiro de 2023 com bíblia na mão pegou 17 anos de prisão?** 2024. Imagem. Disponível em:
<https://www.e-farsas.com/idosa-flagrada-em-atos-golpistas-de-8-de-janeiro-de-2023-com-biblia-na-mao-pegou-17-anos-de-prisao.html>. Acesso em: 15 dez. 2024.

LOPES, Gilmar. **Imane Khelif participou do boxe feminino nas Olimpíadas mesmo sendo uma mulher trans?** 2024. Imagem. Disponível em:
<https://www.e-farsas.com/imane-khelif-participou-do-boxe-feminino-nas-olimpiadas-mesmo-sendo-uma-mulher-trans.html>. Acesso em: 20 jun. 2024.

LOPES, Gilmar. **Lula disse mesmo que Alckmin foi contra o impeachment de Dilma Rousseff?** 2022. Imagem. Disponível em:
<https://www.e-farsas.com/lula-disse-mesmo-que-alkmin-foi-contra-o-impeachment-de-dilma-rousseff.html>. Acesso em: 20 jun. 2024.

LOPES, Gilmar. **Lula e Maduro tiveram 51,2% dos votos em suas respectivas eleições?** 2024. Imagem. Disponível em:
<https://www.e-farsas.com/lula-e-maduro-tiveram-512-dos-votos-em-suas-respectivas-eleicoes.html>. Acesso em: 20 jun. 2024.

LOPES, Gilmar. **Mapa mostra ataques a igrejas católicas nos últimos 4 anos na França?** 2024. Imagem. Disponível em:
<https://www.e-farsas.com/mapa-mostra-ataques-a-igrejas-catolicas-nos-ultimos-4-anos-na-franca.html>. Acesso em: 22 jun. 2024.

LOPES, Gilmar. **Neymar foi fotografado por um drone em um motel com vários homens?** 2021. Imagem. Disponível em:
<https://www.e-farsas.com/neymar-foi-fotografado-por-um-drone-em-um-motel-com-varios-homens.html>. Acesso em: 12 jun. 2024.

LOPES, Gilmar. **O Facebook e o Instagram proibiram o uso de emojis de berinjela e de pêssego?** 2019. Imagem. Disponível em:
<https://www.e-farsas.com/o-facebook-e-o-instagram-proibiram-o-uso-de-emojis-de-berinjela-e-de-pessego.html>. Acesso em: 20 jun. 2024.

LOPES, Gilmar. **O ministro da Saúde de Israel contraiu o coronavírus após dizer que a**

doença é um castigo divino aos homossexuais? 2020. Imagem. Disponível em: <https://www.e-farsas.com/o-ministro-da-saude-de-israel-contraiu-o-coronavirus-apos-dizer-qu-e-a-doenca-e-um-castigo-divino-aos-homossexuais.html>. Acesso em: 20 dez. 2024.

LOPES, Gilmar. **Quais foram as fotos usadas na montagem do Jean Wyllys beijando Bolsonaro?** 2019. Imagem. Disponível em: <https://www.e-farsas.com/quais-foram-as-fotos-usadas-na-montagem-do-jean-wyllys-beijando-bolsonaro.html>. Acesso em: 11 dez. 2024.

LOPES, Gilmar. **Torre Eiffel verde e amarela e o Cristo Redentor com as cores da França?** 2015. Imagem. Disponível em: <https://www.e-farsas.com/torre-eiffel-verde-e-amarela-e-o-cristo-redentor-com-as-cores-da-franca.html>. Acesso em: 20 jun. 2024.

LOPES, Gilmar. **Turma da Mônica incentiva ideologia de gênero com a Mônica no corpo de menino?** 2018. Imagem. Disponível em: <https://www.e-farsas.com/turma-da-monica-incentiva-ideologia-de-genero-com-monica-no-corpo-de-menino.html>. Acesso em: 20 jun. 2024.

LOPES, Gilmar. **Uma faculdade paulista usou fotos de ministros do STF como maus exemplos em outdoor?** 2019. Imagem. Disponível em: <https://www.e-farsas.com/uma-faculdade-paulista-usou-fotos-de-ministros-do-stf-como-maus-exemplos-em-outdoor.html>. Acesso em: 20 jun. 2024.

LORENZ, E.N. **The essence of chaos**. Seattle: The University of Washington Press, 1993. Disponível em: [https://eclass.uoa.gr/modules/document/file.php/PHYS289/Βιβλία/Edward%20N.%20Lorenz%20-%20The%20Essence%20of%20Chaos-CRC%20\(2005\).pdf](https://eclass.uoa.gr/modules/document/file.php/PHYS289/Βιβλία/Edward%20N.%20Lorenz%20-%20The%20Essence%20of%20Chaos-CRC%20(2005).pdf). Acesso em: 08 ago. 2024.

LOVATO, C. S. Análise das imagens em notícias de popularização científica. **Travessias**, Cascavel, v. 4, n. 3, p. e4309, 2010. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/4309>. Acesso em: 24 maio. 2025.

LUPA. **Imagem de ‘protesto de universitários nus’ não é de Minas Gerais**. Agência Lupa, 22 maio 2019. Disponível em: <https://www.agencialupa.org/jornalismo/2019/05/22/verificamos-universitarios-nus-mg>. Acesso em: 24 fev. 2026.

MACEDO, Felipe José Fernandes. **Representações do Brasil em reportagens jornalísticas estadunidenses sobre rompimentos de barragens em Minas Gerais**. 2022. 251 p. Tese (Doutorado em Linguística do texto e do discurso) - Programa de Pós-Graduação Em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFMG_bcd5e49da591d5346848d195fdf2dae3. Acesso em: 04 dez. 2024.

MACEDO, Litiane Barbosa; OLIVEIRA, Isabel Souza; LIMA, Lucas Melo. **Multimodalidade e fake News: investigando os significados visuais nas postagens do Facebook contendo notícias falsas**. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 11, n. 3, e2279, p. 526-549, set.-dez./2021. Disponível em:

<http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/2279/0>. Acesso em: 21 ago. 2024.

MACIEL, Isabelle. Em menos de um mês, dois candidatos a prefeito do PL têm vídeos íntimos vazados. **O Povo**, 24 set. 2024. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/politica/eleicoes/2024/09/24/em-menos-de-um-mes-dois-candidatos-a-prefeito-do-pl-tem-videos-intimos-vazados.html>. Acesso em: 25 maio 2025.

MAIA, Denise Giarola. **Diferença e identidade: Análise Discursiva Crítica e Semiótica Social da campanha Ser Diferente é Normal e da série Qual é a diferença?** sobre a síndrome de Down. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/LETR-B6FH43>. Acesso em: 12 maio. 2025.

MAIA, Denise Giarola. Pressupostos da Semiótica Social e da multimodalidade aplicados na transcrição e análise da imagem em movimento. In: SANTOS, Z. B. *et al.* (org.). **Semiótica Social e Multimodalidade: Um tributo a Gunther Kress**. Espírito Santo: Editora Universitária – Edufes, 2023. cap. 7, p. 123-137. Disponível em: <https://repositorio.ufes.br/server/api/core/bitstreams/cdd8b41a-0c9d-40ee-a3a3-faa1ce07520d/content>. Acesso em: 15 set. 2024.

MANSERA, Anderson. O que são as filter bubbles e como elas afetam a sua vida online. **Mobizoo**. [S. L.] 8 set. 2015. Disponível em: <https://mobizoo.com.br/curiosidades/filter-bubble/>. Acesso em 24 fev. 2025.

MERCER, S. Towards a Complexity-Informed Pedagogy for Language Learning. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**. v.13, n.2, 2013, p. 375-398. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/qP4Nqk4kCFJj9TZH4Zcqp5f/?lang=en&format=pdf>. Acesso em: 21 ago. 2024.

MINAYO, M. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, S. F.; GOMES, R.; MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 9-29. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2012/11/pesquisa-social.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2024.

MODE. **Glossary of multimodal terms**. 2012. Disponível em: <https://multimodalityglossary.wordpress.com/mode-2/>. Acesso em: 19 set. 2024.

MOITA LOPES, L. P. Da aplicação de linguística à linguística aplicada indisciplinar. In: PEREIRA e PILAR (orgs.). **Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos**. São Paulo: Contexto, 2009, p. 11-24. Disponível em: <https://ufscdeutsch2010.wordpress.com/wp-content/uploads/2010/10/nps156.pdf>. Acesso em: 02 set. 2024.

MORIN, E. **A cabeça bem feita**; repensar a reforma, reformar o pensamento, 7ª ed. Trad.: Eloá Jacobina. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2002. Disponível em: https://www.sergiofreire.pro.br/ad/MORIN_ACBFf.pdf. Acesso em: 12 out. 2024.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.

MORIN, E. Da necessidade de um pensamento complexo. *In: Para navegar no século 21. Tecnologias do imaginário e cibercultura*. MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da (organizadores). 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2000.

NASCIMENTO, Milton do. Língua(gem) como um sistema complexo: interfases e interfaces. *In: PAIVA, Vera Lucia Menezes de Oliveira; NASCIMENTO, Milton do (org). Sistemas adaptativos complexos: língua(gem) e aprendizagem*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2011. p.61-72.

O'CONNOR, Cailin; WEATHERALL, James Owen. **The misinformation age: How false beliefs spread**: Yale University Press, 2019.

OLIVEIRA, R. A. Complexidade: conceitos, origens, afiliações e evoluções. *In: PAIVA, V. M. O.; NASCIMENTO, M. (Org.) Sistemas Adaptativos Complexos: Língua(gem) e Aprendizagem*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2011.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. Língua(gem) como sistema complexo e multimodalidade. **ReVEL**, v. 14, n. 27, 2016 [www.revel.inf.br].

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira; NASCIMENTO, Milton. **Sistemas adaptativos complexos: língua(gem) e aprendizagem**. São Paulo: Pontes Editores, 2011. ISBN 978-8571133419.

PALAZZO, L. A. M. **Complexidade, caos e auto-organização**. *In: OFICINA DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL*, 3., 1999, Pelotas. Anais... Pelotas: Educat, 1999. p. 49-67. Disponível em: http://algol.dcc.ufla.br/~monserrat/isc/Complexidade_caos_autoorganizacao.html. Acesso em: 12 set. 2024.

PEIRCE, Charles S. **Semiótica**. Tradução seletiva dos CP. TEIXEIRA COELHO NETO, José. São Paulo: Perspectiva, 1977; 3ª ed. 1999.

PICKERING, W. A. Sistemas Adaptativos Complexos: língua(gem) e Aprendizagem. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 51, p.517-526, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/tla/v51n2/a12v51n2.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2024.

PRADO, M. **Fake News e inteligência artificial: o poder dos algoritmos na guerra da desinformação**. 1. ed. São Paulo: Edições, 2022. 423 p.

RESENDE, Viviane de Melo. **Análise de discurso crítica e realismo crítico: implicações interdisciplinares**. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 93 páginas, 2009. Disponível em: https://www.academia.edu/16380217/An%C3%A1lise_de_discurso_cr%C3%ADtica_e_Realismo_Cr%C3%ADtico_implica%C3%A7%C3%B5es_interdisciplinares. Acesso em: 28 nov. 2024.

RIBEIRO, A. E. **Textos multimodais: leitura e produção**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

RODRIGUES, Mateus. **Bolsonaro contraria ciência e diz a apoiadores que eficácia de máscara é quase nenhuma.** G1, 19 ago. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/08/19/bolsonaro-contraria-ciencia-e-diz-a-apoiadores-que-eficacia-de-mascara-e-quase-nenhuma.ghtml>. Acesso em: 24 maio 2025.

SANTAELLA, L. **A pós-verdade é verdadeira ou falsa?** 1. ed. Barueri, SP: Editora Estação das Letras e Cores, 2018. 96 p.

SANTAELLA, L. **O que é semiótica?** São Paulo: Brasiliense, 1983. 86 p. Disponível em: https://projetoex-votosdobrasil.net/wp-content/uploads/2023/01/146282759-o-que-e-semiotica_1.pdf. Acesso em: 17 abr. 2025.

SANTAELLA, Lucia; NOTH, Winfried. **Introdução à semiótica.** 1. ed. São Paulo: Paulus Editora, 2022.

SANTOS, Z. B.; GUALBERTO, C. L. (org.). **Semiótica Social e multimodalidade: Um tributo a Gunther Kress.** Vitória: Edufes, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufes.br/server/api/core/bitstreams/cdd8b41a-0c9d-40ee-a3a3-faa1ce07520d/content>. Acesso em: 15 set. 2024.

SANTOS, Zaira Bomfante; BARBOSA, Vânia Soares; GUALBERTO, Clarice Lage. **Semiótica Social e Multimodalidade pelas lentes de Kress.** *Revista de Estudos da Linguagem*, [S. l.], v. 31, n. 4, p. 1685–1699, 2024. DOI: 10.17851/2237-2083.31.4.1685-1699. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/relin/article/view/55207>. Acesso em: 12 maio. 2025.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Cours de linguistique générale.** BALLY, Charles; SECHEHAYE Albert (orgs.). Paris: Payot, 1916, 25^a ed. 1986. Trad. de CHELINI, Antônio *et al.* Curso de linguística geral. São Paulo: Cultrix, 1969. SILVA, Ametista de Pinho Nogueira. **Linguística aplicada: O que é? Como se faz?** 1. ed. São Paulo: Pontes, 2020.

SILVA, D. B. T.; BARBOSA, J. R. A. Gramática do Design Visual: uma análise da metafunção representacional em charges acerca do racismo. *Colineares*, Mossoró, Brasil, v. 8, n. 1, p. 90–109, 2021. Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/RCOL/article/view/3475>. Acesso em: 24 jul. 2024.

SILVA, Daniel do Nascimento e. ‘A propósito de Linguística Aplicada’ 30 anos depois: quatro truísmos correntes e quatro desafios. *DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, [S. l.], v. 31, n. 4, 2015. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/22229>. Acesso em: 24 fev. 2026.

SILVA, M. M.; CENDÓN, B. V. Estratégia, método e conteúdo: três componentes para compreensão das campanhas contemporâneas de desinformação. *BiblioCanto*, Rio Grande do Norte, v. 8, n. 1, p. 21-44, jan./mar. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bibliocanto/article/view/27527>. Acesso em: 31 maio. 2025.

SILVEIRA, R. C. P.; CUNHA, A. H. **Gramática do design visual e tiras: multimodalidade e produção de sentidos.** 1. ed. Ponta Grossa: Atena, 2021. 149 p. Disponível em:

<https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/599856/1/Gram%C3%A1tica%20do%20design%20visual%20e%20tiras%20multimodalidade%20e%20produ%C3%A7%C3%A3o%20de%20sentidos.pdf>. Acesso em: 03 dez. 2024.

SOARES, Gabriela. **Estudo da USP sobre máscaras na COVID-19 é inconclusivo e gera desinformação**. 2025. Imagem. Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2025/03/24/estudo-da-usp-sobre-mascaras-na-covid-19-e-inconclusivo-e-gera-desinformacao>. Acesso em: 25 jun. 2024.

SOARES, Gabriela. **Influenciadores de marketing digital ensinam como criar notícias falsas para vender produtos**. Agência Lupa, 15 nov. 2024. Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2024/11/15/influenciadores-de-marketing-digital-ensinam-como-criar-noticias-falsas-para-vender-produtos>. Acesso em: 7 abr. 2025.

SOUZA, Gustavo M.; BUCKERIDGE, Marcos S. Sistemas complexos: novas formas de ver a Botânica. **Brazilian Journal of Botany**, v. 27, p. 407-419, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbb/a/4NqfQKWYDH8WvcXLmPRQxDR/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 21 ago. 2024.

SOUZA, Maria Medianeira; SANTOS, Roberto; MENDES, Wellington Vieira. Gunther Kress, ciência e multimodalidade: do mar ao sertão e do sertão ao mar. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, [S. l.], v. 22, n. 1, p. 342–364, 2021. DOI: 10.26512/les.v22i1.37265. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/37265>. Acesso em: 11 maio. 2025.

SOUZA, V. V. S. **Dinamicidade e adaptabilidade em comunidades virtuais de aprendizagem**: uma textografia à luz do paradigma da complexidade. 2011. 256f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFMG_a64a66eb67121378f8c98d54d1d821f7?print=1. Acesso em: 12 set. 2024.

TIBURTINO, Vanessa. **A multimodalidade no livro didático de língua inglesa**: diálogo entre a paisagem semiótica dos textos e as orientações direcionadas ao professor e ao aluno. 2022. 365 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos), Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/50987>. Acesso em: 21 ago. 2024.

VAN DER LINDEN, Sander; ROOZENBEEK, Jon. **Psychological inoculation against fake news**. In: LEVANDOWSKY, Stephan; ECKER, Ullrich K. H.; COOK, John (org.). *The psychology of fake news: accepting, sharing, and correcting misinformation*. London: Routledge, 2020. p. 147-169. Disponível em: <https://doi.org/10.4324/9780429295379-11>. Acesso em: 7 mar. 2025.

VAN LEEUWEN, Theo. Towards a semiotics of typography. **Information Design Journal**, v. 14, n. 2, 139-155, 2006.

VAN LEEUWEN, Theo. **Introducing social semiotics**: an introductory textbook. London: Routledge, 2005.

VEIGA, L. V.; ARAÚJO JÚNIOR, J. S. Linguística aplicada indisciplinar e teorias da complexidade: intersecções em torno da aprendizagem de línguas adicionais. **Estudos da linguagem: instrumentos teóricos e metodológicos** / Organizadores, Ana Lúcia Rocha Silva, Maria da Graça dos Santos Faria, João da Silva Araújo Júnior. — São Luís: EDUFMA, 2022. v. 1, 208 p.: il. Disponível em: <https://www.edufma.ufma.br/index.php/produto/estudos-da-linguagem-instrumentos-teoricos-e-metodologicos-2/>. Acesso em: 12 out. 2024.

VIEIRA, Mariana *et al.* Um modelo de enfermagem como sistema complexo adaptativo. **Aquichan**, v. 9, n. 3, p. 212-221, 2009. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/741/74112147002.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2024.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. **Desordem informacional**: para um quadro interdisciplinar de investigação e elaboração de políticas públicas. Tradução de Pedro Caetano Filho e Abílio Rodrigues. Rev. Isabela Carneiro e Lucas Andrade. Coleção CLE - Unicamp, volume 92. Campinas: editora CLE, 2023. 211p. Disponível em: <https://www.cle.unicamp.br/ebooks/index.php/publicacoes/catalog/book/93>. Acesso em: 20 mar. 2024.